

EXCERTOS DO LIVRO: CORRIJA O SEU FILHO
MONS. ÁLVARO NEGROMONTE

EDIÇÕES RUMO S.A. RIO DE JANEIRO – 1961

ÍNDICE TRANSCRITO



- 1- CORREÇÃO DAS CRIANÇAS
- 2- O AGITADO
- 3- O COLÉRICO
- 4- O DESOBEDIENTE
- 5- O EGOÍSTA
- 6- O QUE NÃO QUER ESTUDAR
- 7- O QUE MEXE NO ALHEIO
- 8- O GULOSO
- 9- O MEDROSO
- 10- O QUE FALTA À VERDADE
- 11- O ORGULHOSO
- 12- O PREGUIÇOSO

1- CORREÇÃO DAS CRIANÇAS



NECESSIDADE DA CORREÇÃO

Pensem-no embora os naturalistas e os pais mais ingênuos ou cegos de mal entendido amor, não há crianças sem defeitos. Por bem dotadas que sejam, sempre o terão. Se muito fortes, as próprias qualidades os trazem consigo. Por isso é de necessidade a correção.

Deus a ordena - "Quem poupa a vara odeia o filho; mas quem o ama corrige-o na hora oportuna" (Pv. 13,24). (Não tomemos a palavra ao pé da letra, como apologia do castigo físico... falando a linguagem dos homens do seu tempo, a Bíblia quer inculcar a necessidade da correção, que é o essencial no seu pensamento, sendo o meio a parte acessória. Aqui, como em muitos outros passos da Escritura, devemos lembrar a sua própria advertência: "A letra mata, mas o Espírito vivifica").

"Não poupes a correção à criança" (Pv 13,24). "Aquele que ama o seu filho corrige-o com freqüência, para que se alegre mais tarde" (Eclo. 30,1). E São Paulo, escrevendo aos efésios: "E vós, pais, não provoqueis vosso filhos à ira, mas educai-os na disciplina e na correção, segundo o espírito do Senhor" (Ef. 6,4).

A razão a requer - A situação do homem em face da moral não é apenas um dado da fé. Faz parte da Revelação, é fundamental ao Cristianismo, porque o Senhor veio para restituir-nos a graça, perdida na queda do pai da humanidade. São Paulo diz que não faz o bem que quer, e sim o mal que não quer; e sente no corpo uma força que luta contra a força do espírito (Cf. Rm. 7,19-23). São Pedro, na sua primeira Epístola, fala igualmente "dos desejos da carne que combatem contra a alma" (2,11).

A razão nos mostra a verdade desta situação. Cada um de nós pode repetir o poeta francês que sentia dois homens em si - um que anseia pelo ideal, outro que se inclina para os instintos, arrastando-se para erros e desvios, que requerem correção. Correção maior ou menor, própria ou alheia - conforme o caso.

A criança a exige - Sem uso da razão, ou com este apenas começando, movida pela sensibilidade em pleno domínio, a criança não tem capacidade para discernir o bem do mal, nem vontade suficiente para deter-se em face das solicitações instintivas. É o educador que a deve orientar para fazer o bem e evitar o mal, corrigindo-a, quando ela errar. Sem essa correção, corre a criança o risco de confundir noções contrárias, cuja distinção é essencial à vida moral. Para a criança o bem é o que os pais lhe permitem, o mal o que eles lhe proíbem.

A experiência o confirma - Em todos nós estão os germes de virtudes e vícios, lançados pela própria natureza. Nos cristãos, o Batismo infundiu as virtudes teologais e os dons do Espírito Santo. Mas importa cultivar o campo, a fim de que a boa semente brote, cresça e frutifique, e o joio seja erradicado. Deixado a si o terreno, despontam mais facilmente os espinhos que a boa semente.

É esta a lição da experiência: sem orientação e correção, crescem as crianças estragadas e viciosas; enquanto os frutos de virtude sazonom nas que tiveram o cultivo dos educadores.

Finalidade

É tríplice a finalidade da correção, cada uma marcada por valores, ligada à ordem social.

Restaurar a ordem moral - Essencial para qualquer pessoa, este aspecto é ainda mais importante para as crianças, cujo critério para distinguir o bem e o mal, é às vezes, exclusivamente, o modo de agir dos educadores. Se ela cometeu uma falta contra a moral - um pequeno furto, uma desobediência, uma mentira, etc. -, e não lhe exigimos a reparação, pode parecer-lhe não ser mal o que fez. Ou se lhe exigirmos umas vezes, e outras não, causamo-lhes confusão, pois não sabe se o seu ato foi bom ou mau.

Esse sentido de restauração da ordem moral, superior aos homens porque pertence à essência das coisas, é indispensável à pedagogia da correção.

Emendar a criança - Do interesse pessoal do educando, aqui está o mais importante da correção. No que tange à ordem moral e à social, o trabalho seria mais fácil. A face pedagógica é mais delicada e complexa, porque lida diretamente com a criança. Em que consiste?

- Fazer que a criança "compreenda o erro" cometido e "procure evitá-lo" no futuro. - Não deseja punir, mas melhorar. Se a criança ainda não é capaz de compreensão propriamente dita, vai-se amestrando, lastreando o subconsciente e canalizando as energias para o bem. Sendo capaz de compreender, o trabalho do educador é movê-la ao desejo de corrigir-se, conseguir-lhe o arrependimento da falta e a deliberação de evitá-la.

- Impedir os maus hábitos e facilitar os bons. - Formentando o desenvolvimento dos bons germes e combatendo os maus, iremos afastando a criança do vício e afeiçoando-a a virtude. Por sua natural inexperiência, ela errará muitas vezes os caminhos da vida: nós a faremos voltar sobre si e tomar os caminhos certos, até que os aprenda, até que os possa acertar por si, sem mais precisar de guia.

(Para a formação dos hábitos não basta a repetição dos atos, a qual não representa educação. O hábito só é durável quando vem de dentro para fora, parte da convicção e da vontade do sujeito. O trabalho do educador está em dar à criança a convicção da necessidade e o desejo de realizá-la.)

- Inclinar para o dever. - A correção não é trabalho de adestramento de animais: mero repetir mecânico até o hábito, firmado em reflexos condicionados. nem se contenta em castigar, para que a criança evite o erro por medo. Ela é, na verdade, meio educativo: quer formar a consciência, aguçar o senso moral, ensinar a julgar, dar autodisciplina, ensinar o cumprimento do dever.

- Ensinar "como" proceder bem. - A correção visa ao ideal: orienta-se para ele, e não o perde vista - como tudo o que é realmente educativo. Mas caminha para ele passo a passo. É método: diz "como" agir, ensina a fazer, facilita a tarefa. É ajuda pessoal, de ordem prática, de mestre a aprendiz;

- Criar facilidades à virtude - Posta em condições favoráveis, a criança terá facilidades maiores para o dever e a perfeição. Mais do que o adulto, ela cede às sugestões do meio. Por isso, temos maior obrigação de aplainar-lhe o caminho do bem:

* ajudando-a a superar os defeitos, fraquezas e más tendências naturais;

* suprimindo ou enfraquecendo as influências nocivas a sua formação - no lar, na sociedade, na escola;

* dando-lhe resistência para as inevitáveis ocasiões de tropeço: na rua, na escola, nas visitas... - pois são perigos normais, a que ela deve saber resistir, uma vez que não a queremos educar artificialmente, em redoma ou estufa, mas no mundo, ensinando-lhe a superá-lo, tal como fez Jesus com seus discípulos: "Não peço que os tire do mundo, mas que os preserves do mal" (Jo. 17,15);

* desenvolvendo-lhe a vida espiritual, a fim de que, pela graça, pela oração, pelo temor a Deus, pelo exemplo dos nossos maiores na fé, ela "não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal pelo bem" (Rm. 12,21), e - melhor ainda - faça do mal que lhe aparecer uma ocasião de apostolado.

Assegurar a ordem - Não subsistirá uma sociedade que não respeita os princípios morais. A impunidade de crimes e vícios é grande responsável pelas desordens que afligem os nossos tempos. Não corrigir os culpados é abrir caminho a novas faltas dele e dos outros. A experiência nos é por demais farta e onerosa, e dispensa insistência.

Se isto é verdade para adultos, quanto mais para crianças! Negligenciada a correção, abre-se a brecha: a nau da disciplina entra a fazer água, e não tardará o naufrágio, a menos que lhe acudam com redobrados trabalhos.

Corrigir não é castigar

O que dissemos marca a diferença entre correção e castigo - aquela, essencialmente emendativa, e este, ordinariamente punitivo. Aliás, os próprios nomes falam por si.

Há mais de um século, o grande pedagogo francês Monsenhor Dupanloup acentuava esta diferença, de que não tomaram conhecimento os educadores em geral.

Para os que procuram mais o próprio sossego que o progresso moral dos filhos, castigar é mais cômodo: umas palmadas no pequenino que jogou a merenda no chão, uns bofetões no rapazola que respondeu com arrogância, chineladas na menina que entornou tinta no vestido novo, um mês sem passeio para quem não teve média na prova parcial, trancar as crianças no quarto dos fundos porque perturbaram o silêncio de que precisa o pai, e outras medidas policiais do mesmo teor dão "soluções" imediatas, que contentam o adulto desprevenido, mas nada adiantam à educação, e, pelo contrário a prejudicam.

A experiência ensina que os castigos são aplicados precisamente nas condições em que não se deve sequer tentar a correção, isto é, sob o impulso das paixões. É na hora da zanga que os filhos apanham! Quando me consultam a respeito de castigos físicos, não perco tempo em combatê-los: aprovo-os, desde que deixem passar a excitação e, amanhã ou depois, de sangue frio, cabeça serena, chamem a criança, para malhá-la.

A resposta é única e infalível: "Ah! mas assim ninguém tem coragem"... É um ato impulsivo, bárbaro, desumano, que só se faz quando não se raciocina! Filho da vingança, e não do amor.

Por isso mesmo, longe de educar, os castigos conseguem apenas:

- revoltar as crianças briosas;
- inferiorizar as tímidas;
- eliminar o amor e a confiança, que serão substituídas pelo medo e pela deslealdade;
- fixar as obstinadas, apegando-as cada vez mais a suas faltas, agravando-lhes a situação, dificultando-lhes a correção;
- humilhar, em lugar de estimular (que é a grande tática do educador)
- amedontrar, criando hipocrisias;
- orientar noutro sentido as violências represadas, que se compensarão no furto, na mentira, na impureza, e noutros derivativos da infelicidade;
- apurar a técnica dos faltosos, para escaparem à férula;
- levar ao desespero - menino que foge de casa, menina que casa com o primeiro doidivanas que lhe aparece, para escaparem à tirania do lar.

Os adeptos dos castigos, sobretudo dos castigos físicos, alegam, satisfeitos, os resultados de sua "paudagogia". De fato, há crianças de tão boa índole que se corrigem mesmo assim; mas são raras. Comum é dar-se apenas uma aparência de melhora.

Eliminam-se ou diminuem os frutos, mas a raiz fica, e frutificará de novo, quando cessar a pressão. A pobre criança cede, vítima de dois elementos que a dominam - por fora à força dos castigos, por dentro a tendência que permanece intacta, quando não reforçada pela oposição.

Mais comum é virem os pais trazer-vos o adolescente traumatizado, revoltado, endurecido ou humilhado, entregue a vícios, "incorrigíveis", pedindo nossa ajuda: "Já fizemos tudo, e ele continua cada vez pior."

Há, infelizmente, casos em que somos obrigados a impor castigos, em vista da fraqueza de certos educandos, que é necessário conter mesmo a contragosto seu. Mas então deve o educador procurar o bem direto da criança, e não uma satisfação à sua autoridade ou uma justificativa à preguiça de educar.

Fica, pois, acentuada a diferença entre castigo e correção, para que abramos mão daquele e pratiquemos esta.

Trabalho de educação

É a correção puro trabalho educativo, em que nós somos apenas instrumentos extrínsecos e transitórios, dispensados tão logo esteja terminada a tarefa, e a criança é o elemento primordial, a ser interessada na autodisciplina.

A correção só realiza o fim se atingir o íntimo da criança, criando-lhe uma atitude interior, profunda, pessoal. Ela deseja uma mudança, determinada pelo próprio educando, o qual se convence de que agiu mal, arrepende-se e se dispõe a emendar-se.

O educador tem o seu papel, importantíssimo, indispensável (porque a criança é ainda incapaz de realizar sozinha tão difícil tarefa); mas é apenas um auxiliar. A sua função, nem sempre agradavelmente recebida, é ajudar. O trabalho decisivo é do educando. Ninguém o modifica, arrepende, delibera e corrige: é ele que se modifica, se arrepende, se delibera e se corrige. Ele não o conseguirá sem nossa ajuda; mas o trabalho de corrigir-se é dele - de sua compreensão, de sua consciência, de seus esforços.

Nossa grande virtude está em conseguirmos que ele queira corrigir-se.

Os pais e a correção

Em face da correção dos filhos, podemos classificar os pais em cinco categorias:

- os cegos: não vêem as faltas dos seus encantadores rebentos;
- os fracos: não têm coragem ou autoridade para corrigir;
- os negligentes: não cuidam da correção dos filhos;
- os ignorantes: retos, bem intencionados, não sabem, contudo, como proceder;
- os certos: mercê de Deus, os temos, e em número crescente.

Para curar os cegos, só Cristo, multiplicando por toda parte piscinas de Siloé, para que eles se lavem e vejam (Cf. Jo 9,7). Quanto aos mais, ajude-os e ilumine-os a graça de Deus, que outra finalidade não temos senão animar os fracos, despertar os negligentes, ensinar os de boa vontade, e estimular os certos.

Querer corrigir

Parte essencial da educação, é a correção grave dever dos pais. Alguns, porém, se negam a cumpri-lo, esquecidos de que, mais do que a si, prejudicam as pobres crianças, cujo futuro gravemente comprometem. Lembremo-lhes as severas admoestações da Bíblia. Destaquemos o cap. 30 do Eclesiástico, nos 13 versículos primeiros, por ser o trecho que mais densamente fala do assunto (conferir).

Conhecer os filhos

Decididos a corrigir os filhos, sincera e eficazmente decididos, a primeira medida é cuidar de conhecê-los, para saber o que lhes hão de emendar.

Os conhecimentos da psicologia infantil são necessários aos pais, sobretudo às mães. É pena que os colégios femininos não os ministrem as suas alunas, juntamente com outros elementos igualmente necessários às mães de família. Para suprir esta deplorável deficiência, procurem os pais conhecer as características da alma infantil nas etapas do desenvolvimento, inclusive a adolescência. Isto lhes facilitará bastante o trato com os filhos.

Além desse conhecimento genérico, há outro, mais imediato, concreto e prático, que desejo encarecer. É preciso conhecer cada criança, na sua realidade. E para isto é sumamente importante que os pais tenham olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Olhos a ver

Há pais que só enxergam qualidades em seus filhos. Sem dúvida, é necessário ressaltá-las, para estimular seu desenvolvimento, que nada é tão benéfico como um sadio otimismo. Mas é também necessário ver os defeitos, para corrigi-los. Outros são ainda piores: não querem ver. Mesmo quando lhes apontam um defeito da criança, eles se negam a reconhecê-lo. Não é defeito: é até qualidade! Exemplo:

O menino, 11 anos, chegou se gabando de ter enganado o coleguinha na troca de umas bolas de gude; chamei a atenção da mãe para a desonestidade do filho, e ela me respondeu: "Todos eles são assim: têm um jeito para negócios!... Puxaram ao pai."

Ouvidos de ouvir

A convivência permanente às vezes dificulta o bom conhecimento. Um olhar estranho observa melhor, máxime se for de educador, habituado à observação interessada de qualidades e defeitos. Chamando a atenção de amigos para qualidades e defeitos de seus filhos, tenho ouvido deles que ainda não os tinham notado, embora sejam cuidadosos na educação. E alguns ficam agradecidos pela indicação. Outros, porém, não querem ouvir, pensam (e dizem) que estamos acusando os "filhinhos da mamãe", tomam atitude defensiva (quando não ofensiva...), justificam os mais evidentes defeitos, estabelecem comparações com outras crianças em face das quais seus filhos são até muito bons!

Alguns exemplos

Da minha longa experiência poderia citar centenas de casos.

- Tendo-lhe o filho respondido grosseiramente, e como eu o chamasse arrebatado, o pai redargüiu: "É muito brioso!"

- Aconselhei especiais cuidados, inclusive médicos, para um menino com evidentes sinais de efeminado; a mãe logo o defendeu: "É tão carinhoso!"

- Outra mãe, a quem notei que o filho era demasiado indolente, saiu-se com esta: "Quem me dera que todos fossem sossegados como ele!"

... Desnecessário prosseguir. Todos, infelizmente, conhecem casos semelhantes, também em grande número. É pena, porque, ouvindo os mestres, os parentes, os amigos verdadeiros, os entendidos em pedagogia, podem os pais encaminhar melhor a correção, vale dizer a educação dos filhos. Se, porém, os não conhecem, como corrigi-los?

Desenganam-se, enquanto é tempo, os que se negam a ver e ouvir a verdade, a pretexto de "adorarem" os filhos. O verdadeiro amor não é o que quer bem, mas sim o que quer o bem. Fechar os olhos sobre os defeitos das crianças é preparar-lhes uma vida de tropeços e desgostos, porque os estranhos não terão com eles a mesma tolerância dos pais, e mais tarde os próprios filhos sentirão dificuldades, praticamente insuperáveis, para se corrigirem.

Não porque as faltas em si sejam incorrigíveis (os irrecuperáveis estão hoje reduzidos a número cada vez menor), mas porque a pessoa não adquiriu capacidade de emendar-se. Falta-lhe força de vontade, mesmo quando reconhece os erros e a necessidade de eliminá-los.
Saber corrigir

Além de conhecerem os filhos, devem os pais saber como agir, a fim de alcançarem os desejados efeitos. Não bastam boas intenções. A correção tem normas e técnicas. Sem isto, poderá ser contraproducente. Vejamos qual deve ser a boa correção.

1.º) Rara

O educador deve ver tudo, dissimular muito, corrigir quando necessário.

- Ver tudo, para conhecer bem a crianças, não se deixar surpreender, nem passar por tolo aos olhos das próprias crianças.

- Dissimular muito, porque muitas faltas não têm realmente importância, umas são próprias da idade e passam com ela, outras as próprias crianças notam e, quando estão sendo educadas, tratam de emendar por si.

- Corrigir quando necessário, porque a correção demasiada é prejudicial à educação. Quando muito freqüente, ela:

* perde o salutar efeito de inspirar desgosto à falta cometida, com o conseqüente desejo de emenda;

* enfraquece a autoridade do educador, ao invés de reforçá-la, como o faz, desde que seja rara;

* insensibiliza a criança, que já não acode às advertências, pela própria impossibilidade de fazê-lo;

* pode mesmo ser contraproducente, tornando-se irritante - e nas poucas recomendações que fez São Paulo sobre a educação dos filhos pediu que não os irritassem (Ef. 5,4).

Premidas por uma disciplina muito estreita, censuradas a cada instante, derivam as crianças para a falta de brio ou para uma situação emocional angustiante, que terminará levando-as ao consultório médico. É pena que muitos pais, precisamente entre os mais

zelosos e bem intencionados, insistam, mesmo quando reconhecem que não adiantam suas intervenções, e que até pioram a situação.

Dir-se-ia que o fazem mais em satisfação à própria consciência (mal orientada) que para o bem do filho. Alguns até se aborrecem, quando lhes pedimos para não intervirem.

2.º) Justa

Há de corresponder a uma falta. O senso de justiça é geralmente muito vivo nas crianças, e elas repelem, magoadas, as correções injustas e as suportam, revoltadas, ainda que se trate de simples advertência. Se as repelem, mesmo que seja apenas interiormente, já elas não produzirão os procurados efeitos.

Quando, por si mesma, a criança percebe que errou e decide retificar-se, a intervenção dos pais será apenas para apoiá-la e estimulá-la no seu propósito.

3.º) Amorosa

Como toda a educação, a correção é obra do amor. Quando reveste aspectos muito ásperos, há de ser (e parecer) tão dolorosa a quem a aplica quanto a quem a recebe - como certos tratamentos médicos que somos obrigados a fazer das crianças, sabe Deus com que dores no coração. Em qualquer caso, ela revelará sempre o cumprimento de um dever, a preocupação de fazer bem, manifestação do amor. Para isto, ela será:

* calma: o educador, no perfeito domínio de si, moderado nas palavras, nos gestos e no olhar, para que não lhe saia obra de cólera o que só deve ser obra de amor, lembrando de que "só a razão tem o direito de corrigir", como disse Fénelon, e que quem se deixa levar pelas paixões está mais precisado de impor a correção a si do que aos outros;

* bondosa: não a imporemos jamais porque fomos nós desobedecidos, mas porque a criança a requer; não lhe daremos o aspecto de vingança ou desforra, mas de expiação da ordem violada; nunca por motivos nossos, mas pelos interesses da criança e pela manutenção da moral. Por isso, evitaremos as zombarias e humilhações, que mais servem para irritar e endurecer que para mover as crianças e sobretudo a mudarem de vida.

4.º) Profunda

Só é eficaz a correção que vai à raiz das faltas. Não basta ver que a criança furtou: é preciso ver por que furtou. Como não basta obrigá-la a restituir o objeto furtado: é preciso remover o móvel do furto. Diga-se o mesmo dos outros defeitos.

Há faltas isoladas, fruto de meras ocasiões, acidentais portanto: para essas bastam às correções superficiais. Mas há também as que correspondem tendências profundas: se não lhes formos à raiz, ficaremos a limpar permanentemente o terreno, na certeza de que novos frutos cairão na primeira oportunidade.

É possível que, à força de insistências, de extrema vigilância e até de castigos haja uma aparência de melhora: - a criança submeteu-se, mas não se corrigiu, porque a tendência não foi atingida e espera apenas o momento de manifestar-se de novo. Ou também

acontece que, reprimida assim numa falta, ela se compensa noutra, às vezes pior do que a primeira...

5.º) Proporcionalidade

Tenhamos o máximo cuidado de fazer que a maneira de corrigir uma falta seja a que melhor permita ao educando ver as funestas conseqüências morais, naturais ou sociais do seu ato. Só assim lhe facilitaremos compreender o próprio erro e querer emendá-lo, formando-lhe o senso moral e a vontade de ser bom.

Para isto a correção deve ser proporcionada à idade, à pessoa, à falta.

* À idade - Nos pequeninos, na medida em que a vida dos sentidos prevalecer, haverá mais um adestramento, com afirmações simples e categóricas, que visam à formação de hábitos e à impregnação do subconsciente. É preciso atingir-lhes a sensibilidade, uma vez que não se lhes pode apelar ainda para a compreensão. Não lhes satisfazer os caprichos, não ceder a suas insistências e lágrimas, não lhes alimentar as más tendências que se manifestam (gula, teimosia, egoísmo, cólera). E procurar encaminhá-los, de modo positivo, por atos que facilitem hábitos bons.

Com o desenvolvimento da inteligência e da vontade, as preocupações vão passando paulatinamente por este terreno. Apela-se para a compreensão, a começar dos motivos mais simples, com tarefas que lhes vão dando o domínio consciente de si, que lhes toquem os gostos ou a liberdade, com ocupações úteis referentes ao que deviam ter feito ou que realizaram mal.

Se a educação tiver normal desenvolvimento, o adolescente já poderá ser chamado totalmente à razão, cabendo-nos apenas ajudá-lo no autogoverno, pois as paixões o seduzem com especial energia.

* À pessoa - Erro comum entre os pais é tratarem os filhos do mesmo modo. Em casos de fracasso, ouvimos com frequência a queixa: "Eduquei todos do mesmo modo, e são tão diferentes..." Cada qual deve ser educado de acordo com suas características.

- Se duas filhas têm tipos físicos diversos - uma gorduchinha e baixa, outra magra e peralta - não ocorrerá certamente à mãe vesti-las com o mesmo manequim, só por serem irmãs. Maiores são as diferenças de espírito e caráter, igualmente visíveis a olho nu. Tratá-las nos mesmos moldes não é tão ridículo, porém é muito prejudicial.

- Imaginem o médico que desse a todas as crianças de sua clínica a mesma receita, alegando que estão na mesma enfermaria, e ele deve tratar a todas do mesmo modo...

É pena que os erros pedagógicos não gritem com a mesma força. Uma errada noção de justiça leva certos educadores a tratarem do mesmo modo todos os educandos. Temem talvez a perda da parcialidade. Fogem às explicações que a diferença de tratamento exige. E prejudicam assim a formação das crianças, pois cada uma delas há de ser conduzidas ao mesmo fim, mas por caminhos diferentes.

* À falta - As faltas são mais ou menos graves, conforme o preceito que violam e as circunstâncias em que foram cometidas. Quem mente por vaidade ou em defesa, e quem

mente calculadamente para caluniar; quem tira a bola do colega, arrastado pelo desejo de ter uma bola, e quem quebra a boneca da irmã por inveja; quem deixa cair o relógio por descuido, e quem o joga no chão por desaforo... Têm todos uma falta a corrigir, mas em graus muito diferentes.

Tanto mais grave a falta, tanto mais cuidadosa a correção. Não percamos de vista o sentido de expiação que ela tem, nem a preocupação de ir às causas, que há de animar o educador e o educando.

Ainda há pais que revelam as desonestidades dos filhos, mas os punem severamente porque quebraram um prato. É porque, infelizmente, muitos pensam mais em castigar que em corrigir. Outros não se importariam com a falta em si, mas se horrorizam com a mera possibilidade de chegar ao conhecimento dos vizinhos...

6.º) Contrária à falta

Cuide o preguiçoso de cumprir bem os deveres realizados sem protelação o seu trabalho de cada dia.

- A menina desarrumada será encarregada de arrumar a casa, tomando consciência do dever a cumprir e do cuidado de fazê-lo bem feito, para a íntima satisfação (e, nos cristãos, para a glória de Deus).
- O egoísta será orientado para a ajuda fraterna em todos os terrenos, principalmente naquele em que mais carecido se revela.
- O mentiroso, que impuser a si mesmo a humilhação de retificar-se, logo perderá o apetite mítico.
- Cura-se mais facilmente o agitado que treinar imobilidades e silêncios voluntários ou compreendidos.
- pede-se aos negligentes o trabalho bem feito, a caligrafia caprichada, etc.

Não julguemos, porém, sejam essas umas fórmulas mágicas que resolvam tudo, rapidamente e que, quando não resolverem, o caso é irremediável. Não há fórmulas mágicas em educação. As soluções rápidas são pedidas em geral pelos que "não têm tempo a perder com os filhos", e por isso perdem os filhos.

Finalmente, se a falta é apenas um sintoma, não é combatendo o sintoma que se cura um mal, mas indo-lhe à raiz - como há ficou acentuado. E se a raiz não for atingida, desesperam os educadores superficiais... e não se corrige a criança...

Joseph Durr ("L'Art des arts") tem a propósito uma página sem grande vôo, mas útil, por isso mesmo, ao educador comum. Ele aconselha que à criança gulosa ou preguiçosa se imponham exercícios físicos, trabalho regular e bem feito; à agitada de dê um regime firme, que lhe exija ordem e pontualidade; à trabalhadora e ambiciosa, inclinada a dominar, oferecem-se ocasiões de moderação, doçura e paciência; à tímida ministrem-se como antídoto, exercícios físicos, trabalhos de jardinagem e mercearia, etc., cultivando-se-lhe a iniciativa e a confiança em si.

Como vemos, freqüentemente a criança nem sabe que está sendo corrigida... O remédio é levado insensivelmente à causa do mal. Em certos casos é mesmo necessário que as nossas intenções não apareçam.

7.º)Oportuna

"Há tempo de calar, e tempo de falar", lembra-nos a Bíblia (Ele. 3,7). Como a semente, que parte de nossa mão e se realiza no seio da terra, assim a correção é, o mais das vezes, de iniciativa nossa, mas se completa no educando, por obra sua. E como a semente não pode ser plantada em qualquer época, porque "há tempo de plantar, e tempo de colher" (ibd. v.2.), também a correção há de aguardar o momento oportuno. Só a propomos (ou impomos), na esperança de êxito. E este depende do acolhimento que só pode ser favorável, se as circunstâncias também o forem.

Na hora da zanga - a tendência é mais para repelir que para aceitar qualquer sugestão de emenda. Em presença de pessoas estranhas, de colegas e mesmo de irmãos, quando implica humilhação, também não será nem aceita. Espera-se que a tormenta passe, aborda-se o educando a sós, e, na calma de lado a lado, propõe-se a desejada medida.

As mães cristãs têm excelente oportunidade quando, depois da oração da noite, vão ver se os filhos estão bem acomodados no leito. Falando em voz mansa e amorosa, sentada à beira da cama, é muito difícil não ser a mãe bem acolhida.

Aguarde-se, pois, o momento oportuno.

Tratando-se de crianças pequenas, não convém protelar muito a correção. Elas esquecem facilmente que cometeram a falta, não estabelecem a necessária ligação entre o erro e a emenda, podem achar injustas as medidas impostas, e então o efeito será contrário.

Em fase desses perigos, podemos recorrer às práticas corretivas sem aludir aos fatos "esquecidos", alcançando os mesmos resultados, sem as contra-indicações.

Já o dissemos acima, mas uma repetição deste feitio faz sempre bem: exige-se o momento oportuno também para o educador, que só deve agir quando pode revelar, pelo domínio de si, que fala nele a razão, e não a paixão, que procura o bem da criança e não o desabafo da própria cólera.

8.º)Perseverante

Da parte da criança, vontade frágil porque ainda em formação, compreende-se que haja desfalecimentos, no constante recomeçar após as faltas. Da parte dos pais, não! Eles hão de querer sempre a correção dos filhos. Sempre - sincera e decididamente. Paciente, mas obstinadamente. Santa obstinação! Não desanimarão com as recaídas, não se abaterão com os insucessos, não se cansarão com as recomendações das mesmas práticas.

Não contarão com resultados fáceis, nem se acovardarão com as dificuldades. Sobretudo, não se resignarão aos defeitos dos filhos; mas lutarão para corrigi-los.

E não será uma luta episódica, descontínua, mas sistemática, branda e permanente. Não é temporal do verão, mas a chuvinha miúda e teimosa, que o povo chama "chiadeira", porque umedece o solo em profundidade.

Aquele amor de mãe que não conhece canseiras nem vê sacrifícios, quando se trata da saúde dos filhos, não se há de mostrar menos dedicado e admirável nas restaurações morais.

O amor ensinará aos pais a serem bondosos até a ternura, mas decididos e persistentes, porque "quem perseverar até o fim é que será salvo" (Mt. 10,22).

9.º) Firme

É por amor, o bem entendido amor, aquele que quer o bem, que a correção há de ser firme- não frágil nem indulgente, mas segura, decidida e forte. Observa o grande pedagogo suíço Foerster ("Instrucion ética de la juventud") que a tendência para a condescendência, característica de nossos tempos, é própria de homens fracos, incapazes de suportar as conseqüências de seus atos, e que se justificam procurando evitá-las também nos outros. De fato, a fraqueza dos responsáveis por crianças e adolescentes gerou e multiplica a "juventude transviada" e a complacência dos responsáveis pela segurança social impulsiona a maré montante de imoralidades e crimes, que a falta de formação religiosa desencadeou.

Condenando os processos da força, sou, no entanto, pela educação forte. A tolerância com os defeitos das crianças leva-as muitas vezes ao crime. E a tolerância com os crimes multiplica os criminosos e agrava os delitos.

A indulgência, ao contrário do que pensam os superficiais, é prejudicial ao educando. Os que a defendem para a primeira falta, guardam a energia para as outras, tão certos estão de que elas virão. Quando mais lógico é ser firme logo que o mal aparece, para evitar que prossiga. "A cobra se mata na cabeça", diz a sabedoria popular. Um tratamento adequado na primeira falta evitará provavelmente à segunda. Isto está na lógica da correção e na psicologia do faltoso. - Na lógica da correção, porque, ao menos quando se trata de lei moral violada, a expiação é exigência indeclinável. Em matéria de Moral, ninguém pode ser tolerante, pois todos lhe estamos igualmente sujeitos.

- Na psicologia do educando, porque se ele associar à primeira falta uma reação desagradável, ficará inclinado a evitá-la; ao passo que, se nenhuma corrigenda lhe foi exigida, é provável que se sinta estimulado a prosseguir no erro.

- Podemos também confundir a criança: ela pensava ter feito realmente um ato mau, esperava reação dos pais, e estes nem ligaram... Então, o ato não é tão mau, pois ninguém ignora que as atitudes dos pais são para os filhos pequenos o critério do bem e do mal. E está aberto o caminho às reincidências...

Porque queremos a correção de todos - menores e adultos - é que reclamamos antes firmeza que indulgência. Esta é geralmente tomada como fraqueza, e nada impressiona tão negativamente as crianças e jovens como a autoridade fraca.

Lembremos finalmente que firmeza não significa rudeza, mas requer a compreensão da criança e a bondade de modos, também necessárias, como já ficou acentuado.

10.º) Curta

As correções muito longas são antes castigos. Na verdade, cansam as crianças, dão-lhes a impressão de injustiças, sendo repelidas - e não produzem efeito, ou o produzem contrário. Certas medidas são mais punitivas que educativas: - um mês sem sair de casa, uma semana tomando as refeições a sós, etc.

Pecam, sobretudo, por tirarem o estímulo à melhora. Se provocarmos desânimo em vez de coragem, não estaremos impulsionando a criança para a perfeição.

Para ajudar na formação de bons hábitos, mais valem medidas mais freqüentes, embora de curta duração. Não, porém, tão rápidas que não dêem para sentir o erro, e nem tão longas que façam esquecer a ligação com a falta, gerando irritação, que é contraproducente.

Cumprindo com facilidade o que lhe sugerimos, sem se cansar, mas até sentindo que era capaz de fazer mais, a criança aceitará com amor o trabalho de corrigir-se, estimulada a novas tarefas, quando necessário. Isto é vital para a correção.

11.º)Esquecida

Tanto mais a criança recai, tanto maior necessidade tem de ajuda. recai porque a tendência lhe é muito forte, ou a vontade ainda muito fraca. Não consegue andar sozinha: precisa de nossa mão. Se, estendendo-lhe a mão, a empurrarmos, ela cairá mais depressa; se a magoarmos, ela receará nossa ajuda; se a irritar-mos, ela nos fugirá. Tanto mais freqüentes as recaídas, tanto mais ela deve ser estimulada.

Ora, nada é tão desestimulante como lembrarmos as faltas cometidas, o número de vezes que propusemos emenda, e o pouco fruto colhido.

Cuidaremos de cada falta como se fosse à primeira. Se a criança multiplica as faltas ou retarda a emenda mais do que seria de esperar, tomaremos as necessárias medidas, sem contudo "amontoar brasas sobre a sua cabeça" (Prov. 25,22).

Humilhada com as nossas alegações, ela virá talvez a concluir que não se corrige mesmo, que é inútil lutar, caindo no desânimo que dificultará, se não impossibilitar, o almejado fim.

Devendo acompanhar a vida moral da criança, o educador não lhe pode esquecer as faltas nem os esforços para corrigir-se, mas não lhe dará a entender que guarda essas lembranças, não lhe falará do passado, dando a impressão de que o que passou está esquecido.

E agirá em função desse "esquecimento", a menos que o passado se ligue diretamente com o problema do momento.

Muito se aborrecem os educandos com a recapitulação de suas faltas, feita cada vez que vão ser corrigidos. É natural: sentem-se envergonhadas. Os que julgam contribuir assim para emendá-los esquecem a força pedagógica do otimismo. E não pesam quando diminui com isso a confiança das crianças. E quando a confiança diminui, aumentam as dificuldades da educação. Bem haja o educador que sabe manter a confiança das crianças tanto nele quanto em si mesmas.



12.º) Cristã

É uma só, mas é infinita a diferença entre o pagão e o cristão: - este é batizado. Assim é também a educação. A cristã faz tudo o que faz a leiga, e contam além disso, com a graça de Deus. A leiga se vale de todos os meios naturais e leva a criança até onde lhe permite a força humana; a cristã continua a subida, amparada nos meios que Cristo ensinou e instituiu para elevar o homem acima de si mesmo e conduzi-lo à perfeição. A educação cristã não contradita a leiga, mas a ultrapassa.

A correção cristã contém elementos que a leiga ignora... quando queremos ensinar a virtude - a mortificação, a paciência, a justiça, a prudência, a fortaleza, a ajuda fraterna, o respeito à lei e às autoridades, a pureza, a dedicação filial - lá está o Cristo, vivo, integral, perfeito.

E não é para nós apenas um exemplo: é a força que nos ajuda, é o estímulo da recompensa que não faltará, é o Senhor onipotente que nos pode alimentar no deserto (Mt. 14,15-20), salvar do naufrágio (Mt. 8,24-26), libertar do demônio (Mt. 12,22).

- Temos o recurso à oração, que os naturalistas ignoram.
- Temos a total confiança em Cristo, que só os que a experimentam sabem quanto é boa e poderosa.
- Temos o exercício da presença de Deus, que está em toda parte, "que sonda os rins e o coração" (Sl. 7,10), que nos detém em face do pecado, como a José (Cf. Gên. 17,1), que nos convida permanentemente à perfeição (Cf. Gên. 17,1), e cujo temor é o começo da virtude (Cf. Sl 110,10).
- Temos o exame de consciência, poderoso elemento do conhecimento de si próprio, sonda que penetra até o fundo das intenções, luz que ilumina o nosso íntimo e nos mostra as causas e raízes de nossos atos e os nossos móveis mais secretos, e que nenhum educador deve dispensar, para si e nos educandos.
- Nós católicos temos o contato vital com a Santa Madre Igreja, com o culto vitalizante da Santa Missa, com a força eficaz dos Sacramentos. Tudo isso eleva e doura a correção

que propomos. Tudo serena e se facilita, quando falamos em amor de Deus, para alegrar a Cristo, para não "crucificar de novo o Filho de Deus" (Heb. 6,6).

O sobrenatural não tem lugar à parte em nossa pedagogia: como o sangue, ele se difunde em todo o organismo; como a alma no corpo, ele está todo na educação cristã e todo em qualquer parte dela. Só nos que o utilizamos sabemos quanto vale. Entre nós, melhor o sabem aqueles que não o conheciam, mas se converteram e o empregam, penalizados do tempo em que o não usaram, jubilosos das maravilhas que produz. Feliz o que baseia a vida e a educação dos filhos no sobrenatural. Por grandes que sejam as dificuldades, são sempre menores que as dos outros, e maiores os frutos. "Receberá o cêntuplo e terá a vida eterna" (Mt. 19,29).

Estabelecer princípios

Talvez tenha ficado longa a exposição, e isto dê a impressão de que é difícil a correção dos filhos. Na verdade, tudo isto é conseguido harmonicamente. Fizemos trabalho de análise. É como o andar: fôssemos explicar o mecanismo da nossa marcha, dificilmente daríamos um passo - contraia tais músculos, distenda outros, firme um dos pés quando levanta o outro, assegure melhor o equilíbrio adiantando o braço direito quando adianta o pé esquerdo... Por felicidade não se faz assim: anda-se simplesmente, e se faz tudo aquilo, sem o perceber... Assim é com a boa educação.

Mas, para facilitar um trabalho de unidade, reduzimos tudo a poucos princípios, que não demandem sequer explicações:

- 1) Saber o que quer: fazer amar e procurar o ideal.
- 2) Querer com firmeza e continuidade.
- 3) Ver tudo, dissimular muito, corrigir o necessário. (o termo dissimular na frase, entenda-se como : fazer vista grossa sobre, deixar passar)
- 4) Ir às raízes das faltas.
- 5) Manter a visão do conjunto.
- 6) Assegurar a confiança das crianças.

Modos de corrigir

Nossa preocupação é levar a criança a praticar a virtude, a fazer bem o que fez mal, evitar a falta cometida, tudo na proporção de suas possibilidades pessoais. Para isto aproveitamos as próprias conseqüências naturais da falta, quando estas se prestam ao aproveitamento pedagógico ou empregamos outros meios proporcionados.

No primeiro caso, as aplicações são variadas.

- Algumas, inócuas: a criança adoece quando come chocolate; mas continua a comê-lo sempre que se lhe oferece ocasião. Não tem força de vontade para resistir.

- Outras irritantes, humilhantes, prejudiciais, vergonhosas até para os pais... a menina remanchona, que não está pronta à hora da saída para o passeio, não vai passear; o mentiroso não será mais acreditado; e noutras: quem rasgou, por estouvamento, o vestido novo, usá-lo-á remendado; quem estragou o caderno à toa, fica sem caderno.

- Outras, realmente proveitosas: a criança que se queimou, mexendo no aquecedor; a

que se feriu com os modos estouvados de brincar; a que foi expulsa do jogo pelos colegas, porque perturbava, etc. No segundo caso, são muito conhecidos os modos de correção, Vejamos.

1) Advertências

Muito úteis, porque previnem a queda: sempre melhor que remediá-las, sobretudo na infância. Justas, oportunas, rápidas, dão bons resultados. (Ver: Jo. 13,8 ; Mt. 26,41)

2) Censuras

São necessárias, para formação do critério moral das crianças ... Não sendo censuradas pelo mal que fizeram, podem reputá-lo indiferente ou bom. Também elas serão, como as advertências, justas, breves, oportunas, e feitas com seriedade, a qual lhes é necessária, mesmo quando forem enérgicas. (Ver: Mt. 26,40 ; Mt. 8,26 ; Mt. 14,31 e Lc. 24,26).

3) Elogios

Superiores à censura, preferíveis portanto. Esta por melhor a façamos, é sempre restritiva e deprimente, ao passo que o homem precisa de estímulos para a virtude, pois, em geral, são poucos os nossos impulsos para ela. Enganam-se os que temem formentar a vaidade, com elogios. Desde que justas e moderadas, que visem ao esforço (e não a qualidades naturais, dons gratuitos de Deus), e que despertam entusiasmo para o bem, confiança em si e amor ao ideal, antes importa usá-los que temê-los.

Também Cristo os empregou em sua pedagogia, (Ver: Mt. 8,10 ; Mt. 25,23)

Sempre que o educando se esforça (mesmo que não alcance o êxito desejado), é digno de encômio. Principalmente quando está interessado em emendar-se: elogiemo-lo, mesmo quando ele consegue apenas diminuir faltas, pois já é progresso.

4) Recompensas

Como tudo que estimula e desperta energias para o bem, são as recompensas elemento valioso na educação. O seu fim é realçar o valor do ato praticado e favorecer a sua repetição. Não somente podem, mas até devem ser outorgadas, dede que:

- contribuam para dar ao educando consciência da obra que praticou, inclinando-o assim a repeti-la;
- levem ao gosto íntimo do dever;
- ajudem a vencer os obstáculos.

Para isto, procuremos evitar:

- recompensas que favoreçam as más tendências: mão dar gulodices aos gulosos, enfeites ás vaidosas, dinheiro aos esbanjadores, etc.;
- prometê-las com freqüências - porque assim perderão a finalidade, e até a subverterão, levando a criança a trabalhar antes pelo prêmio prometido que pelo cumprimento do dever;
- dá-las com muita freqüência, não só porque isto a banaliza como também porque a

criança perde de vista o amor ao dever, passa a trabalhar pela recompensa, e pode até desanimar quando não a receber.

Como gostamos de elogios e presentes, muito se alegram com eles os educandos. E qualquer coisa os contenta, desde que não estejam viciados. De acordo porém, com a finalidade pedagógica, procuremos os que melhor se adaptam às tendências de cada um - afetuosos, honoríficos, instrutivos, artísticos, lucrativos.

Às vezes, o que alegra a um, deixa indiferente ou decepcionado a outro. É necessário que a recompensa contente, porque despertando otimismo, ajuda e favorece no caminho do dever...

Para que a criança queira corrigir-se é preciso que:

- saiba que tem defeitos - o que ela facilmente concede, porque todos neste mundo os têm;
- saiba que tem tal defeito - o que é um pouco mais difícil, porque supõe o conhecimento de si e a humildade (que raro procuramos infundir nos educandos);
- reconheça que cometeu a falta - pois nada há mais revoltante para a criança e sobretudo para o adolescente do que ver-lhe imputada uma falta que não cometeu ou não reconhece como falta;
- esteja intimamente naquelas disposições de penitência, a que acabamos de referir-nos;
- aceite a nossa ajuda.

Tudo isto supõe o trabalho educativo lento, indireto às vezes, paciente, dirigido à inteligência e à vontade do educando. Nem sempre é fácil convencê-lo de que errou: ele se coloca numa posição emocional, e não consegue enxergar o que lhe apontamos de nosso ângulo lógico. Então, é preciso que o compreendamos, para que ele nos compreenda.

Quando alguns pais acusam o filho de "não querer nada", se este não é um anormal, a culpa é deles:

- não o preparam desde cedo;
- contentaram-se com castigos (em vez da correção);
- não o levaram a conhecer-se;
- nunca lhe pediram uma atitude interior;
- nunca o mandaram examinar a consciência em face de Deus;
- não lhe disseram as conseqüências de seu defeito;
- nem lhe deram os motivos profundos para emendar-se.

Não é com gritos, humilhações e castigos que levamos alguém a querer o que queremos...

Evitar a correção

Por positivo que seja o trabalho da correção, no fundo ele é negativo: houve uma falta a emendar... Inteiramente positivo seria evitar a necessidade da correção. Se isto é ilusório, porque "os sentimentos e os pensamentos do coração humano são inclinados para o mal desde a infância" (Gên. 8,21), é possível, contudo reduzi-la ao mínimo. É o que consegue a sólida formação da vontade, ajudada pela disciplina preventiva.

Isto é toda a educação, e não cabe neste fim de capítulo. Aqui desejamos apenas deixar aos pais cuidadosos a esperança, e dar-lhes alguns marcos que os possam orientar nessa jornada.

Cultivar virtudes

Na terra virgem da alma infantil as virtudes medrarão mais facilmente. Trabalho agradável e produtivo, ele poupará as dificuldades da correção. À medida que a boa semente germinar, o joio que o inimigo lançar brotará sem seiva, mais pronto a mirrar-se que a afogar o trigo. Para estimular virtudes, os pais encorajarão os esforços, habituando a criança à fortaleza e à generosidade espiritual, preparando-a para as vitórias contra as paixões, o ambiente e o demônio.

Começar cedo

Como as más tendências despontam muito cedo, é preciso madrugar com a educação para a virtude. Diga à palavra que alarma os leigos: educação para a santidade. Antes mesmo que a criança revele tendências particulares, já devem ter sido canalizadas no sentido da virtude aquelas que constituem a natureza e a herança de toda a humanidade.

Cuidem os pais:

- não fechem os olhos às manifestações da alma infantil, a pretexto de que é muito criança ainda;
- não temam ser exigentes e enérgicos;
- não se contentem com corretivos superficiais;
- não capitulem ante a pressão de avós e tios que brincam com a criança como a criança brinca com a boneca;
- não pensem em recuperar depois o tempo perdido: o melhor é não perder tempo;
- tenham pressa e firmeza em "ocupar todo o terreno" (F. Gay), a fim de que, quando os vícios quiserem instalar-se, não encontrem lugar.

Educar para a liberdade

Amanhã, essa criança inevitavelmente se libertará do nosso jugo, e será dona de si mesma. O essencial é prepará-la para fazer o bem por si, quando não tiver mais nossa tutela. Para isto deve saber usar bem da sua liberdade.

Quem conseguir essa aprendizagem, educou, deu o gosto do bem, fez procurar a correção... cuidem os pais de dar aos filhos esse gosto íntimo da liberdade e essa capacidade de usá-la para o bem. Na medida em que o conseguirem, evitarão a necessidade de corrigi-los.

Organizar a vida da criança

Enquadrada em atos regulares e dirigida por uns poucos princípios fundamentais, terá a criança enorme facilidade para evitar faltas.

A organização dos atos pertence mais à mãe: faz parte do bom governo da casa. Ela:

- adentra a criança desde cedo;

- exige-lhe esforços na idade escolar;
- ensina o adolescente a dominar-se;
- orienta: a criança já sabe o que fazer, como fazer;
- cria hábitos;
- não deixa ninguém ao léu, desperdiçando tempo e energia, cedendo à ociosidade e à anarquia;
- mas dá a todos possibilidade de usar a própria inteligência e exercitar as forças musculares, expandindo-se normalmente, sem as repressões que a correção acarreta, por melhor que seja.

Os princípios serão poucos, mas fundamentais: marcos para a vida. Normas simples e claras, mil vezes repetidas no lar, mais em conversas do que intencionalmente, que nortearão as ações agora ou no alto mar da vida. A forma positiva é sempre preferível: é melhor sabermos o que devemos fazer - e o que não devemos fazer vem como consequência.

2- O AGITADO



Tem a criança maior necessidade de movimento do que o adulto. Andando, correndo, subindo escadas, abaixando-se e erguendo-se, está dando ao organismo o desenvolvimento que ele reclama. Ficaríamos exaustos com a décima parte do exercício que faz uma criança de 3 ou 4 anos; e nos cansamos só de vê-la movimentar-se! Isto é normal exigência da idade, e não deve preocupar o educador. Pelo contrário: este se deve preocupar com a criança parada, quieta demais, indício de doença ou anomalia.

A criança agitada

Diverso é o caso da criança agitada: já atingiu a idade escolar (7 a 11 anos), e não tem um comportamento normal.

- sentada, mexe-se a cada instante, mudando de posição na cadeira;
- fala muito, muito alto e muito rápido;

- gesticula desordenadamente;
- quando não se cala um momento, assovia, cantarola ou tamborila nos móveis;
- tira os objetos dos lugares;
- anda aos arrancos, tropeçando nas cadeiras e fazendo ruído com os pés;
- turba os jogos de que participa;
- provoca os irmãos mais velhos e briga com os menores e com os colegas;
- puxa o rabo do gato e escorraça o cachorrinho;
- porta-se mal à mesa;
- é cheia de tiques (rói as unhas, coça-se com frequência, pestaneja, funga);
- teima com os pais e não atende às ordens recebidas;
- é desarrumada no modo de trajar;
- posta de castigo, fica a fazer caretas e trejeitos;
- com tudo implica;
- destrói os brinquedos e os livros;
- nada leva a termo, porque não tem perseverança em nada;
- é um constante turbilhão.

(Não tratada a criança, teremos mais um desses adultos que não param em emprego, não conservam as amizades, mudam de casa com frequência, não se penteiam, desarrumados de indumentária, e que estão sempre a começar trabalhos que nunca levam a termo).

É uma dificuldade conseguir que estude as lições e faça os exercícios escolares; levanta-se dez vezes do lugar, finge necessidades, vai perguntar isto e aquilo à mãe, não aplica as regras que aprendeu, não resolve os problemas (porque “não tem tempo” de raciocinar).

E só consegue algum êxito escolar, se é bastante inteligente e tem excelente memória. Mesmo assim, os resultados não correspondem a seus talentos. De fato, é curta a atenção que consegue dar aos estudos, como é breve o tempo em que se mantém disciplinada.

Tipos de agitação

Às vezes, é uma boa criança, apenas muito inquieta e indisciplinada. É desobediente, mas por falta de forças para fazer o que se lhe pede e ela deseja. A indisciplinada vem da incapacidade de parar, de dedicar-se à mesma tarefa por longo tempo, não, porém da rebeldia ou insubordinação. Ela até gostaria de saber bem a lição e apresentar os exercícios, para dar prazer à professora, de quem gosta; mas não o consegue.

Chamam-na indiscreta, porque fala tudo quanto sabe, sem medir conveniências, como a chamarão desastrada porque quebra louça e mexe em tudo, e tudo quer saber – mas sem malícia e com a maior inocência do mundo.

Agita-se por necessidade de atividade intensa, barulhenta e constante, que às vezes tenta moderar, sem conseguir-lo. O seu dinamismo é superior ao comum das crianças – o que indica alta voltagem vital, e justifica também uma evidente fraqueza da vontade em face das tendências, e denuncia falha dos educadores no seu encaminhamento.

Em todo caso, esta agitação é preferível à calma adulta de algumas crianças, que agrada tanto aos pais e mestres desavisados.

Outras vezes, porém, aparecem-lhe sinais de revolta, de ódio e de vingança. Já não é uma criança simplesmente agitada e turbulenta: sua desobediência é propositada, sua indisciplina é insubordinada, suas destruições são vingativas são as dores e os desgostos que provoca nos pais.

Causas da agitação

Quais serão as causas da turbulência infantil?

Umhas são mórbidas – orgânicas ou neuropsíquicas – e compete ao psicopediatra descobri-la e remediá-la. Para isto importa levar-lhe a criança, desde que ela se revela excessivamente agitada...

Mais comum são as causas pedagógicas – fruto dos erros dos pais e outros educadores, no tratamento afetivo e educacional da criança.

- se não é de união e calma (mas de desajustamentos e atritos) o ambiente do lar;
- se o filho é ou mimado ou escorraçado;
- se é tratado sem coerência, com alternativas de carinhos e pancadas;
- se os pais não têm linha segura na educação dos filhos;
- se não estão de acordo na linha estabelecida (mas um permite o que o outro condena);
- se a criança se torna o centro das atenções de todos, exibida aos visitantes, chamando a atenção sobre si, falando alto, interrompendo os adultos para se fazer atendida, salientando-se, mostrando-se, comprazendo-se – não nos admiremos de que seja agitada.

Pode acontecer que, julgando corrigir o filho agitado, os pais consigam apenas agravar-lhe o mal. A repressão exagerada torna-se tão contraproducente como a ausência de correção. Os castigos físicos, a carência de proporcionadas relações afetivas, as atitudes severas dos pais, a segregação da vida social da família podem levar a criança à turbulência.

Tudo o que irrita, deprime e inferioriza leva também à turbulência, aqui estão agravadas com a revolta e o desejo de vingança. Pais e mestres cuidem de evitar zombarias, humilhações, injustiças e comparações odiosas que ferem profundamente o espírito infantil e determinam reações enérgicas.

É então que a agitação se torna agressiva:

- no desejo de desenvolver-se normalmente, a criança investe contra os óbices que se lhe opõem; a fim de projetar-se (como é natural que o faça), procura quebrar os muros de que o cercam;
- sentindo que a diminuem, revoltam-se contra os “inimigos”, odiando-os (consciente ou inconscientemente), vingando-se deles (desgostando-os, satisfeita de vê-los contrariados, dando-lhes prejuízos, etc.), em transferência fáceis de identificar.

Ao contrário da que é simplesmente agitada, e que lastima com isto aborrecer os adultos, mas não consegue corrigir-se, a criança agressiva sente prazer no desagrado que suas atitudes provocam...

Se por inferioridade – qualquer que seja: orgânica, afetiva, econômica, intelectual, social, etc.; – a criança se vê relegada a segundo plano, mas deseja aparecer, procura chamar a atenção sobre si pela turbulência, tirando-se do anonimato e salientando-se no meio em que vive. Esta, contudo, não é sua intenção consciente. Evidentemente muito se lhe agrava a situação, quando a agitação tem causas mórbidas e é pedagogicamente mal tratada.

Tratamento

Indo certa senhora queixar-se a São Felipe de Néri que o marido, mal entrando em casa, começava as discussões, deu-lhe o santo uma garrafa d'água de que ela devia ter sempre cheia a boca, enquanto o marido permanecesse em casa. Garantiu-lhe que assim havia curado vários maridos. Pouco tempo depois recebeu o testemunho da ingênua, mas obediente senhora, que lhe foi gabar a eficácia do remédio. O marido estava muito melhor...

Não se admirem os pais, se lhes prescrevemos remédios que eles devem tomar... para curarem os filhos... No trato dos educandos, os orientadores educacionais, psicólogos e assistentes familiares sabem que o melhor remédio para os filhos é a cura dos pais.

Como realizá-lo

Vejamos o que se há de fazer para corrigir os agitados.

Ambiente de calma.

- A vida doméstica será tranqüila, sem discórdias nem desavenças, respirando-se sossego e paz.

- Educadores e educandos falam em voz moderada, como gente civilizada, sem gritos nem maiores alterações, mesmo (e principalmente) quando seja necessário corrigir ou repreender.

Relações calmas com a criança.

Essa calma os pais (e os adultos em geral) manterão, sobretudo nas suas relações com as crianças, e tanto mais tranqüilos se mostrarão quanto mais agitado for ou estiver o educando.

Continuidade educacional.

- A fim de nortear com segurança a educação mantenham os pais (e os demais educadores) a coerência e a continuidade da ação educativa. Os menores, ainda os mais calmos, ficam realmente desorientados, quando hoje lhes proibimos o que ontem permitimos. O mesmo acontece quando o pai não admite o que a mãe autoriza (ou vice-versa).

- Dêem aos filhos uma liberdade razoável, conservando embora o cuidado de ver como procedem. Liberdade excessiva leva ao abuso, sobretudo os que estão ainda em formação. Mas proibições muito numerosas e exigentes enervam até os mais calmos – quanto mais os agitados!

Exercícios ao ar livre.

- Crianças precisam (muito mais que nós) de atividades físicas, jogos, correrias, ar livre. Importa deixar-lhes campo a essas atividades, fornecendo-lhes local, brinquedos, companheiros e tempo para que se exercitem.

Tratando-se de agitados, dêem-se-lhes roupas fortes, brinquedos resistentes e companheiros idôneos, a fim de que possam descarregar os excessos de energia. Assim mais facilmente lhes conseguiremos os necessários momentos de calma para os estudos, a oração, a vida social, etc., e ao mesmo tempo lhes proporcionaremos oportunidade para o desenvolvimento de suas forças naturais.

É infundado o medo dos pais quanto a acidentes em jogos um pouco mais violentos. Mesmo que aconteçam (raramente), nada como uma experiência desagradável, para frear certos excessos.

Sono suficiente.

É preciso tranquilizar os agitados. Dormir cedo e acordar cedo lhes são mais indispensáveis que às demais crianças. Por muito calma que seja uma criança, terminará nervosa e agitada, se só as 21 e 22 horas vai para o leito. Às nossas seria útil habituar a pequena sesta depois do almoço (para regular a tensão nervosa).

Tarefas Tranquilizadoras.

Neste trabalho de tranquilizar, são meios eficientes:

- dar-lhes tarefas tranquilizantes, como coleção de selos, jogos de paciência, palavras cruzadas, etc.;

- habituá-los a ouvir música (não sambas, e “música” norte-americana), mas música verdadeira, harmoniosa, repousante, educativa; e encaminhá-los para escolas de músicas, grupos corais, ou para aprenderem a tocar algum instrumento de sua preferência.

Ouvir uma boa música reclama silêncio. Um samba ou um frevo, o menor acompanha, e até sente necessidade de fazê-lo batendo palmas, gingando ou tamborilando... na educação da infância, a grande pedagoga italiana Montessori ensina os pequeninos (4 a 6 anos) a fazerem silêncio. Sua famosa “aula de silêncio” nos faz falta a todos. Há numerosas pessoas incapazes de ouvir, porque não sabem calar. Mas, evidentemente, as crianças devem ser preparadas pacientemente para gostar de música e saber ouvi-la e apreciá-la.

- reduzir a audição dos chamados programas populares de rádio, tão antipedagógicos como excitantes dos nervos;

- não lhes permitir filmes e programas de TV, de aventuras, nem histórias de bandidos (quadrinhos), sobretudo em prejuízo do sono;

- habituá-los ao trabalho normal, de acordo com a idade, sexo e gostos: a mecânica e a marcenaria, tão do agrado dos meninos. São muito indicados...

Amparo dos educadores.

Se para qualquer educando é de suma importância que confie nos adultos que o rodeiam, ainda mais o é para o agitado. Sua instabilidade precisa de um suporte: ele deve saber que seus pais e mestres o amam.

Assim, devem estes:

- demonstrar-lhe afetividade moderada e compreensiva, sem recriminações exaustivas, sem conselhos demasiados (e irritantes), sem recomendações desproporcionadas e... contraproducentes;

- tratá-lo com o amor e o carinho que dão a todos os filhos;

- não lhe faltar quando ele for vítima da própria turbulência.

Não seja o acolhimento que então se lhe dá um indulto para suas tolices, mas o tratamento de que carece. Que ele sinta o amor, mesmo quando não goste das normas que lhe são impostas. Deixe-se, porém, que ele o perceba, sem ser preciso dizer-lhe... Quando sua confiança nos educadores for sólida, ele próprio se acalmará, e só lhe ficará de agitação o que for mórbido ou temperamental.

3- O COLÉRICO



Cada temperamento tem seus aspectos positivos e negativos. Ser pronto nas reações, sobretudo quando a segurança, a independência, os gostos profundos são feridos, é positivo, desde que o homem tenha sido habituado a servir-se de seus dons com moderação.

A cólera é um elemento de defesa, que Ribot liga ao instinto de conservação: toma a ofensiva contra ameaças. Ai dos homens, quando não sabem mais indignar-se! Ai dos que perderam a capacidade de encolerizar-se em face das injustiças, das violências, das tiranias! Ai dos que se desfibram, se acomodam, se submetem ao injusto, aos criminosos!

Desgraçada educação, a que pretendesse tirar às crianças a reação ante o mal, a capacidade de encolerizar-se ante a violação do direito e da moral.

A cólera é, às vezes, a única forma de defesa. Em face de um "perigo", a criança que não sabe ainda falar se manifesta pela cólera: grita, chora, estrebucha para não ir com pessoa estranha, para rejeitar o que não lhe apetece, ou para se livrar do que lhe mete medo.

O seu mal são os excessos: na forma, na freqüência, na duração.

Infantilismo

Os que, não sendo crianças ainda se encolerizam com facilidade, chorando, gritando, esperneando, batendo-se, mordendo-se, quebrando objetos, fazendo "cenas", horrorizando a família e perturbando os vizinhos, podem ter outras causas de sua cólera, mas a primeira impressão que deixam é de infantilismo: apesar da idade, do tamanho e do resto, conservam reações infantis. Têm atitudes de crianças.

Dão com isto palpável demonstração de fraqueza moral. Intelectualmente, quando lhes faltam argumentos nas discussões, exasperam-se e gritam, procurando no excesso de voz o que lhes falta em razões. Se algo desejam e não alcançam, rebentam em explosões, para o conseguirem.

Há outras causas

Supõe-se sempre a predisposição para a cólera, a fim de que as causas que apontaremos produzam os seus acessos.

Saúde

As hepatites, as colites, mau funcionamento do sistema digestivo e eliminatório, como também a fadiga e, ainda mais, o esgotamento inclinam os coléricos a suas crises. Juntemo-lhes as nevropatias, histerias e as predisposições epileptóides, cada qual mais séria.

Essas descargas furiosas - Sêneca as comparou com uma loucura passageira - obedecem às vezes a uma freqüência cíclica, aparecendo ou intensificando-se em épocas certas.

A pessoa se apresenta então mais agitada, loquaz, instável, passando rapidamente de alegria à zanga, inspirando cautelas porque a família sabe que está "nos seus azeites".

Emotividade

Há crianças (e adultos) demasiado sensíveis a impressões em si completamente inofensivas. Não compreendem (não podem ou não querem compreender?) que sejam castigadas sozinhas: por que elas e as outras não? E não aceitam que só elas cometeram a falta. Ou "estouram" porque a mãe as manda deixar os brinquedos, porque é hora de estudar, almoçar, ou dormir.

Outras se mostram hipersensíveis ao que lhes pareça humilhação: zombarias, brincadeiras impertinentes, etc., sobretudo partidas de pessoas que lhes são antipáticas. Contrariadas (ninguém percebe por que), explodem!

Nem sempre essa emotividade é propriamente mórbida, mas acionada pelos frequentes acessos de cólera, e, cultivada pelo sujeito, assume aspecto de morbidez.

Angústias

Os que vão recalçando decepções, desgostos, frustrações podem chegar a um estado de saturação, no qual terão maior facilidade de rebentar em cóleras.

Vítimas de injustiças repetidas e ostensivas, fraudadas em tantas promessas que lhes fizeram e não cumpriram, entram algumas crianças em angústias terríveis - as demonstram em acessos de cólera, que nem sempre atingem diretamente aqueles que elas desejariam atingir.

Caráter

A cólera pode ser usada (como todas as armas) corajosa ou covardemente, em combate franco ou astucioso.

A criança (ou não-criança...) deseja dizer ou fazer certas coisas, e não tem a devida coragem, em estado normal; mas no "acesso" diz e faz, realizando-se, satisfazendo-se. É simples manifestação de fraqueza. Como quem bebe para ter coragem... Outras vezes, é astúcia: por meio de suas cenas de cólera consegue o que de outro modo não conseguiria.

Erro de educação

Nem queremos extirpar a cólera (para não formar desfibrados), nem permitiremos que ela própria forme infantilizados. É isto, porém, que muitos pais não percebem, embora a criança perceba...

Com suas cenas de cólera, ela alcança o que deseja da mãe, dos irmãos, das empregadas. Basta-lhe, às vezes, uma simples demora em ser atendida. Foi assim desde pequenina. Habitou-se. Gostou. É a sua arma definitiva, o seu "abre-te, Sésamo".

Nunca lhe resistiram, nem procuraram corrigi-la. Garantida pelo erro dos educadores,

foi-se firmando. Tornou-se hábito. A emotividade supersensível e cultivada, agrava-se em repetidas crises, confinando com a histeria. E hoje, escolar ou adolescente, eis aí o colérico!

Como curá-lo?

Fazemos indicações genéricas, mas lembramos que cada caso exige terapia especial.

No terreno somático

Se o caso é de saúde, cuidemos dela:

- alimentação conveniente, exercício físico, ar livre, boa aeração em casa;
- trabalho moderado, para evitar fadiga e esgotamento; repouso suficiente, sono regular com hora certa para deitar e levantar;
- ambiente calmo, evitando-se tudo o que possa excitar (ver o capítulo sobre o agitado);
- e, quando necessário, o médico e os remédios.

Manter a calma

O grande remédio é a calma do educador. Pequenina que seja, a criança "entende" a nossa serenidade, e não se autoriza com a nossa irritação. Mantendo a serenidade, pode o educador observar bem a criança e refletir nas medidas a tomar, conforme o caso.

Irritando-se, ensina o que deve corrigir, impossibilita o entendimento, perde a autoridade e, às vezes, também a medida.

E a energia

Seja essa calma plena de energia.

- Deixe a criança fazer a sua cena, até cansar-se e repousar por si.
- Mostre-se desinteressada - realmente desinteressada, não fingidamente. A indiferença é indicadíssima. Quando a criança vê que nem a olham, nem procuram saber se já se acalmou, entrega-se com facilidade.
- Não ceda. Cedendo, a criança percebe que este é o caminho para vencer. Não cedendo, ela compreende que não vale a pena... Seja paciente, mas inflexível: não ceda! É preciso que a criança compreenda que não é este o caminho a alcançar o que deseja. Mesmo que seu desejo seja razoável, se o modo é a explosão de cólera, - mais uma vez - não ceda!

Esperar a crise passar

Não adiantam conselhos, carinhos, promessas, argumentos, durante a crise. No estado em que se encontra, a criança perde a capacidade de compreender. As maneiras comuns de denominar esses momentos são muito expressivas: "Louco de raiva", "Feito louco", etc. Se lhe formos falar com carinhos, pensa que a tememos; se com conselhos, acendem-se ainda mais; se com promessas, crêem próximas a vitória; se com rigor, pomos lenha à fogueira.

Depois, bem depois, tudo calmo e... esquecido, então fale: argumente, aconselhe, mostre que assim, longe de conseguir, dificulta os desejos.
Não temer o colérico

É preciso mostrar que não teme as crises de cólera. Não as provoque o educador, mas não as tema.

Não as provoque:

- não negue sem causa o que a criança deseja: é errado negar agora, e ceder depois, porque ela insistiu ou ameaçou "cena";
- não exija o que não é necessário: a autoridade deve poupar-se, e poupar a submissão infantil.

Não as tema:

- além da indiferença quando o acesso for manso;
- use energia, quando a criança se põe a destruir seja o que for;
- prive-a do que ela destruiu (se isso não lhe faz falta essencial), ou a faça pagar de sua mesada;
- castigue-a, quando ela bater em alguém, nas crises.

Quando estas forem "estudadas", enfrente-as:

- se são armadas pela fraqueza, logo cedem;
- se são preparadas pela astúcia, batem em retirada.

Evitar as crises

Procure evitar as crises. Observe as circunstâncias em que elas costumam aparecer. E procure, então, com maior cuidado, afastar o que as deflagra: brincadeiras, zombarias, desagradados...

O domínio de si

Toda a educação é encaminhada para dar ao educando o domínio de si: ou não é educação. Desde pequenina, seja a criança orientada para o governo de suas forças inferiores, para o domínio da vontade sobre os impulsos, para o exercício da paciência, para a aceitação das demoras, recusas e privações, para o controle de reações muito vivas, para saber dizer "não" aos estímulos anti-sociais, para a compreensão de medidas desagradáveis.

Nós que cremos em Deus, que temos as lições da Sagrada Escritura, e sobretudo nós cristãos não temos apelar para o espírito de mortificação, ensinado por Cristo como necessário a seus discípulos: "Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me".(Mt. 16,24), praticado e inculcado por São Paulo - "Castigo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que não venha a ser condenado eu que preguei aos outros". (I Cor 9,27) - encarecido em mil passos dos Livros Santos.

Será proveitoso lembrar que o espírito de sacrifício se ensina às crianças, mas não se lhes impõe. Impô-lo é vê-lo rejeitado e abominado. Mas sugeri-lo e formá-lo é indispensável ao educador cristão.

A educação não pretende eliminar os impulsos, apagar os instintos, extinguir as energias naturais. Ela não quer fazer insensíveis e abúlicos. Pelo contrário: quer formar homens, homens de verdade, que vivem no esplendor de suas energias, mas sabem hierarquizá-las, submetendo-as à vontade esclarecida e enérgica.

O homem verdadeiro sente os seus impulsos, mas sabe dominá-los. Isto se ensina às crianças, de modo prático e vital; não se lhes impõe.

Enganam-se os que pensam ser possível, por golpes de força, "quebrar a castanha" das crianças "empoadas". É mais fácil quebrar toda a personalidade, fazendo um desfibrado. Ou fazer canalizar noutra direção as energias barradas, levando o educando a caminhos indesejados.

Na verdade, o educando é que se deve dominar. E o trabalho dos educadores é ajudá-lo nesta tarefa essencial da formação.

No caso em questão, importa conter as explosões de cólera, e não as reações em face do que é injusto, imoral, agressivo. A capacidade de encolerizar-se fica, sendo, porém, moderada, civilizada, canalizada por modos e para fins construtivos. Todos sabem que os temperamentos ditos coléricos são ricos de energia, solidez, tenacidade, e que, bem educados, dão excelentes empreendedores e líderes.

4- O DESOBEDIENTE



A mais freqüente queixa dos pais sobre os filhos é, sem dúvida, quanto à desobediência:

- "Não obedecem";
- "Dá-se uma ordem, eles nem ligam";
- "Hora de dormir, ninguém os tira da televisão";
- "Marca-se horário para os estudos: não respeitam";
- "Já se falou mil vezes que não cheguem atrasados para as refeições: não há jeito";
- "Estamos cansados de dizer que não deixem os objetos fora dos lugares: eles nem escutam"; etc. etc.

Um enorme rosário de lamúrias, que terminam sempre por uma espécie de indulgência plenária aplicável aos pais: "Essas crianças de hoje são muito diferentes das do meu tempo."

E explicam:

- "Lá em casa duvido que um filho levantasse a voz para o papai!"
- "Ordem dada era ordem cumprida, gostássemos ou não."
- "Quem era louco para chegar atrasado para a refeição?"
- "Bastava um olhar do velho, ia todo mundo para a cama."
- "Nós sabíamos obedecer!"

E encerram como num estribilho: "Mas essas crianças de hoje"...

De quem é a culpa

Lançando aos filhos a pecha de desobedientes, estão os pais, astuciosamente, desculpando-se. Na verdade, não há diferença tão grande entre as crianças de hoje e as de antigamente.

As crianças são as mesmas, com as eternas características da infância, os mesmos interesses profundos, a mesma receptividade educacional, as mesmas exigências de afeto, de segurança, de formação. As diferenças dos tempos, superficiais, não lhes atingem a estrutura. Nalguns pontos dificultam a obra dos educadores; mas noutros a facilitam.

Alguns pais é que mudaram. Abandonaram os cuidados da educação, abriram mão dos deveres, afrouxaram a vigilância, fugiram à formação dos filhos, demitiram-se dos mais sagrados encargos, capitularam ante as crianças, e se queixam de que estas são culpadas.

Tinham em mãos a autoridade: perderam-na. Receberam a criança ao nascer - e não crescida e deformada. Se não lhe deram a orientação devida, a criança é vítima, e não culpada!

Se os antigos se faziam obedecidos a simples olhar, é que não se contentavam em ser autoridade, mas sabiam ter autoridade: isto é, manter a superioridade, que a própria natureza impõe ao filho de forma tão impressionante. Prova disto é que, ainda hoje, os que têm autoridade conseguem os mesmos resultados de outrora, embora por meios consentâneos com os tempos.

Mas os tempos mudaram

Não é possível proceder hoje do mesmo modo que antigamente, agir com rigores, exigir aqueles extremos. Mas também não é possível largar os filhos a si mesmos, sob pretexto de que a educação moderna exige liberdade, ou de que a mãe precisa de trabalhar fora, para... dar melhor educação (?) às crianças, ou de que os pais que trabalham precisam de repouso quando chegam à casa (e podem aborrecer-se (?) com problemas de crianças), ou simplesmente por comodismo, "vida social intensa" e outras alegações congêneres.

Há os que desejam acertar. Sabem que não se pode hoje educar como foram educados, mas sentem dificuldade em adaptar-se aos novos moldes, pois não foram preparados para isto. (Infelizmente continua o tremendo erro de não se cuidar da preparação dos futuros pais. Mesmos os colégios católicos ensinam mil coisas às jovens, mas não lhes ensinam a ser mães, embora o desejo de casar lhes seja o mesmo de sempre.)

É com estes que desejamos conversar, para lhes oferecermos a ajuda que merecem, pelas intenções que os animam.

Porque desobedecem

Os que desejam realmente corrigir os filhos procurem descobrir as causas das desobediências. Conhecida a causa, importa removê-la: tirada a causa, cessa o efeito. Apontaremos algumas causas da desobediência infantil.

A. Da parte dos pais:

- Não têm autoridade;
- Não sabem mandar;
- São muitas ordens, algumas impossíveis;
- Não velam pela execução das ordens;
- Querem impor-se mais pela força que pelo amor;
- Não mantêm coerência, proibindo hoje o que permitiram ontem;
- Desentendem-se, um proibindo e o outro permitindo;
- Cedem, quando a criança se exaspera ou insiste;
- Mandam o contrário para conseguir o que desejam;
- São implicantes, cansando e irritando as crianças;
- Exigem uma obediência imediata;
- Querem levar a obediência em excessos, humilhando a criança;
- Não preparam os filhos para a obediência;

B. Da parte dos filhos

- Falta de compreensão, própria da idade;
- Fraqueza da vontade, que cede a interesses imediatos ou de ordem sensível;
- Hábito de fazerem o que lhes é proibido;
- Repugnância ao que lhes é ordenado;
- Aproveitamento das fraquezas do educador que:

- a) cede com facilidade,
- b) não pede contas do que manda,
- c) ameaça, e deixa correr,
- d) se desentende com os outros educadores; etc.

- Afirmação crescente de personalidade: passando da obediência passiva de criança à obediência ativa (consciente) de adolescente, querem saber o porquê das ordens, repelem as proibições injustas ou humilhantes;
- falta de preparação para a obediência.

Para poder mandar

Não basta ser autoridade, mas importa ter autoridade, para ser obedecido. Ai das autoridades de quem é preciso dizer-se o que disse Cristo dos escribas e fariseus: "Fazei o que eles dizem, não façais o que eles fazem" (Mt 23,3). Acima de tudo, é preciso pôr-se em condições de mandar.

Dominar-se

O educador há de possuir o completo domínio de si. Quem se deixa dominar de qualquer sentimento ou paixão, perde a capacidade de comando: - isto vai de simples domínio do temor físico, passando pela timidez ou mera indecisão, até chegar ao seguro controle das mais profundas e violentas paixões.

Saber usar da autoridade

É ponto de suma importância. A improvisação é má conselheira.

Vejam-se os estágios do militar para chegar ao comando do exército... preciosa é neste aspecto, a família numerosa, na qual os irmãos mais velhos, delegados pelos pais, exercem autoridade sobre os pequeninos.

Saber obedecer

É caminho e escola do bom exercício da autoridade. Só sabe mandar quem sabe obedecer. Este preceito dos pedagogos é reconhecido pelos próprios educandos. Citando John Ruskin, o grande Foerster ("Instrucion ética de la juventud") conta que ele, discutindo com adolescentes de 14 e 15 anos sobre a obediência voluntária, propôs como tema: "Quem não aprendeu a obedecer, não sabe mandar." Os jovens frisaram não estar em condições de dar bem uma ordem que não experimenta em si as reações que ela provoca.

Conhecer o que manda

É preciso ter experiência do trabalho pedido, do sacrificio ordenado. E lembrar-se do que lhe custou aquilo na idade que têm agora os filhos. Hoje nos é fácil (ou não é...) passar uma hora calados, ficar sentados sem mudar de posição (o próprio reumatismo ajuda...). Hoje fazemos tranqüilamente serviços que nos despertavam repugnância aos 12 anos ou 15 anos.

Um educador não pode esquecer que já teve a idade que têm agora seus educandos. E se esquecer, perdeu a capacidade de educar.

Conhecer os filhos

Só quem os conhece pode lidar com eles. Há as características gerais da infância e da juventude, com suas diferenças de idade e de sexo. Mas há também a psicologia desta criança.

Não existe a criança teórica, ideal, de livro; existe a real, viva, com a qual vivemos, que ouve as nossas ordens, que tem essas e aquelas reações, com tal temperamento, e que o educador deve conhecer muito bem, para se lhe poder adaptar.

Saber mandar

Para que suas ordens sejam bem acolhidas, devem ser dadas com bons modos. Do contrário, ficarão em casa como a rainha da Inglaterra, que reina, mas não governa.

Finalidade da obediência

Com muita freqüência encontramos deplorável equívoco sobre o sentido da obediência. Geralmente pais e até professores (formados em pedagogia!) querem é serem obedecidos. Por amor próprio, por autoritarismo, para ficar em paz, - pouco importa! - querem é ser obedecidos. Prontamente, sem explicações e sem delongas.

- A verdadeira obediência é aprendizagem do domínio de si - fim da educação. É enriquecimento moral, aproveitamento da experiência dos educadores para facilitar aos educandos os caminhos do futuro, sabedoria de quem aproveita um guia para evitar as erradas, cuidado do comandante que entrega o navio ao práctico dos mares perigosos. Por isso diz a Bíblia que serão vitoriosos os que sabem obedecer: "O homem obediente cantará vitória" (Pv. 21,28).

- É liberação: o homem se liberta das amarras do amor próprio e do orgulho, para reconhecer e acatar a autoridade. Não cede por medo ou interesse, mas age conscientemente, superando-se, dono de sua vontade até para abrir mão dela quando necessário.

- É mestra da vida. Se a vontade é fraca, ampara-se na obediência consciente e se fortalece. Se estreita, desenvolve-se. Se impetuosa, amansa e se canaliza para o bem.

- Ela não é virtude de criança, mas de homens feitos. Às crianças importa ensiná-la, orientando-a cuidadosamente para seu fim.

Algumas normas

Alguns marcos, para guia dos educadores de boa vontade, - graças a Deus, numerosos.

Obediência é meio e não fim

Não exijo obediência, para que a criança seja obediente, mas para que se eduque. Adiante mostrarei que o fato de ser apenas obediente constitui grave perigo para o educando.

A obediência se orienta para a educação: ensina a criança a usar bem da liberdade. Vai afrouxando, na medida em que o educando cai aprendendo a orientar-se sozinho. Será eliminada, quando ele se tornar "governador de si mesmo", na feliz expressão de Guimarães Rosa.

O papel do educador é orientar, ensinar os caminhos, ajudar a marchar, retificar em caso de errada, estimular para o autodomínio, "como a águia que provoca seus filhos a voar, esvoaçando sobre eles" (Dt. 32,11). E tanto mais feliz se sente quanto mais percebe que se vai tornando dispensável.

Levar a criança a submeter-se, e não submetê-la

Quando me submeto, pratico ato livre, consciente; quando sou submetido, não: fui subjugado. No primeiro caso, obedeci; no segundo, fui domado.

Obedecer é querer o que outrem quer, e não fazer o que outrem manda. A obediência é ato da vontade que sabe vencer as dificuldades para querer. Por isso, a verdadeira obediência é filha da liberdade. Mas começa sendo mãe da mesma liberdade; isto é, preparando a criança para saber ser livre, para dispor de sua vontade, para dominar-se e inclinar-se no sentido em que a razão a chama (e não no sentido em que as paixões a empurram).

Como se vê, obediência implica o autodomínio. Está muito longe de ser o domínio que o educador exerce sobre os educandos. Mas este conceito, policial e totalitário, ainda é muito corrente, e continua fazendo a infelicidade dos educandos.

Nunca devemos perder de vista que o exercício da autoridade visa aos súditos não aos superiores, porque busca o bem moral daqueles, e não a satisfação destes.

O educador não deve impor a sua vontade, mas sim formar a do educando.

São pessoas distintas, com vontades distintas, com gostos diversos ou até contrários. Não devo proibir-lhe algo "porque não gosto disso", mas porque isso não deve ser feito. Não posso substituir sua vontade pela minha; mas devo formá-la para que ela saiba querer o bem e levá-lo à prática.

Pensássemos melhor nesta verdade (aliás, tão solar), e seríamos mais positivos que negativos em educação, ensinaríamos mais o que se há de fazer que o que se há de evitar, daríamos antes normas de vida que proibições.

A criança exige mais desenvolvimento que restrições

É ser em crescimento: deve realizar-se. Montessori disse muito bem: "A educação é ajuda positiva à expansão normal da vida". Não é proibindo a criança de agir que a desenvolveremos; mas ensinando-lhe a fazer o bem.

Nosso papel é canalizar-lhe as energias, e não reprimi-las. É apontar-lhe os caminhos, e não impedir-lhe a passagem. É ensinar-lhe a querer, e não a não querer. É dar-lhe meios para realizar-se física, sentimental, cultural, moral e religiosamente - pondo-a no caminho do homem integral.

Não é dizer-lhe: "Fica quieta", mas dizer-lhe "Realiza-te"...não é cortar-lhe as asas, mas ensinar-lhe a voar.



Qualidades da obediência

Consideremos agora as qualidades da obediência ideal. Ela será:

a) racional: não cega, mecânica, servil, mas entendida nas suas ordens e nos seus motivos, a fim de que sua execução seja um ato humano, e não atitude de animal amestrado;

b) digna: compreendida, espontaneamente aceita, deliberada pela vontade que quer ser livre; ela não se desfaz, e sim se afirma a personalidade; não se avilta, mas se engrandece; não se torna carneiro de rebanho, mas homem que dispõe de si mesmo; é mostra de liberdade, não de servilismo;

c) confiante: anota Göttler ("Pedagogia sistemática") que a obediência supõe "um respeito íntimo... às ordens das pessoas revestidas de autoridade, uma veneração aos superiores de qualquer categoria, enquanto eles representam as autoridades que regem a vida das sociedades"; esse respeito, essa veneração estabelecem a confiança que inclina à aceitação fácil das ordens recebidas, mesmo quando não se lhes conhece a razão ou não se lhes percebe o alcance;

d) alegre: racional, digna, confiante, a obediência será alegre, sem constrangimentos maiores, sem murmurações e revoltas, sem medos nem desgostos, mas fácil e até espontaneamente pronta;

e) sobrenatural: nós, que cremos em Deus e para Ele encaminhamos a vida e a educação, tudo devemos fazer em vista da eternidade, ainda que sejam as ações mais quotidianas atividades (Ver I Cor. 10,31); nós, que sabemos que "todo poder vem de Deus" e que "resistir à autoridade é resistir a Deus" (Rm 13,1-2), devemos obedecer com essa visão sobrenatural: ela ultrapassa os homens e nos prende a Deus, garantindo-nos que teremos sempre a recompensa de nossa submissão, desde que as ordens recebidas não contrariem diretamente aos Mandamentos divinos ou aos ditames de nossa consciência.

Preparar a obediência

Embora estejam os filhos obrigados à obediência, não o podemos exigir do mesmo modo a todos. Impõe-se a discriminação, devida à idade e às circunstâncias individuais. A idade é que primeiro se apresenta.

- Na primeira fase será apenas o adestramento. Incapaz de compreender, a criancinha aprende a fazer o que a mamãe manda, e a não fazer o que ela proíbe. Vai-se habituando a atender à mamãe, que lhe falará sempre com carinho, às vezes com firmeza, até estabelecer os hábitos.

Com 18 a 20 meses, já "compreende" algumas razões, que lhe são dadas: "está molhado", "é sujo", "é do irmãozinho", etc. Antes dos 2 anos, se ela foi encaminhada assim, basta-lhe um olhar ou um gesto para retirar a mãozinha.

Esta é, irremediavelmente, a fase da obediência cega, em que o único verdadeiro motivo é a vontade do educador. Embora à maioria dos pais pareça sem importância, reputam-na os modernos psicólogos a idade decisiva na vida do homem - como o alicerce para a casa. E cometem falta, às vezes irreparável, os que a desperdiçam, deixando para mais tarde o que então deve ser feito. Depois será preciso desfazer maus hábitos, para iniciar os bons - o que representa multiplicado trabalho e precários resultados.

- Na segunda fase começamos a dar as razões de modo mais explícito, porque cresceu a capacidade de compreensão. E o educador que se preza quer estabelecer a obediência consciente. "Falem mais baixo, porque a mamãe está repousando". "Vão brincar lá fora, porque a vovó está doente". "Desliguem o rádio que está perturbando o estudo do papai."

Não podemos dizer ao certo quando começará esta segunda fase. A criancinha passará logo para a idade do não, que repelirá sistematicamente o que lhe mandamos ou pedirmos. Mas, em seguida, apelaremos para a compreensão da criança: "Você não compreende que não pode brincar na chuva?"

O fato de compreender não significa que se renda. Compreende, mas quer ir assim mesmo. Ou tem dificuldades especiais para compreender: "Como é que Pedrinho está brincando?" Ou: "Como é que os homens trabalham na chuva, e não adoecem?"

Esta frase exige bastante paciência ao educador, para que ele:

- não descambe para o autoritarismo ("É; mas você não vai porque eu não quero"),
- não caia na discussão de igual para igual,
- ou seja derrotado, "por pontos" ("Pois, então, vá; e me deixe em paz").

- Na terceira fase, se os passos anteriores foram seguros, o pré-adolescente e o adolescente atenderão às indicações dos pais, e o trabalho de persuasão, próprio da etapa anterior se reduzirá aos casos específicos da idade. É verdade que os surtos de independência são mais fortes, mas os pais compreensivos proporcionarão as ordens e restrições ao desenvolvimento do comportamento moral e social dos jovens.

- Henri Pradel, no excelente estudo sobre a obediência ("Comment former des hommes"), que me fornece vários elementos deste capítulo, caracteriza essas frases por três fórmulas: "Eu quero", - "É preciso", - "Tu deves." Podemos também caracterizá-la por três verbos: Mandar, persuadir, indicar.

A criança que tiver sido bem trabalhada na primeira fase estará excelentemente preparada para obedecer nas demais.

Facilitar a obediência

Os pais gostam de ser obedecidos, mas os filhos não gostam muito de obedecer. Para deles conseguirem mais fácil virtude, cuidem os pais de melhorar os métodos de comando. O exercício da autoridade é uma ciência e uma arte; tem seus princípios e sua técnica. Os que as conhecem facilitarão as próprias tarefas e as dos súditos. Quem sabe mandar é mais facilmente obedecido.

Vejamos, então, algumas normas de comando pedagógico.

1ª norma: Mantenha a autoridade

Para isto:

a) acredite-se junto às crianças:

- fale com a superioridade de pais sobre filhos, na convicção de que não está apenas exercendo um direito, porém cumprindo um dever;

b) dê ordens:

- Não peça favores, pois a sua autoridade se impõe pela natureza;
- os próprios súditos gostam de ser comandados com autoridade: os judeus admiravam em Jesus que Ele falava "como quem tem autoridade, e não como os seus escribas e fariseus" (Mt 7,29);
- não discuta com os filhos: isto aniquila a capacidade de mando;

c) fale com firmeza:

- a timidez de quem manda sugere a possibilidade da desobediência;
- vendo-se temida, a criança se reputa superior, e não atende;
- uma autoridade fraca não recebe acolhida nem confiança dos súditos;
- não recue facilmente da ordem dada (a menos que tenha visto seu erro), nem ceda a pedidos, carinhos ou lágrimas (aliás, quando as crianças sabem que é inútil insistir, não insistem);

d) assegure a autoridade alheia:

- nada é mais prejudicial à autoridade do que a falta de união entre os pais - um proíbe, outro permite; um ordena, outro dispensa; um corrige, outro relaxa; ou se desentendem sobre o regime de educação, à vista das crianças; ou entram em contradição com os mestres e o colégio.

2ª norma: Seja prudente em mandar

Do contrário, a autoridade se compromete, os recuos se impõem, e as crianças encontrarão pretextos para desobedecer. Tome, pois, cuidado:

a) pense as suas ordens:

- nada de precipitação, que obrigue depois a recuar ou (pior ainda) a fazer vista grossa;
- não ordene o impossível ou sumamente difícil;
- não proíba o que as crianças nem sonhavam fazer (Pode ser isso uma sugestão à obediência. Ex: Tendo ganhado um instrumentinho de carpinteiro, o menino - 7 a 8 anos- fizera uma devastação em casa. Indo sair, a mãe, imprudentemente, lhe recomenda que, em sua ausência, poupe ao menos a mobília da sala.)

b) seja oportuna:

- escolha o momento mais propício à obediência;
- respeite a idade, o temperamento, a curiosidade, o interesse momentâneo da criança.

c) não ponha tudo no mesmo plano:

- nas recomendações às crianças, há ordens que a autoridade impõe, há conselhos que a experiência dá, e há pedidos que a amizade ou a boa vizinhança fazem: não podem ser postos no mesmo nível, pois a ordem é para ser cumprida, enquanto o pedido e o conselho ficam à generosa receptividade da criança...

- não ponha também no mesmo plano o que é contra a moral, o que é contra as boas maneiras, e o que não lhe agrada. (há pais que deixam passar princípios e atos contra a moral, que toleram a até autorizam graves pecados contra a religião e a justiça mas não suportam pequenas faltas que lhes desagradam...)

3ª norma: Fale pouco

a) Mande pouco:

- mande apenas o necessário, e não mais, para não estafar as crianças, não desanimá-las, não irritá-las nem ensinar-lhes a insubmissão;
- não faça muitas proibições, mas se restrinja ao indispensável, para não limitar demais a criança, que antes precisa aprender o que deve fazer e não o que lhe é proibido. Ex: É comum ouvir-se a mãe "educando" o filho: "Anda direito menino". - "Levanta essa cabeça". - "Conserta a camisa". - "Olha pra frente". - "Puxa essa calça pra cima". - "Não arraste a cadeira assim". E dez mil outras recomendações diárias.

b) seja breve e claro:

- uma ordem longa ou confusa será, na certa, esquecida, confundida ou deixada; Ex: A mãe pergunta: "Quem de vocês quer deixar o jogo um instante, levantar-se da cadeira e ir fechar aquela porta da saleta, que está batendo com essa ventania?" A turma continuou firme no jogo. A ordem devia ter sido dada assim: - Pedro vá fechar a porta da saleta.

- palavras rápidas e seguras, suficientes para dizermos o que é necessário, sem mais nem menos;
- fale de modo preciso e concreto, pois as recomendações vagas são quase sempre perdidas

- quando for necessário, porque a criança está um pouco longe, ou porque animado o grupo em que figura, chame-a pelo nome, e só lhe dê a ordem quando se tiver assegurado da sua atenção.

c) fale pelo gesto e pelo olhar:

- certos deveres de rotina demandam apenas um lembrete - um pequeno gesto, um olhar, um movimento de cabeça, um mexer de supercílios - e as crianças compreendem que é hora de ir para o estudo ou para o leito, que devem moderar a voz, mudar de posição, etc.

4ª norma: Mande com bons modos

a) Fale sempre delicadamente:

- mais se obedece ao modo e à pessoa do que às ordens;
- a delicadeza vai muito bem com a firmeza e com a prudência;
- o sentimento do brasileiro repele a grosseria, que fica mal em todos e especialmente num educador, e não tem cabimento entre pais e filhos;
- não pense que a delicadeza lhe diminuirá a força moral; antes a aumentará: as crianças não a confundem com fraqueza, e o agrado que ela desperta inclina à obediência e acredita a autoridade;
- quando o educador costuma fazer-se obedecido, a fórmula pode ser de súplica, e as crianças a entenderão devidamente: "Querem fazer o favor de falar mais baixo?" ; "Querem ter a bondade de recolher-se?"...

b) Evite humilhações:

- elas irritam as crianças, e ante predisõem à revolta que à obediência;
- não faça comparações deprimentes ("Não faça essas caretas: fica parecendo um macaco");
- não diminua a criança na presença de adultos;
- elas irritam as crianças, e antes predisõem à irmãos (ficarão zombando dela), nem em face de si mesma (pode levá-la à revolta ou à inferioridade);
- não tripudie sobre a rendição do desobediente ("Conheceu, bichinho?" - "Eu sabia que você tinha de se render!"...);

c) procure captar a confiança:

- a confiança recíproca facilita os caminhos da obediência;
- abra sempre um crédito de confiança à criança, qualquer que seja a situação;
- mesmo que a prudência aconselhe uma vigilância mais estreita, retire-lhe sempre o aspecto de espionagem;
- não insinue a mínima possibilidade de desobediência, mesmo em se tratando de reincidente que certamente cairá de novo.

d) ajude a obedecer:

- estimule a criança ao cumprimento da ordem recebida;
- quando o trabalho for mais difícil ou inspirar especial repugnância à criança, comece-o com ela;
- não compre obediência com promessa (a não ser em casos raríssimos, para salvar situações extremas, em que o filho só a isso se mostrasse sensível): esse comércio ilícito mais parece suborno;

- não faça ameaças: são perigosas à educação; feitas em geral apaixonadamente, podem deixar-nos no desagradável dilema de cumpri-las (fazendo injustiça à criança, por seu demasiado rigor) ou não cumpri-las (e desmoralizar-nos), e levam também a educação para um terreno que não é desejável;
- recompense a obediência, quando ela demonstrou maior esforço ou maior perfeição: os estímulos dão alavancas que removem os obstáculos mais pesados.



5º norma: Vele pela execução de suas ordens.

a) Mantenha a continuidade:

- Nada mais proveitoso à educação do que um rumo certo e a firme determinação de segui-lo: a coerência dá unidade ao trabalho educativo, emprestando-lhe maior vigor e eficiência;
- baseie a educação em princípios, repita-se com freqüência na presença dos filhos (melhor do que a eles diretamente);
- evite dar ordens e contra-ordens nascidas do capricho ou do humor (da "lua", da veneta, ou dos "azeites", como dizem as crianças, que nos conhecem melhor do que imaginamos);
- não recue das ordens dadas, a menos que tenha verificado sua improcedência ou nímia dificuldade, ou que de fato novo a tenha tornado dispensável ou contra-indicada.

b) Não desanime:

- educação é trabalho de paciência, não se realiza a jato, mas a passo e passo, com avanços e contramarchas;
- o educando não pode desanimar, muito menos ainda o educador;
- reanime a criança que cair, e não deixe de aquecê-la à chama das próprias vitórias, por pequeninas que sejam;
- não há crianças normais incorrigíveis, e as anormais têm direito a todos os nossos esforços e cuidados;
- quanto mais difícil a criança ou o caso, mais necessárias a paciência e a tenacidade.

c) Peça contas das ordens dadas:

- esquecê-las é votá-las ao fracasso, pois as crianças sabem que não serão argüidas a respeito;
- entre a espionagem e o descaso está a vigilância, de que quase todos os homens precisam, e as crianças de modo especial, porque são caracteres em formação;

- o cumprimento das ordens pode ser verificado diretamente pelo educador, pois é direito e até dever seu, mas convém pedir contas ao próprio educando, a fim de despertar-lhe o espírito e mantê-lo em brios.

d) Exija até o fim:

- não transija com a desobediência, uma só vez que seja, para não insinuar fraqueza, de que se aproveitarão as crianças;
- não aceite meia tarefa, quando a pediu inteira, pois já esta meia desobediência é caminho para a desobediência total;
- se o trabalho era condicionado a algum ato, não houve válida causa escusaste, considere desobediência o descumprimento do prazo;
- se o trabalho era condicionado a algum ato, este não se realizará sem aquele: "Faça este serviço antes do almoço" - e a criança só almoçará quando o tiver feito!

6ª norma: Seja compreensivo

a) Pense na criança:

- ela é instável, de imensa mobilidade;
- o pequeno desenvolvimento da inteligência não lhe permite maior capacidade de reflexão - e não pesa o que faz;
- a vontade em formação é ainda fraca, e ela é tangida pelos instintos e pelo impulso dos interesses imediatos;
- seus horizontes limitados não lhe permitem ver longe, e ela mais se preocupa com o presente que com o futuro, mais com o pessoal que com o geral, mais com os prazeres que com a moral;
- as grandes forças que movem os espíritos verdadeiramente adultos deixem-na fria e imóvel, porque ela ainda não sente a beleza do dever, da consciência, da dedicação ou do sacrifício;

b) Saiba ceder:

- erros de criança não podem ser julgados com rigor;
- suas responsabilidades são limitadas à sua capacidade: ela é uma criança;
- se ela errou, pese as causas de seus erros antes de pensar em puni-los;
- lembre-se que um motivo que para nós é fútil ou inexistente, para ela é irresistível.

Ex: Pequeno de 9 anos chega-me apavorado. Saíra de casa para a Missa das 11, a última que então havia na cidade. Juntou-se aos meninos que acompanhavam um camelô de circo, e, quando caiu em si, estava no outro extremo da cidade. Correu para a igreja, mas a Missa terminara. Seria castigado em casa, se contasse singelamente a verdade. E o pior de tudo: o pecado mortal de ter faltado à Missa! Nunca lhe esquecerei a expressão de alívio quando lhe disse que não pecara (perdeu a Missa sem querer) e lhe propus telefonarmos à mamãe que ele almoçaria comigo. Aquela senhora, que mal lançaria um curioso olhar para o homem de pernas de pau, dificilmente compreenderia que ele arrastasse invencivelmente o seu filho por duas horas de caminhada a pé. Não é uma pena essa incompreensão em pessoas tão bem intencionadas?

- pense nas limitações da criança, nas tolices da idade;
- tratando-se mesmo de adolescentes, lembre-se de sua imaturidade, da facilidade porque se deixam levar por companheiros, da incapacidade para julgar idéias e pessoas, da tendência em ceder à vaidade e aos brilharecos;

- faça o possível para não esquecer do tempo em que foi também criança e adolescente: quando o esquecemos, não podemos mais ser educadores;
- tenha a humildade de recuar, se percebe que errou, mesmo que o erro tenha sido apontado pelas crianças; reconhecer o erro é grande atitude moral;
- e quando ceder, ceda clara e generosamente, confessando que se enganou, não viu o aspecto que as crianças apontaram, que não quer impor um erro aos filhos - faça como o general vencido: tire a espada e a entregue ao vencedor, e crescerá no conceito dos educandos.

7º norma: Apóie-se em Deus

Aqui está uma norma preciosa, que, infelizmente, muitos educadores esquecem. Nenhum daqueles que crêem realmente em Deus ... podem menosprezar tão poderosa alavanca de toda a educação, e particularmente da difícil virtude da obediência. É precisamente num cântico que fala da prosperidade da família que o salmista diz: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem" (Sl 126,1).

Apoiar a obediência em Deus é encaminhar a criança para:

a) Obedecer a Deus:

- aqueles que exercem autoridade fazem-no em nome do Senhor, de quem procede todo poder de homem sobre homem: a cada um deles aplicaremos com verdade a palavra de Cristo a Pilatos: "Não terias poder sobre Mim, se não te fosse dado do alto" (Jo 19,11);
- "autoridade" vem de "autor": se os pais são os autores de seus filhos, Deus é o Autor de todos os homens e de todas as coisas - foi Ele que deu aos pais o poder de gerar e o dever de educar os filhos;
- os que mandam, não só o fazem em nome de Deus, mas devem também fazê-lo para glória de Deus;
- e os que obedecem, mais obedecem a Deus de que aos homens, e mais devem submeter-se por motivos sobrenaturais que por motivos humanos;
- os que se habituem a ver nos homens o poder de Deus (o que não é fácil), obedecerão humildemente, mesmo quando os superiores são antipáticos ou indignos do cargo: não queremos dizer que estejam os pais lembrando aos filhos essas verdades cada vez que os mandam fechar a porta ou desligar o rádio, mas sim que os impregnem desse espírito sobrenatural que facilita e dura toda a vida moral.

b) Recorrer a Deus:

- disse Louis Venillat que anda mal o mundo porque os homens ficam mais em pé do que ajoelhados;
- consultado o grande Windhorts por uma senhora cuja vida doméstica andava periclitante, perguntou-lhe se não tinha em casa um genuflexório, e ela lhe respondeu que sim, mas estava velho e sem uso: "Pois é isto que falta a seu lar: voltem a usá-lo, e tudo serenará";
- os pais deviam mais falar dos filhos a Deus do que de Deus aos filhos;
- quando os filhos se perdem, procurem-nos no genuflexório que os encontrarão, como Santa Mônica encontrou Santo Agostinho;
- quando os filhos tiverem dificuldades, orientem-nos para a oração, lembrando-lhes as promessas de Cristo a quem orar;
- quanto mais difícil acharem a obediência tanto mais devem rezar a Deus: "Pedi e recebereis" (Jo 16,24);

- encaminhá-los para o amor de Deus como supremo móvel de seus atos;
- pôr-lhes na mente a vida de Cristo, como modelo a seguir;
- habituá-los também a esperar de Deus as recompensas: as que se esperam dos homens falham a cada instante, mas as divinas são infalíveis.

c) Examinar-se diante de Deus:

- se os homens nos interrogam, podemos (às vezes até devemos) negacear, quando são indiscretos ou injustos;
- quando nos acusam, nosso primeiro movimento é de defesa;
- mas se somos nós próprios que nos interrogamos, e o fazemos em face do Senhor "que vê o que é oculto" (Mt 6,6), então é natural que apareça a verdade; sumo valor pedagógico, que os bons educadores nunca deviam dispensar;
- habitue seu filho a examinar, à noite, o dia que viveu, pedindo a luz divina para conhecer-se, lembrando o que fez de bom (para agradecer a Deus) e de mal (para pedir perdão e propor emenda), procurando as causas e as intenções de seus atos bons ou maus;
- dificilmente continuará desobediente, mau filho, mau estudante aquele que for fiel ao exame de consciência;
- os católicos acusem na Confissão as desobediências, pois a confissão inclina à correção, e a absolvição outorga a graça que muito ajudará na emenda.

Os desobedientes

Empregados todos os meios indicados, haverá ainda os desobedientes. São naturalistas e utópicos o que, como Robin ("L'enfant sans défauts"), afirmam que a desobediência infantil não tem expressão em si, e deve ser atribuída à doença da criança ou aos errados processos educacionais da família.

Reconhecendo a grande freqüência destes fatores não pensemos, contudo, que sejam as crianças uns anjos caídos do céu... São filhos de Adão, com os percalços da pobre humanidade, e descendentes de suas famílias com a carga hereditária de gerações e gerações. Ingênuo, pois, quem as quiser reputar angélicas ou atribuir-lhes a sabedoria, de que o próprio Salomão nos deixou mais teoria que exemplos. Falta-lhes o senso para acatarem ordens, ainda as mais ricas de bom senso. Mingua-lhes a visão, mesmo quando se trata de seus melhores interesses presentes e sobretudo futuros.

Claro que os pais cuidadosos e avisados reduzirão muito as desobediências dos filhos, mas só por exceção as eliminarão nalgum deles.

Outras indicações

Já dissemos muito a respeito das causas de desobediência. Façamos, juntos, novas considerações.

A correção é lenta

Faz-se aos poucos através de muitas recaídas, mesmo na vida dos santos. Empenhados em corrigir-nos de um defeito, quantas vezes tornamos a cometê-lo? A Imitação de Cristo nos adverte: "Se cada ano corrigíssemos um só vício, dentro de pouco tempo estaríamos perfeitos". No entanto somos adultos e decididos à correção.

Que diremos então dos que estão em formação, fracos de convicções morais,

fraquíssimos de vontade? Ainda os melhores recairão muitas vezes. É comum desculparem-se: "Foi sem querer". Os que não os acreditam vejam-se a se afligirem das próprias faltas: "Ih! E eu tinha prometido a Deus não fazer mais isto!"

Crianças precisam de nossa paciência e ajuda. A compreensão que nos pedem é esta. Não sejamos mais exigentes com as crianças do que conosco! Lembremo-nos de que a verdadeira obediência não é fácil: deixar de querer o que queremos para querermos o que o outro quer! Fazer o que o outro quer é mais fácil: mas esta não é a finalidade do educador, nem isto pode contentá-lo. Os que se impacientam caem no erro de preferir a submissão à obediência.

Seja constante a ajuda

Não se impaciente com a criança, mesmo que a falta seja propositada. Mantenha a calma, e exija de novo o cumprimento da ordem dada. Obrigada mil vezes a repetir a mesma ordem ou a lembrar o cumprimento de uma determinação, façamo-lo sem nos perturbarmos, como se estivéssemos falando pela primeira vez. Sei que isto nos custa, mas se não sabemos conter-nos, como queremos corrigir os outros?

Não desanimemos: cada vez que a criança precisa realmente de correção, corrijamo-la, ajudemo-la a emendar-se, sem recriminações (que podem desanimá-la), sem alegação das faltas anteriores.

Dos maiores inimigos da correção, é a falta de continuidade: permite hoje o que proíbia ontem. Guarde fidelidade aos princípios, e coerência nos atos. Creio não ser preciso repetir o que disse a 5ª norma sobre a necessidade de velar pela execução das ordens, e exigir o seu cabal cumprimento, tranqüila, mas inflexivelmente.

A perseverança do educador termina conseguindo a do educando: a gota cava a pedra, não pela força, mas pela repetição da queda.

Estude cada criança

Cada criança é um mundo diferente. É importantíssimo saber por que desobedeceu... Cada criança é um caso para encaminhamento diferente. A mesma solução não pode servir para todos. Infelizmente, na maioria dos colégios, a solução será uma só - e não será solução. Todos irão de castigo, agravando as causas da desobediência, punidos, mas não corrigidos.

Este não há de ser o caminho do verdadeiro educador, principalmente dos pais. Ele examinará cada caso e lhe aplicará a conveniente terapêutica, levando a criança a mudar as disposições interiores e dispor-se a agir corretamente na próxima oportunidade. Sem isto, a correção não tem sentido: a criança será subjugada, mas a causa da desobediência permanece e até se agrava.

Não haverá castigos?

A idéia é tão arraigada que me escusarão a insistência. Se a preocupação é educar, a correção basta. Ela pode tomar, no entanto, várias feições, conforme o caso.

- A ordem não foi cumprida; pois o será agora.
- O trabalho foi mal executado: será feito de novo, com o cuidado devido. E será repetido até que corresponda às possibilidades da criança (que o educador conhece).
- O mesmo acontecerá, quando a criança propositadamente modificou a ordem, para beneficiar-se.
- Houve transtorno em virtude da desobediência: a criança o reparará, na medida de suas possibilidades.
- Os casos de obstinação serão raríssimos nas crianças bem educadas. Mas se aparecerem, os pais os enfrentarão com calma e energia:

- a) informando-se primeiramente do obstinado sobre as razões do seu procedimento e procurando desfazê-las;
 - b) fazendo-o recolher-se sozinho algum tempo, para pensar melhor;
 - c) recorrendo ao auxílio de pessoa da confiança da criança;
 - d) impondo outras sanções educativas que a situação do educando comporte.
- Vantagens da desobediência

Aos que tanto se desgostam e se irritam com as desobediências do filho dou-lhes uma palavra de conforto. É bom sinal! Sinal de personalidade forte, que deve ser bem orientada para dar frutos dos melhores.

- Se não quer obedecer porque não vê a razão da ordem, parabéns: ele demonstra consciência de si, e promete ser um homem digno.
- Se recusa obedecer porque se sente cerceado na sua personalidade, parabéns: ele não será "o caniço agitado pelo vento" que o Evangelho reprovava (Mt 11,7).
- Se nega obediência porque o modo de mandar lhe ofende os brios, parabéns: ele sabe preservar sua dignidade.
- Se ele não aprecia as ordens supérfluas, parabéns: será na certa um homem do dever e de iniciativa.
- Se repele a ordem porque é contrária à moral, parabéns: este menino começa onde muitos infelizmente não chegaram.

Ele pode ter erros de forma, devidos à idade; mas a substância é excelente, e só peço a Deus que não lhe cortem a perspectiva, mas o ajudem a crescer: o futuro dirá quanto ele vale.

Perigos da obediência (indiscriminada)

Folgam imensamente os pais dos filhos muito obedientes. "É tão bem mandado! - Basta dizer uma vez, logo imediatamente obedece! Não me dá trabalho! Quem dera que todos fossem assim".

Uma obediência baseada no respeito e no afeto aos pais, no sentimento de inferioridade que em face deles experimenta o filho, e na confiança inteira que neles deposita, é digna de louvor. Mas é rara, porque essa piedade filial em tão alto grau é muito adulta e perfeita para se encontrar em crianças.

Nem me parece muito normal a obediência imediata. Em geral se deixa um compasso de espera, como satisfação ao amor-próprio... Essa obediência, só a encontramos numa visão plenamente sobrenatural ou no fanatismo... Costumo dizer aos pais que não

exijam dos filhos a obediência da lâmpada elétrica, que se apaga ao viramos o interruptor, mas se contentem com a do ventilador, que ainda dá umas voltinhas antes de parar...

Exceto em casos privilegiados, tem a demasiada obediência não pequenos perigos. Anula-se a vontade da criança, e depois? Essa obediência excessiva pode ser de má procedência e péssimos efeitos.

a) Pode ser preguiça mental: para não ter o trabalho de pensar, entrega-se, fazendo o que lhe mandam, sem repetir, sem medir conseqüências, pronta e automaticamente, como animal amestrado ou como máquina.

b) Por sentimento de inferioridade, não em face dos pais, mestres e outros adultos em que tenha razões de confiar, mas em face de qualquer outro, pode ainda a criança entregar-se à obediência absoluta.

c) Há também o perigo de aviltamento de caráter, se se obedece sem respeito à própria personalidade, contra suas convicções, contra os ditames da lei e até da moral, e, mais tarde, com medo ao chefe poderoso, à perda da colocação, do prestígio social e político.

Apontados assim, são claros por demais os perigos de uma obediência indiscriminada, todos de evidente gravidade... Ela mata os germes da dignidade, da altanaria e da honra. Não é disciplina, mas servilismo e emasculação moral, que formará não homens, mas poltrões que se deixarão tanger pelos tiranos, subornar pelos corruptos, comprimir pelos prepotentes, sem ânimo para protestos, sem vigor para resistência, sem coragem para a revolta, sem fibra para salvar sequer a honra.

É dessa "educação para a morte" que saem as massas das eleições unânimes dos países tiranizados, os rebanhos submissos que os totalitários tanger a vara, os funcionários acovardados que cometem as ilegalidades ordenadas pelos chefes, os que cumprem sem pestanejar as ordens criminosas matando companheiros ou estrangulando jovens indefesas...

Nem os censurem: aprenderam apenas a obedecer, e obedecem! É o que fazem os que infamam a serviço de terceiros, os que executam os crimes forjados pelos chefes de "gang", os menores que servem aos interesses de contraventores profissionais, as míseras moçoilas que funcionam como chamarisco para roubos e latrocínios, os "homens de confiança" que transbordam bens e valores públicos para as propriedades e contas de seus próceres, e muitos outros que em semelhantes empresas figuram com deplorável freqüência nas seções policias das gazetas.

Não é esta, evidentemente, a obediência que preconizamos. Precisamos de homens - e estes só a obediência consciente é capaz de formar.

5- O EGOÍSTA



Esse homem metido em si mesmo, voltado para suas preocupações e seus interesses, sem ressonâncias para as necessidades ou alegrias do próximo, incapaz de enxugar a lágrima de quem sofre, insensível à fome dos miseráveis, às angústias do aflito e ao frio dos esfarrapados, esse homem que só pensa nos outros na medida em que eles lhe podem ajudar à riqueza ou à fama, e que os larga quando já não tem mais o que lhe dar (como quem joga fora o bagaço da laranja que chupou), esse que só pensa em si, só tem para si – é o egoísta.

Também ele é infantilizado: não ultrapassou o nível da criança. Não se integrou na convivência humana. Seus horizontes fecham-se sobre si mesmo, estreitos e sufocantes. Seus olhos só vêem o chão em que pisa, numa infeliz miopia que não enxerga caminhos alheios.

Sua capacidade de sentir o que não é seu atinge a selvagens endurecimentos que negam a própria natureza – como a jovem que chega da cidade, senta-se, queixa-se do calor e pede um copo de água à velha mãe que labuta na casa e na cozinha desde as 6 da manhã!

Furtado pela natureza e vítima de má educação, ele diminui a própria capacidade de viver e extingue uma copiosa fonte de felicidade, desconhecendo a vida de seus irmãos e não os ajudando a ser felizes. Em torno de si espalha o desprezo e a aversão.

Criança e jovem

A criancinha precisa de cuidar de si, de apegar-se ao que lhe é necessário, defender-se dos elementos estranhos, a fim de poder desenvolver-se. Ela obedece ao instinto que o Criador lhe deu para orientar-se até que a natureza humana sobrepuje essas manifestações inferiores. É nessa idade que ela desconhece quaisquer direitos alheios, inclusive o de propriedade, como depois veremos.

Na medida em que vai deixando de ser criança, vai também perdendo o egotismo. Vai

descobrimo os outros. Estendendo o olhar para fora e ampliando o horizonte. Interessando-se pelos irmãos e colegas. Aos poucos, e se a educação a ajuda.

Na adolescência, as preocupações sociais brotam com vigor realmente humano. O adolescente, se não é mal servido de constituição nem infantilizado pela má educação, volta-se para os outros. Sai dos limitados círculos da família, dos companheiros de jogos e dos colegas da escola, e abre-se para a sociedade.

Mas não se desliga de um golpe da fase anterior. E apresenta contradições, oscilando entre rasgos de generosidade e manifestações de egoísmo. Mais se interessa pelos problemas de fora e de longe mais que pelos da família ou da vizinhança. Não será muito capaz de iniciativas pessoais, mas se integrará com gosto nos grupos de ação. Nesta idade, mais do que na infância, reclama compreensão.

Influência dos pais

Pode, porém, acontecer que não evoluam normalmente, os sentimentos da criança, e ela passe do egotismo ao egoísmo. É uma tendência má, como qualquer outra, e pode ser corrigida ou agravada pela educação.

A influência do lar é de suma importância, aqui como nos mais setores da formação. Os filhos imitam insensivelmente os sentimentos dos pais. Aprendem o que se faz e se diz em casa, ao longo dos dias, despreocupadamente, sem a intenção formal dos conselhos (contra os quais se põem em guarda).

Se os pais se manifestam egoístas na presença das crianças, nas conversas, nos comentários aos fatos quotidianos, na maneira de encarar os negócios, no cultivo das amizades, nas atitudes políticas, no modo de tratar os empregados – os filhos absorvem suas lições adesivas e marcantes.

Podem até, sem esta intenção, ensinar indiretamente o egoísmo, quando satisfazem ao filho desejos que contrariam ou sobrecarregam a irmãos e empregados. Sim, porque ninguém pode satisfazer-se à custa de direitos alheios.

Se, pelo contrário, são os pais caridosos, é na própria vida que dão às crianças a mais eficiente educação social, tornando-as, por sua vez, abertas sobre as necessidades do próximo e generosas em acudi-las. Resistem, ainda assim, certos germes de egoísmo. Mas esta é a melhor maneira de combatê-los.

Educação social

Escusemo-nos de justificar a necessidade da educação para o amor e a ajuda do próximo: a natureza mesma a reclama, as carências de nossos irmãos gritam-nos por ela, e a tendência dos tempos lhe dá relevo. Graças a Deus! A lição de Cristo clama por perene cumprimento: “Fazei aos homens o que quereis que eles vos façam” (Mt. 7,12), o que é maneira de cumprir o “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt. 19,19).

Indiquemos o modo de proceder na prática

Com os pequeninos

- Não atender com sofreguidão à criancinha;
- Habitua-la a ficar no berço;
- Não ceder quando, mais tarde, apareceram sinais de ciúmes,
- Não lhe provocar o egoísmo, quando lhe der alguma coisa: “Isto é para você”; ou, para conseguir obediência: “Coma, senão Fulano vem e come”.

Ensinar gentileza

Exercitemos a criança segundo sua capacidade:

- Fazê-la distribuir as balas e os doces com os irmãos, ficando ela por último;
- Ceder à passagem nas portas, etc.;
- Ajudar os irmãos em seus trabalhos;
- Oferecer lugar no ônibus às pessoas de idade, doentes, etc.;
- Atender sempre com bons modos e expressões delicadas, seja a quem for;
- Ser delicada e boa com os animais e até com as plantas.

Orientar para o próximo

Não se contente em ensinar que não temos o direito de exigir que os outros nos sirvam, e que devemos interessar-nos pelas necessidades alheias, mas encaminhe a criança para obras de caridade fraterna. Para isto:

- Mover-lhe a sensibilidade, que é o mais fácil: saber “sentir” a fome, o frio, as carências dos pobres, dos doentes, das crianças;
- Habitua-la a dar esmolas do que é seu: balas (guardar umas para a coleguinha mais pobre, o filho da lavadeira, etc.), brinquedos (não quando já estiverem inutilizados), roupinhas, sapatos, etc.;
- Guardar revistas, livros de histórias, etc., para levar aos hospitais e educandários pobres: isto é mais do que dar presentes, é dar-se ao próximo;
- Dividir a merenda com o colega pobre que não a pode levar à escola;
- Ajudar os que encontre precisados de auxílio a seu alcance: o cego que quer atravessar a rua, a velhinha que tem dificuldade em subir ao ônibus ... a criança que está chorando na rua, etc.;
- Fazer sentir a felicidade de fazer o bem ao próximo: “a felicidade de afazer os outros felizes”.

Ver a necessidade alheia

Não há descrição que valha a verificação pessoal do sofrimento ou das carências dos nossos irmãos mais pobres. É preciso que as crianças tomem contato direto com o sofrimento e a miséria dos homens, segundo a sua capacidade. Levá-las a:

- Visitar internatos e hospitais infantis, ou mesmo hospitais adultos (seleccionando as enfermarias);
- Ver os bairros pobres, de perto, sentindo-lhes o odor diferente, as dificuldades de toda ordem, avaliando ao vivo como é possível sofrer permanentemente aquela miséria;

- Levar pessoalmente, algumas vezes, uma palavra de conforto e amizade aos colegas e amigos enfermos, sejam da mesma condição ou de inferior condição social e econômica.

Firmar a doutrina

A formação feita assim por obras, firma a doutrinação dada na Catequese e na escola. Notemos, porém, que, por sua vez, a doutrinação há de ser viva e orientada para o próximo. Não creio em catequese decorada ou meramente teórica; por isso mesmo insisto com os catequistas que dêem sentido apostólico à doutrinação, levando o ouvinte a pensar no próximo e a desejar ajudá-lo tanto espiritual como materialmente. Os homens caíram na horrível situação atual de egoísmo por falta de espírito cristão.

Há muita necessidade espiritual que deve preocupar o educador cristão:

- Rezar pelos parentes e amigos, os doentes e sofredores, as almas do purgatório, a conversão dos pecadores, etc.;
- Ajudar as obras religiosas – paroquiais, regionais ou universais, desde as imediatas para as quais nos conclamam nossos pastores, até as universais, como a conversão dos pagãos;
- Sentir as necessidades espirituais do próximo: os que não cumprem os deveres religiosos, os que não respeitam sequer os preceitos do Decálogo, os que não pensam em preparar-se para a eternidade que se lhes aproxima.

Para nós cristãos, toda ajuda fraterna deve ser caridade, isto é, amor do próximo por amor de Deus, feita com vistas sobrenaturais.

6- O QUE NÃO QUER ESTUDAR



Um momento delicado

Aos 7 anos, a criança deixa o círculo limitado e conhecido da família, e penetra no mundo inteiramente novo da escola. Não são mais os irmãos e os primos: são várias

crianças, estranhas e heterogêneas. Não são somente os amiguinhos do edifício ou do quarteirão: são desconhecidos agora os seus companheiros: - nunca se viram, não sabe quem são, nem como se chamam, onde moram, de quem são filhos. Pela primeira vez, ela é uma desconhecida no meio de desconhecidos. A própria professora ela não sabe quem é: sabe-lhe apenas o nome.

Esse novo mundo em que vai viver é muito diferente da família. Em casa eram os outros que procuravam adaptar-se-lhe: ali é ela que deve adaptar-se a tudo. O seu novo mundo tem horários rígidos, marcados pela sirene estridente; tem programas que lhe são impostos; tem lugares certos que lhe são designados. Grande parte de sua liberdade acabou-se. Agora ela deve fazer tudo com os outros e como os outros. Um novo regime de vida. Obrigações, tarefas, exercícios, com prazo determinado, sem aquela ajuda pessoal a que está habituada. Poderá integrar-se com facilidade no ambiente novo; mas poderá encontrar elementos que lhe rompam o equilíbrio emocional.

Dos colegas e da própria professora receberá talvez impressões que a traumatizarão, criando-lhe dificuldades. Se isto lhe acontecer, e se não encontrar compreensão e amparo em casa, a vida escolar lhe será difícil, com perspectivas até de fracasso.

Como ajudar os filhos

Tanto indireta como diretamente podem os pais ajudar os filhos que vão à escola.

I. A ajuda indireta, certamente a mais eficaz, pode ser realizada de vários modos:

- Boa integração social

Habituada a conviver bem com os irmãos e amiguinhos, a respeitar as pessoas mais velhas, a obedecer aos pais, a criança encontrará facilmente para o trato com os colegas e o respeito e obediência à professora.

- Disciplina

Se em casa contraiu os hábitos sadios de

- . pôr cada coisa em seu lugar,
- . atender com presteza aos horários,
- . saber escutar quando outros falam,
- . receber e executar ordens,
- . prestar atenção ao que se lhe diz,

- a vida escolar não lhe será grande novidade, a criança não estorvará as aulas com conversas, e saberá ouvir e aprender o que diz a professora.

- Auto-suficiência

A criança que, desde cedo, aprende a

- . usar do banheiro,
 - . vestir-se sozinha,
 - . atar o cadarço dos sapatos,
 - . servi-se à mesa,
 - . realizar seus trabalhos sem maior dependência dos adultos,
- sentir-se-á bem na escola, e quase não estranhará o seu regime.

- Curiosidade

Sem em casa

- . sempre lhe satisfizeram as justas curiosidades,
 - . se lhe alimentaram o espírito com interessantes e úteis conhecimentos,
 - . se lhe responderam devidamente às naturais perguntas,
 - . se a familiarizaram com livros ilustrados,
 - . se a levaram a visitar parques e museus, etc.
- ela experimentará natural desejo de aprender, e provará alegria com os conhecimentos que a escola lhe for ministrando.

- Expressão

Se, desde o começo

- . ensinam-lhe a falar com correção e propriedade,
 - . se lhe vão aumentando o vocabulário conforme as necessidades,
 - . se lhe deixam participar (educadamente) das conversas da família, aprendendo assim (insensivelmente) a expressar-se com espontaneidade e desembaraço.
- grande facilidade encontrará na escola.

- Disposição

- . Se lhe falam da escola com simpatia, como de uma atividade agradável e um lugar feliz, e da mestra como pessoa encarregada de ajudar a instruí-la e prepará-la para a vida,
 - . se nunca a ameaçaram nem amedrontaram com o estudo e a professora,
- ela verá aproxima-se a vida escolar com alegria ou, pelo menos, com calma e segurança.

Esta preparação indireta é a mais vantajosa, porque realiza a integração da criança nas suas atividades estudantis.

II. Há também a ajuda direta, dada mais propriamente aos estudos. Entre deixar o filho entregue a si mesmo e fazer-lhe os exercícios, há o justo proceder dos pais. Quais será?

- Ajuda nos estudos

Local e horário para os estudos em casa, a fim de estabelecer disciplina e hábito. O tempo de estudo não deve ser tanto que gere enfado, nem tão pouco que não baste às lições e exercícios.

- Ambiente de trabalho

Sem excessivos rigores (contraproducentes), o estudo deve ser levado a sério, não somente para ser eficiente, como também pra educar na seriedade do trabalho. No tempo destinado ao estudo, não se permitam brincadeiras nem conversas, interrupções indébitas, telefonemas proteláveis, etc., a fim de formar nas crianças o senso do dever.

- Verificar os trabalhos

Evitem os pais seguir muito de perto o trabalho da criança, para não torná-la demasiado dependente. Podem ver se os cálculos estão certos, as operações bem feitas; e, se não, devem apontar os erros e mandar corrigi-los. Podem também explicar as dificuldades que ela encontrar nos livros ou nas ordens dos professores; mas não discordem do que lá

estiver escrito, para não criar-se confusão na mente do aluno. Ao fim do trabalho, "tomem a lição", para verificar o que ela fez.

Na prática, esses cuidados caberão antes à mãe que ao pai. Este, porém, não pode desinteressar-se dos estudos dos filhos: informe-se freqüentemente como vão; veja-lhes os cadernos, experimente-os, de quando em quando, verifique-lhes a caderneta de notas ao menos semanalmente, estimule-os com seus conselhos, aplausos e reprimendas.

7- O QUE MEXE NO ALHEIO



De todas as faltas infantis é talvez o furto a que mais profunda e desagradável impressão produz aos pais.

Atribuindo-lhe uma importância moral que ela não pode ter, exageram-lhe o aspecto social, temendo a vergonha que se abaterá sobre toda a família, manchada pela presença de um "ladrão". Descarregam, então, sobre a pobre criança os mais severos castigos - os quais, digamo-lo quanto antes, em lugar de remediar, agravam a situação, inclinando mais fortemente ao furto e complicando-o com mentiras e astúcias.

Alguns, ao lado disso, tratam de escondê-lo, quando o mal demanda medidas pedagógicas e médicas, e não silêncio e esconderijo.

A criança que furta merece especiais e imediatos cuidados. Não que ela seja um ladrão, que tenha a noção da propriedade alheia e a consciência moral de que a está violando, não! Esta é uma atitude adulta, aos poucos adquirida e consolidada. Mas porque o furto infantil é indício de insatisfação pessoal, de tendências irrealizadas, de morbidez, ou de sugestões consciente ou inconscientemente absorvidas.

Existe nessa pobre criança móveis (às vezes secretos e profundos) que é preciso atingir para remover - sem o que é impossível a sua cura. Analisá-la é, pois, a primeira necessidade, embora nem sempre seja fácil, mesmo com o concurso imprescindível (veja-se bem: imprescindível) do psicólogo e do pedagogo.

Carências profundas

A imensa maioria dos pais, despreparados para o ofício de educadores, adeptos da "paudagogia", pensando que castigos físicos são o mais eficiente remédio para esse e outros males, rirão do que vou agora dizer:

Antes de furtar, a criança é furtada.

Sim, está é a verdade. Furtada no afeto a que tem direito, ou a que julga ter. Furtada nos brinquedos, que todos ganham, menos ela. Furtada nos doces, que não lhe dão, ou não lhe dão na medida em que deseja, ou não lhe dão aqueles de que mais gosta. Furtada nas promessas que lhe fizeram e não cumpriram.

Furtada no alimento que os pais não lhe podem dar, porque freqüentemente a organização social furta também aos adultos. Furtada na perfeição de seu corpo ou de sua inteligência, como na posição social a que se reputa com direito. E assim por diante.

O furto na criança é, na maioria dos casos, mero reflexo da maneira pela qual ela é tratada. Dele, sem o saberem, sem o quererem, são causadores os pais. Compreendo porque estejam aborrecidos comigo, ou rindo do que lhes digo. Não importa: continuem a leitura, pois a nossa intenção é a mesma - a correção da criança - embora por meios diferentes dos usuais.

Furtada seja em que for, a criança, sentindo vaga e profundamente a sua carência, procura compensar-se, apropriando-se de alguma coisa que a contente. Às vezes, conforme a idade e a maturidade, sabe que está fazendo uma "coisa errada". Outras, nem isto. Guarda cuidadosamente o objeto "furtado", pelo que ele representa para ela, e para que não lho tomem.

Se menorzinha, nem sabe ter reservas: toma a boneca, tanto da irmãzinha como da menina estranha, quer o brinquedo da casa comercial, pede bala ao caixeiro: falta-lhe de todo a noção de propriedade; subsiste apenas o instinto a satisfazer.

Doces e brinquedos

Certas mães exageram e economia de açúcar. Ouviram dizer que doces fazem mal aos dentes (não é o doce, é a falta de cuidados...) Regram demais ...e as crianças ficam sempre insatisfeitas.

Outras vezes, são elas que tentam os filhos. Os doces ficam à mostra, esperando a festa do dia seguinte, ou o jantar. E a criança tem pressa... Se um sorvete ou saquinho de balas nem se fala. Bombons, só nos aniversários dos amiguinhos, donde as crianças voltam indigestadas (aproveitaram...), o que reforça a doutrina de que não devem comê-los!

Não é de admirar que essas vítimas da "lei amarga" cuidem de defender-se como puderem. Tiram doces ou simples açúcar, escondidos. Ou dinheiro para as guloseimas que não lhes dão, ou só lhes dão em doses homeopáticas.

Às vezes, a criança é fraudada nas preferências. Em lugar do doce de goiaba deram-lhe o de abóbora, de que não gosta; e ela furtou, depois, a goiabada.

Promessas descumpridas

Diz o adágio que "a rico não devas, a pobre não prometas". Também a criança. E quem prometer, cumpra.

A) Para contentar a menina visitante o pai disse ao filho que desse a bola colorida que ele traria outra. E não trouxe. O pequeno apanhou dinheiro da mamãe (era do papai...) para comprar outra bola!

B) Em caso idêntico, a criança "furtada" começou a tirar doces, como compensação. (Erram os que obrigam os pequenos a dar o que lhes pertencem ou o que mais lhe agrada, a pretexto de formá-los na generosidade. Como não estão maduros, não entendem o que se lhes pede ou manda. Ficam fraudados. E essa frustração, em lugar de ser aprendizagem de virtude, abre caminhos ao furto.)

A fome

Há muitas maneiras de encarar a fome da criança. Esta, se é filha de pais muito pobres, vive em regime de fome perene. Fome de verdade: subnutrição. Não come o suficiente a suas necessidades (já não falemos da diferença entre o que come e o que vê outras crianças comerem). No dia em que ela tirar uma fruta na feira, o pão da porta do vizinho, dinheiro para comprar doces e balas, é fácil, muito fácil compreender as suas razões.

Aquela, de remediada família, sente outra espécie de fome: não lhe dão aquilo que mais a regalaria. No seu paladar e na sua escolha, é também "faminta" e "furtada".

Descumpam-se os pais, aquele dizendo que não é culpa sua não poder alimentar fartamente o filho, este que não se há de contentar em tudo a criança. O certo é que a criança padece um déficit, e procura cobri-lo.

As inferioridades

De suas deficiências orgânicas ou intelectuais, pode também a criança procurar compensações em furtos. É algo disforme, tem defeito físico que a inibe, que lhe dificulta a participação da vida do grupo, ou de que zombam colegas sem caridade; sente especial dificuldade nos estudos, e não consegue vencê-las, apesar dos esforços... e procura compensar-se no furto.

Outras vezes, é a inferioridade social. Mas vestida, e mal calçada, sem merenda para comer na hora do lanche, procura a criança, com seus furtos, corrigir exterior (e muitas vezes interiormente) a sua situação.

Desfalques afetivos

A mais freqüente causa dos furtos infantis está nos desfalques afetivos. Vítima da falta de afeto - real ou imaginária, pouco importa! - ela corre a buscar uma compensação. Pensa resolver assim o conflito interior.

As causas dos conflitos nem sempre são claras, e freqüentemente as próprias crianças não as ligam a seus pequenos furtos. Alguns leigos em psicologia se negarão a aceitá-las, e continuarão em seus erros. Tanto pior para eles e principalmente para suas próprias vítimas.

Reconhecemos que muitas dessas falhas são cometidas inconscientemente - o que não lhes diminui a eficiência, nem a razão para as desprezarmos. Narrarei alguns casos, absolutamente verídicos, que ilustrarão o assunto.

- Percebendo que a mãe dispensa maiores carinhos ao pai do que a ele, o filho de 8 anos começa a praticar pequenos furtos.

- Filha única durante 7 anos, a menina, enciumada com a chegada do irmãozinho para quem se canalizam cuidados com atenções que antes lhe pertenciam, deu para furtar objetos da mamãe.

- Habitado a dormir com a mamãe (péssimo hábito por vários motivos), passando a dormir sozinho, o menino de 8 anos, além de outras desagradáveis atitudes, deu também para furtar.

- Viajando os pais para a Europa, a filha de 6 anos, que ficou com parentes, praticou uma série de furtos, que cessaram com a volta dos pais e a sua integração no lar. Mas tornou aos furtos, quando a situação anterior se repetiu... Caso típico, pois o furto aparece com a frustração afetiva, desaparece quando ela cessa, e se repete quando ela novamente surge. Assim explicamos vários casos de furto periódicos que surgem e desaparecem "ninguém sabe por quê!"

Furtos inúteis

Muitos outros poderia referir, por fracasso na vida escolar, pela separação dos pais, após um castigo mais severo, por uma medida humilhante para ela - por uma frustração afetiva qualquer, uma situação de desajustamento, uma perda ou diminuição de amor, um conflito interior, uma angústia ou um problema espiritual.

Robin, em "L'enfant sans défauts", conta do pequenino de 6 anos que, por não mais lhe ser permitido dormir com a mamãe, furtava as suas meias, e nelas se enrolava, explicando que sem a mamãe não conseguia dormir. É que as meias a simbolizavam.

A ligação entre o furto e a causa é tão evidente que todos a perceberão com clareza, ao menos depois de explicada... Espantam-se, às vezes, os leigos ao verem que as crianças furtam objetos inúteis para elas. Este caso mostra que o objeto furtado (meias) eram muito úteis, pelo que significavam.



Outras causas

A esses conflitos afetivos prendem-se os furtos por inveja e ciúme, e principalmente por vingança: crianças que querem privar os pais de objetos que lhes são úteis ou queridos, ou querem desgostá-los, sabendo o desgosto que lhes causam seus furtos. Então, procuram, às vezes, inutilizar os objetos furtados, com evidente desejo de vingar-se.

Relacionemos igualmente aqui o chamado furto generoso ou altruístico, que se encontra também nos adultos, mas que na criança representa mais freqüentemente a compensação pela falta de afeto: ela, com presentes, procura entre colegas, a estima que julga lhes negarem seus pais e mestres. Alguns o praticam por vaidade, ou também compensando-se de uma situação de inferioridade.

Por sugestão

Depois dos conflitos íntimos, creio que a causa mais constante dos furtos infantis é a sugestão. O ambiente é contagioso. Raríssimos, em toda a humanidade, lhes escapam ao influxo. Mais que os adultos, cedem facilmente às crianças à força do exemplo, das palavras, da vida doméstica. Desgraçadas daquelas que não têm no lar sadia atmosfera moral.

Se não é muito alto o padrão de honestidade dos pais, instala-se nos filhos uma deformação que só a muito custo se corrigirá. Raros mandarão, expressamente, os filhos roubarem; muitos, porém, o farão de outras maneiras:

- quando a mãe conta que recebeu o troco a mais, ou que o caixeiro não incluiu na conta tal mercadoria, e ela deixou-se estar;
- quando o pai se gaba do "alto negócio" em que conseguiu enganar a vítima;
- quando o titio fanfarrona suas negociatas; estão ensinando as crianças a serem desonestas.

Quando, à vista dos menores, diz-se que Fulano seria um tolo se não tivesse enriquecido no cargo público que exerceu;

- quando se repete que hoje basta furtar para enriquecer;
- quando se louva o governante que entrou para o governo pobretão e saiu nababo; é lição de desonestidade que se está dando.

Já é demais o ambiente de desonestidade triunfante da sociedade, e o educador deve esforçar-se por desfazê-lo e não reforçá-lo. Cedem também facilmente à sugestão do

grupo. Se o grupo a que se filia o menor é dado a essas práticas é quase certo que ele se perverterá.

Como alhures, também aqui são lamentáveis conseqüências os filmes e as histórias de quadrinhos em que se glorifica o roubo sob suas várias modalidades.

Aventuras

Meninos, pré-adolescentes, furtam por espírito de aventura. Divertem-se com aquilo. Contam suas peripécias com gosto, vivendo-as, transbordantes. Como os caçadores. Um esporte apenas.

Doença

Os que furtam por doenças são muito raros. Outros talvez conheçam casos de cleptomania em crianças; não os conheço. Em adultos, sim, embora poucos. A pessoa se sente impelida por força a que não pode resistir. O ato se impõe, consciente. A pobre criatura, às vezes, luta, mas sucumbe.

Alguns epiléticos e epileptóides sentem pronunciadas tendências ao furto. Crianças vítimas de sífilis, ou moléstias infecciosas que lhes atingiram o sistema nervoso central, ou portadoras de perversões instintivas e atrasos mentais, de instabilidade, apresentam, às vezes, essas tendências.

Providenciem imediatamente seus responsáveis os cuidados médicos e psico-pedagógicos indispensáveis, pois não são casos para a simples educação doméstica. O mesmo lhes aconselho, quando se trata de pervertido. É também doente: contraiu o mal.

O primeiro cuidado

Apanhada a criança em furto, devemos guardar a maior calma, reprovar-lhe o ato, e fazer um exame da situação.

Pesemos as circunstâncias:

- Que idade tem?
- Sabe que estava "furtando", ou apenas "tirou escondido", mais por traquinada, por desobediência, do que por furto?
- Que furtou? (Isto é muito importante).
- Foi à primeira vez?
- O furto foi preparado, ou de improviso?
- Furtou sozinha ou acompanhada?
- Alguém sabia deste ou de outros furtos? Quem era? Por que furtou: para comer, para comprar comida, para guardar, para usar, para dar?
- Houve algum desentendimento mais ou menos recente com o dono da coisa furtada?
- Se é reincidente, que tem furtado? A quem? Para que?
- Vem à criança apresentando dificuldades noutros terrenos?
- Que explicação deu?
- De que modo foi interrogado: com calma (verdadeira, não fingida)? Ou com raiva?

- Mostra-se arrependida?

Não esqueçamos uma pergunta valiosíssima: Que aconteceu de importante em casa, que possa ter determinado essa atitude da criança? (Sim: não esquecer que a criança que furta, antes foi "furtada"). Coloquemo-nos mais do ponto de vista da criança que do nosso...

Que castigo dar?

Não, não é de castigo que a criança precisa; é de correção. Castigo já recebeu, e não pequeno, na vergonha de ser apanhada em furto. Os que pensam em castigá-la, e o mais severamente possível, em surrá-la de modo "exemplar", esquecem (ou ignoram) que isto lhe vai apenas agravar o problema.

- Se a criança furtou por sentir-se em conflito interior, o castigo lhe aumentará o conflito.
- Julgava-se infeliz por não ser amada, e a surramos para mostrar-lhe--- que a amamos?
- Mentimo-lhe quando não cumprimos nossas promessas, e queremos cumpri-las... com pancadas?
- O furto revela a insatisfação da criança, e para contentá-la... aumentamos-lhe as privações?
- Procurou a criança remédio a seus sofrimentos, e nós corremos a... aumentá-los no corpo e na alma?

Em nada disto pensam os pais. Preocupados com o bom nome da família, atiram-se contra a pobre criança, a batê-la e a maltratá-la com mil punições. E pasmam de ver que não veio a desejada correção. Nem podia vir. Pelo contrário, tanto mais infeliz se sente, mais procura compensar-se em novos furtos.

O furto já por si leva à reincidência: como a coisa furtada perece (o doce é comido; o dinheiro, gasto) ou não representa plenamente o que falta, a criança passa a procurar outra compensação. E como, às vezes, lhe vem o remorso e a angústia do mal que fez, a insatisfação se agrava, e ela sente necessidade de furtar mais. Se a isto acrescentarem mais castigos, negando-lhe ainda o afeto que procura, afligindo-a com recriminações, é claro que estimulam a reincidência, embora procurem precisamente o contrário.

Que fazer então?

Diga-se-lhe (com a maior calma e carinho) que fez mal, que o objeto vai ser entregue ao dono (sem outra atitude que possa humilhar mais a criança). E, em seguida, aquelas conversas, acima descritas como o primeiro cuidado.

Descoberta a causa do conflito, procure-se satisfazer a tendência fraudada - o que também há de ser feito com tato e prudência, para não se abrir a porta a outros abusos. E quando essa satisfação não for possível, fazer que a criança compreenda a sua situação, a fim de evitar-se a frustração e suas lamentáveis conseqüências...

Senso de justiça

Os meios para a formação do senso de justiça e honestidade são conhecidos. Dar exemplo de respeito aos bens alheios, nas grandes e pequenas coisas, e tanto com estranhos como com os da família, notadamente as crianças;

- falar sempre da honestidade como de excelente virtude, necessária à segurança e tranqüilidade dos homens;
- inculcar o direito de propriedade como vantajoso e amável;
- infundir amor aos sentimentos nobres e à coragem moral;
- reprovar tudo o que fere a moral no que toca à propriedade, na esfera particular ou pública, em grandes ou diminutas proporções;
- desenvolver nos filhos o senso social, salientando quanto importam aos homens o conceito da dignidade pessoal e a confiança recíproca.

Nas famílias cristãs... salientar o Mandamento divino que manda não furtar (Ex 20,15);
- mostrar como o Senhor ordenou a punição do furto (Ex 21,16) e a restituição dos objetos furtados (Ex 22,1);
- contar o cuidado de Tobias, ao ouvir em casa o balido da ovelhinha, temendo fosse furtada (Tob. 2,21). E nos exames de consciência com as crianças fazer a respeito uma pergunta, a fim de manter vivo e delicado o sentimento de honestidade.

A criança e o dinheiro

Deve-se, ou não, dar dinheiro às crianças? Sou dos que afirmam que sim, desde que elas sejam para isto preparadas. Antes do dinheiro, apresentemo-lhes o seu justo valor. É um meio universal de aquisição. Não será nunca o principal bem da vida: "Vale quem tem"; "Vale quanto tem"; "É gente de bem porque é rica". Nunca! Mas é necessário, útil, agradável, e custa ganhá-lo. Não acrescento: "honradamente", porque, em hipótese alguma admitiremos o contrário.

Em segundo lugar, sejamos prudentes e metódicos ao dar-lhes dinheiro. Se lhes dermos ora muito, ora pouco demais, segundo os caprichos nossos ou delas, desorientamo-las, e elas não acertarão o critério de bem avaliar o dinheiro.

Se dermos com leviandade, mandando que vão apanhá-lo na gaveta ou em nossa carteira, dar-lhe-emos a falsa impressão de que dinheiro é fácil, e é só meter a mão e tirar. Se o dermos somente para seus supérfluos (... passeios, balas, sorvetes), acreditarão que quanto lhes dermos é para isso, e gastarão com supérfluos tudo que receberem.

Sou partidário da mesadinha, em quotas semanais para os menores, quinzenais para os maiores que já tiverem melhor capacidade de controle. Feita a preparação da criança, dá-se-lhe certa quantia, explica-se-lhe em que há de ser gasta.

Primeiro, o necessário: lápis, caderno, cordão do sapato, donativo do culto, condução para a escola e a igreja, etc. (Se a criança é muito pequena, ainda não permitirá tantos necessários: dá-se menos).

No começo, controla-se mais de perto o gasto. Se a criança corresponde à confiança,

alarga-se o controle. Se ela desperdiçou o dinheiro, e não o tem para o necessário, é preciso deixá-la sofrer a necessidade: irá a pé para a escola, ficará sem cordão no sapato até a próxima semana, etc. E na próxima semana tirará do seu supérfluo para o necessário que não comprou na anterior.

Parece rigoroso, mas é educativo, e sem isto virão as facilidades perigosas. Em dias festivos, ou quando o pai tiver um lucro fora do ordinário (os filhos devem saber que recebeu segundo as possibilidades do pai), pode haver uma distribuição mais farta.

E o pecado?

Há o pecado material, isto é: o ato em si é matéria para pecado; mas haverá pecado formal? isto é: terá havido malícia de pecado - advertência e desejo de violar a Lei de Deus?

Para isto deve a criança ter um senso de propriedade, que nem sempre nela encontramos - mesmo porque não lho deram. As crianças tiram o que não lhes pertence, mais como desobediência aos pais do que como furto. Isto se observa no próprio modo de se acusarem: "tirar coisas escondido".

Mesmo que se trate de quantias elevadas, ou objetos valiosos (que tanto impressionam os adultos), só lhes distinguem o valor na adolescência. Tiram o brinquedo de matéria plástica ou o anel de brilhantes, pois geralmente não medem os valores.

Quando a criança for à Confissão, é bom lembrar-lhe que confesse seu pecado, sem insistir nisto, para não lhe agravar a culpa, que se existir, Deus sabe que não é tão grave... Nas orações façam-na pedir a Deus a graça de não cometer qualquer pecado, mas não fristem o furto. Ensinem-lhe a resistir às tentações, não especificando também a sua especial fraqueza. Evite-se tudo o que pode fixar a mente infantil na falta que se quer corrigir.

8- O GULOSO



Em face de crescimento, exigem as crianças maior quantidade de alimentos do que os adultos.

Na infância, ficará sempre um gosto de comer, um apetite, uma capacidade, que talvez nos pareçam excessivos, mas serão próprios da idade. Raras são as crianças de apetite discreto.

Compreende-se que não saibam regular ainda os apetites, como não sabem conter-se nem avaliar as conseqüências de seus excessos. Os pais é que lhes devem ditar as regras, servir o necessário, impor-lhes os limites do razoável, poupar-lhes os riscos das demasias.

Tipos de gulosos

Há crianças mais desmarcadas. Estão sempre dispostas a comer, e a comer muito, se as deixarem. São vorazes, comem muito e de tudo.

Refinados: gostam de pratos finos e bem apresentados. São mais raros.

Açucarados: loucos por doces e sobremesas, mais do que em geral todas as crianças.

Afetivos: tendem para determinados alimentos e para quem lhes oferece: os pais, padrinhos, avós e tios facilmente o percebem, e "subornam" a criança, "comprando-lhe" a amizade por bombons e carinhos...

Causas

Não há explicação cabal para o procedimento dessas crianças que assim o são por natureza. São simplesmente "gulosas", como seriam surdas ou cegas, se tais tivessem nascido.

- Há fatores orgânicos na raiz dessa tendência. Mas, em numerosos casos, há também causas psíquicas e pedagógicas, artificialmente instaladas por erros de educação ...

- Errado, o proceder de muitos pais que "pagam" aos filhos com guloseimas o cumprimento do dever: "Faça, que eu lhe dou uns bombons".

- Errado, também, habituarem os pequeninos aos saquinhos de balas, cada vez que voltam para casa. Terminam os coitadinhos insensivelmente deixando em segundo plano à figura do pai, e até se aborrecendo com ele, quando, alguma vez, as balinhas não vierem. O castigo é merecido, mas a situação em si é bem triste.

- Os que julgam cortar o mal pela raiz proibindo doces e chocolates aos filhos (que os amam generosamente) caem num engano, pois a proibição excita ainda os "gulosos".

- Quando os adultos são os primeiros a exceder-se à mesa e a falar com regalo de seus rega-bofes, não admira que as crianças lhes sigam os desatinados passos.

- Há casos de juvenzinhas que se dão com excesso à comida para desfazer a silhueta extremamente delgada, como outras fazem insensatos regimes para não engordar.

- Certos psicólogos ligam a gula o desejo de domínio; a criança come mais que as outras para mostrar-se superior. Pode ser que isto aconteça. Os lares em que não há equilíbrio afetivo, e não proporcionam aos filhos a alegria de viver, produzem os mais inesperados efeitos.

Os males da gula

São muitas as devastações da gula, assim na saúde do corpo como na da alma...

- É sabido quanto o guloso tira da inteligência o que concede ao estômago. Superalimentado, o homem é antes arrastado para baixo do que impulsionado para o alto... Empanturrado, o escolar sente-se pouco disposto a exercícios intelectuais, e o

adulto a pensamentos filosóficos e pesquisas científicas. A própria sensibilidade - física, artista, moral - se embota nos glutões.

- A cuidados morais e religiosos pouco ou nada se dará quem ceva assim o animal que está em todos nós. As relações entre a temperança e a castidade, por exemplo, são notórias. S. Agostinho lembra que se torna indominável o cavalo bem tratado. A gula abre caminho a toda espécie de incontinência. Não esquecer que é a gula um dos pecados (ou vícios) capitais, isto é, fonte de outros pecados e vícios, que a ela se prendem como efeitos à causa. Ao revés, sabe-se como eram sóbrios os santos, sem exceção. A liturgia, no prefácio do tempo quaresmal, faz o elogio do jejum:: "reprime os vícios, eleva a inteligência e facilita a virtude".

Tantos males já nos dão sobejas razões para corrigirmos a tempo e com médios idôneos as crianças que se revelam gulosas.

Tratamento

Desde o princípio, a mãe deve regular a alimentação do filho, dando o necessário (nem mais, nem menos) e a horas certas - hábitos que importa criar e solidificar, para que se mantenham toda a vida. Mas tarde, cada criança se diversificará comendo mais ou menos, de acordo com suas tendências e capacidades (que não são idênticas em todas). Então, vigiarão os pais para que as mais bem dotadas de apetite se conservem nos limites do razoável... Aos pais e mais especialmente à mãe, cabe não lhes dar quanto querem ou pedem.

Bons hábitos alimentares

Nunca é cedo demais para ensinar as boas maneiras no alimentar-se:

- comer devagar, sossegadamente, sem medo que o alimento lhe fuja do prato,
- mastigar bem, para não sobrecarregar o estômago com o trabalho que compete à boca.
- quanto possível, aceitar o que se põe à mesa (como mandou Cristo a seus discípulos: cf. S. Lucas 10,8). Quanto a este ponto, não convém forçar as crianças: há preferências e repugnâncias naturais, estas sobremaneira resistentes aos esforços mesmo dos adultos, enquanto outras cedem com relativa facilidade, desde que os educadores saibam conduzir-se.

Fazer compreenderem

Com os pequeninos ficaremos apenas nas necessárias medidas, sem explicações que eles não compreenderão ainda. Mas, à medida em que as forem compreendendo, nós as iremos dando. São muitas e boas as razões de temperança, e o educador as dosará desde a simples afirmação de que "faz mal" ou "é feio" até o sentido do domínio de si e do respeito ao templo de Deus, que é nosso corpo de cristãos.

... Não convém, que os pais estejam a pregar "sermões" sobre a temperança, porque as crianças deles se cansam com facilidade e perderão a eficácia as razões que, se ditas com oportunidade, facilitam e consolidam os bons hábitos, neste como noutros terrenos.

No lar cristão

Havendo atmosfera cristã na família, é fácil orientar as crianças para pequenos sacrifícios, em que se privarão de um doce, uma sobremesa, etc., por amor a Jesus. Ou guardarão uma fruta ou um bombom, para doá-lo ao amiguinho mais pobre.

À mesa, serão servidas a seus tempo, aprendendo a aguardar pacientemente sua oportunidade ... Convictos das vantagens da temperança e dos males da glotoneria, os pais falarão naturalmente uma linguagem justa a esse respeito. Em face de algum mau exemplo que derem pessoas estranhas, censurarão seus erros e falarão com desprezo dos que fazem do ventre o seu deus (cf. Filip. 3,19)

Exemplo dos pais

Embora pareça escusado, digamos expressamente aqui, como sempre, em educação vale o exemplo dos pais:

- discretos e elegantes, no que tange à alimentação,
- servindo-se com moderação, comendo para viver (ao invés dos que vivem para comer),
- fiéis aos horários, de que só raro se apartarão,
- sóbrios e mortificados,

Dão com os próprios atos a mais eficiente lição, porque constante, vivida e muda. Os que de outra maneira procedem, nem presumam corrigir os filhos, para não agravarem com o ridículo a péssima lição que lhes ministram...

9- O MEDROSO



Há medos instintivos: como a galinha foge ao ver pela primeira vez a raposa, o homem recua diante do que lhe representa perigo. Quando o perigo é determinado e conhecido, o medo revigora o homem para a luta ou para a fuga. Quando, porém, a pessoa teme sem saber ao certo o que nem porque, não tendo para onde fugir, toma o tormentoso caminho da angústia.

É instintivamente que as crianças de dois meses estremeçam com ruídos súbitos ou com uma luz mais viva que de repente se acende. E mais tarde choram em face de um desconhecido, correm de animais, recuam ante o fogo, gritam quando as suspendem bruscamente ou as giram, etc.

Medo ao desconhecido

Tudo o que é súbito, intenso ou desconhecido produz medo à criança. É por isso que seus terrores são tanto mais numerosos quanto maior é sua ignorância das coisas. Vejam como se apavora facilmente um pequenino de dois a quatro anos. À medida que ele for tomando conhecimento da vida, vai perdendo muitos medos, a menos que uma errada educação os agrave e multiplique.

Ensina-se o medo

A criança é extremamente sugestionável: aprende com facilidade o que vê e escuta. Vê-se a mãe subir à cadeira por causa de uma barata, o pai espavorido com o número 13, as irmãs apavoradas com o trovão, etc., é natural que tome as mesmas ridículas atitudes. Assim se explicam os idiotas pavores de escuro, máscaras, cor preta, soldado, velho mendigo, sangue, etc.

Do ambiente doméstico lhe vêm outros medos: lobisomem, fantasmas, almas de outro mundo, cadáveres, doenças, micróbios, tabus alimentares, superstições mil, personagens imaginários e até reais, mas que antes devem infundir simpatia – soldado, padre, médico, dentista, mendigo...

Há medos cultivados pelos adultos. Pais, incapazes de se fazerem obedecer, apelam para intimidações; empregadas, para acalmarem as crianças, ou as fazerem comer, dormir, etc., ameaçam-nas com a guarda ou bicho-papão! Mães os sugerem a ponto de deformar a criança.

As sugestões provêm também de histórias macabras, filmes impressionantes (entre estes citamos os “infantis” “Branca de Neve” e “Chapeuzinho Vermelho”), certas revistas de quadrinhos, que vão povoando a imaginação das crianças de cenas de violências e sangue, de personagens agressivos e medonhos, e de perigos que ameaçaram outras crianças.

Recomendações excessivas

- "Não subam nas árvores, para não caírem"
- "Não joguem bola, para não se ferirem"
- "Não corram na bicicleta, para não quebrarem a espinha"
- "Não se debrucem na janela, que é muito perigoso"
- "Não tomem chuveiros, para não ficarem tuberculosos"

São lições de poltronearia, de falta de iniciativa, de caráter varonil! O que vale é que, em sua maioria, as crianças as desprezam... E se as não desprezam prejudicam-se!

Vida doméstica

Calma e tranqüila, a vida da família espalha nas crianças confiança e bem-estar. Agitada e procelosa, infunde-lhes desassossego e insegurança, levando-as ao medo difuso, gerador de angústias. Se a família é agitada por brigas do casal, por cenas de alcoolismo ou perturbação mental, não admira sejam os filhos agitados por sobressaltos ao menor ruído ou alteração de vozes...

Evitemos o medo

Não pretendemos extirpar da criança todos os medos. Não creio que seja isto possível aos adultos normais. Por mais fortes que sejamos, temos sempre algum medo, embora não o confessemos com facilidade, pois não é lá muito honroso... Procuremos, contudo, evitá-lo nas crianças.

Dar segurança

Um ambiente de segurança, em que os adultos não falem de medos e não os tenham desnecessariamente, é condição essencial. Medo gera medo; segurança estabelece segurança. Amadas, felizes, sentir-se-ão em garantia as crianças. Mesmo em face de perigos, portem-se os pais com moderação e tranquilidade, sem espantos, porque espanto produz medo.

Ambiente normal

Dê-se aos pequeninos um ambiente normal, habituando-os aos rumores comuns da casa (sem exagerados silêncios para dormirem), à meia luz do quarto para repouso diurno, à escuridão para a noite (e assim se elimina o medo à escuridão).

A criança forte

É necessário dar à criança confiança em si : sono suficiente, alimento, exercício físico, jogos de bola, corrida, exercícios de bicicleta... Isso lhe dá segurança. Arranhou? Mercúrio-cromo... Quebrou? Engessa... Se os companheiros fazem isto tudo, e ela não o faz, por medo, sentir-se-á inferiorizada. O essencial é educar uma criança sadia de corpo e espírito.

Não meter medo

Vigiar para não se falar do que mete medo às crianças; nem a família, nem as empregadas. E quando elas o ouvirem de estranhos, reduzir as coisas a suas verdadeiras dimensões, apontando o ridículo dos que temem o inofensivo.

Não ridicularizar

Quando a criança tem medo (é impossível não o ter), evite-se ridicularizá-la. Mesmo que não haja motivo real, há o subjetivo: ela vê o perigo, porque crê nele! Ridicularizar outros medrosos está certo; a própria criança não, porque isso a inibe e a inferioriza.

Confiança em Deus

Nós, que não compreendemos a educação sem o fator religioso, devemos valorizar, com a criança, a confiança em Deus: Ele nos protege. Pense a criança em Deus, invoque-O, e fique tranqüila.

Temores benéficos

Sempre que haja um perigo real, a criança deve saber temê-lo, a fim de evitá-lo. O melhor será saber com evitá-lo... A boa educação requer que não apenas se conheçam os perigos, mas se saiba evitá-los – preparando a criança para isto.

O temor de Deus

O grande temor de que o educador deve impregnar seus pupilos é aquele a que o Espírito Santo chama “o princípio da sabedoria” (Prov. 1,7). Quem tem na alma, firme e profundo, o temor de Deus, está em condições de resistir a todos os perigos e vencer todos os temores. Teme-se o pecado, porque é ofensa ao Pai, muito mais do que pela consequência de levar ao inferno. Teme-se o perigo de pecar, porque as fragilidades da natureza não precisam mais de experiências para prová-las. Teme-se as más companhias, porque são elementos de perdição mais perniciosos que o próprio demônio.

Educar para o temor de Deus é educar para a sabedoria, porque o “temor do Senhor é a própria sabedoria” (Jo 28,28). É educar para o horror ao mal e o amor ao bem. É educar para a coragem, a fortaleza, a energia, a coerência – virtudes que estão faltando assustadoramente a nossos contemporâneos. É preparar homens que, em face do dever, saberão cumpri-lo sem olhar conveniências subalternas, porque desconhecem o medo da opinião alheia e não se apavoram dos instáveis julgamentos humanos.

É para esta educação que nos devemos orientar.

10- O QUE FALTA A VERDADE



Mentir é falar contra o que se pensa, com intenção de enganar. Quem falta à verdade por não conhecê-la, erra; mas não mente. Quem mistura os fatos com cenas da imaginação, por falta de idade (ou por excesso...), não mente: altera a verdade.

O teor prático do nosso estudo não discutirá se as crianças são naturalmente verdadeiras ou mentirosas. Se umas vezes elas nos vexam com suas fraquezas, outras são incapazes de repetir o que vêem e ouvem sem misturá-lo a seus devaneios.

Ao educador o que mais importa é distinguir dos naturais enganos infantis as verdadeiras mentiras, conhecer-lhes as causas, saber como haver-se em face de uns e das outras.

Mentiras infantis

Ante a inverdade duma criança, nosso primeiro cuidado é indagar-lhe a causa, para nos inteirarmos da verdadeira situação da criança, avaliar a sua condição psíquica ou moral, e proporcionar-lhe os meios de cura.... Vejamos por que mentem as crianças e como acudi-las.

Medo

A) Eis a mais abundante fonte da mentira infantil. O Dr. Gilbert Robin ("L'enfant sans défauts") cita o resultado de um inquérito entre escolares na França: o medo figura com 72,9%, enquanto o interesse apenas com 7,6%, a ficção com 3,5%, e a maldade (como o altruísmo) com 2,6%. Afora outras causas.

Já de si é a criança insegura; muitas vezes, tímida o intimidável. Quando os pais são inclinados a castigar com freqüência e severidade ela, numa justificada atitude de defesa, nega as faltas cometidas. Desenganem-se os que apelam para a dureza, na ilusão de corrigir os filhos: conseguem apenas multiplicar os males. Da criança que desobedeceu, bateu num colega, quebrou um vaso, enguiçou a radiola, etc., farão também à mentirosa.

B) Procurem corrigir por meios suaves. Mostrem calma e compreensão. Convivam com os filhos, em relações de respeitoso e terno amor. Isto não significa fraqueza: a criança o compreenderá, se os pais souberem manter-se. Saibam ouvir, ponderar, discernir. Perdoem muita coisa, em vista da fraqueza da criança, para que ela veja que vale a pena ser leal.

Suprime-se, assim, a mais freqüente causa da mentira.

Interesse

A) Mesmo tratadas com brandura e compreensão, há crianças que mentem por interesse. Para alcançar dos pais o que de outro modo não alcançariam. Para sair da escola mais cedo. Para manter um bom nome: negam faltas cometidas, mesmo que sejam usuais castigos fortes. Etc.

Tornam-se, às vezes, irritantes: apanhadas em flagrante, negam o que as vimos fazendo. Dão explicações esfarrapadas, contraditórias.

B) É preciso revestirmo-nos de imensa calma ante casos assim. Não podemos deixar que elas nos julguem cúmplices de suas atitudes; mas não podemos ceder à irritação. A correção acertada exige calma e autodomínio.

- Alarmam-se os pais, pensando em falta de senso moral, irresponsabilidade, cinismo. Não; a criança revela antes, como diz René Allendy, no seu excelente "L'enfance méconnue", "a falta de lógica do ato, e, portanto, seu caráter reflexo ou instintivo".

Compensação

A) Inventam as histórias mais inesperadas. Muitos pais não acreditam que aquilo lhes seja convicção. É outro mundo no qual se refugiam, batidas da realidade em que vivem.

- Maus alunos, alardeiam-se os primeiros da classe.
- Gabam-se - pobrezinhos! - de passar a queijo, doces e frutas caras.
- Dizem-se órfãos, sem o serem.
- Sendo já crescidos, "promovem-se" a séries adiantadas, quando estão ainda nas primeiras. E assim por diante.

Sentem-se insatisfeitos com sua realidade exterior ou íntima. Buscam no irreal o apoio que lhes falta. Suas inverídicas histórias de grandeza, riqueza, êxito ou liberdade resolvem-lhes as tensões ou carências psíquicas ou materiais.

B) Um educador avisado, em lugar de dizer: "Um menino deste tamanho não tem vergonha de mentir assim", deve perceber que a criança está procurando (o mais das vezes, inconscientemente) uma compensação pela "vida infeliz" que leva... Vive de "faz de conta"; faz-de-conta que é a primeira da aula, que se alimenta bem, etc. Então, vejam os pais como isto é grave: há filhos que desejam ser órfãos...

- Que haverá na base dessas mentiras? São compensações de que? Em face de embustes assim, importa distinguir a causa (que é legítima) do meio (ilegítimo) a que a criança recorre. E encaminhar o problema por outros rumos, de modo prático e cordial.

Sugestão

A) Desgostam profundamente aos pais as mentiras dos filhos... Dir-se-ia que a mentira é... privilégio de adultos. Sim, porque, censurando tanto as mentirinhas infantis, dão os mais eficazes exemplos de enganos, simulações e descabidas "restrições mentais".

- Mentem os pais por comodismo, interesse e esperteza comercial. Mentem as mães diminuindo a idade, exagerando o custo das jóias, encobrendo os malfeitos da família. Impregnam de mentira o ambiente doméstico.

- Ensinam aos filhos como devem mentir: "Como é que vai dizer?" Obrigam-nos a mentir: "Diga que eu não estou em casa." Frequentemente os enganam. "Dê a boneca a ela que eu lhe dou outra"; e nunca deu. "Vamos passear": e leva a criança ao dentista.

- Censuram-nos, quando falam a verdade. "Para que disse que eu estava? Idiota!"...

Depois, fingem de indignados, quando os filhos mentem. Ou se desagradam mesmo, esquecidos de que são culpados.

B) Importa dar sempre e em tudo o exemplo da verdade. Ser neste ponto mais que

cuidadoso:

escrupuloso.

- Eliminar a própria restrição mental, quando as crianças não são capazes de compreendê-la, para que não queiram usar dela também e indiscriminadamente...

Fantasia

A) O mundo da criança não é o nosso. Ela tem o seu mundo, no qual as nossas realidades figuram deformadas, acrescidas, enfeitadas pela sua imaginação. Esse seu mundo gira em torno dela (egocentrismo), mesmo porque foi criado por ela...

Falta-lhe objetividade - que falta tantas vezes aos próprios adultos. Contando o que viu ou ouviu (sobretudo quando isso a emociona), mistura o real e o imaginário, sem saber discerni-los. E modifica a narrativa, cada vez que a repete, segundo os caprichos da fantasia, com a maior sem-cerimônia, cedendo às impressões subjetivas com inteira liberdade. As minúcias ou lhe escapam de todo ou tomam mais proporções que superam o principal.

Chamar por isso às crianças de mentirosas é xingar, de uma só vez, todos os romancistas e teatrólogos do mundo. Acusá-las de estarem convencidas, enquanto os outros sabem que inventam, é-lhes mais defesa que acusação. E, às vezes, os adultos, que estragam ou censuram as crianças que tomam o imaginário como real, são os mesmos que choram lendo romances e vendo filmes...

B) Dizem que a diferença entre um louco e uma criança é que o tempo cura à criança e nem sempre ao louco. Aqui o tempo a melhor terapêutica. Com a idade vai passando a fase fantasiosa, chega aos poucos a objetividade, aumenta paulatinamente a capacidade de perceber e comparar, amplia-se o campo da objetividade, enquanto diminui a defeituosa apreensão dos fatos e das coisas.

- Mas o educador ajudará suavemente a idade: ensinando a verdade; fazendo pequenas e freqüentes chamadas à realidade. Sem fixação no real, a criança baralha os acontecimentos, nega o que disse há pouco, inventa novas circunstâncias.

Ex: O Jorginho, de 6 anos, contando os passeios que fizera a Paquetá e ao Jardim Zoológico, disse que, neste, viu cavalos. Retificou depois que vira os cavalos em Paquetá, e negou ter dito que os viu no Zoológico. Tínhamos gravado a conversa, que lhe foi dada a ouvir para que se convencesse do seu engano. Pudera! Ele se explicou: "Eu não disse isso, não." E apontando o gravador: "Ele se enganou"...

Por isso, alguns pedagogos chamam a essas narrativas "alterações da verdade", porque lhes falta o desejo de enganar, que é o colorido próprio da mentira.

- Outras vezes, estamos em face de poetas e romancistas... Criam histórias maravilhosas e inverossímeis. Guardam-lhes os episódios. Explicam o que reputamos difícil. Irritam-se, quando duvidamos de sua narrativa. Inventam novas circunstâncias, quando se vêem em perigo.

Ex: O mesmo Jorginho conta como o pai cria uns índios em casa. A tia, que conhece a casa, pergunta em que quarto. Apertado, ele localiza os índios na garagem. Disse-lhe o

tio que ia ao Recife e queria ver os índios. Mas ele explica que não pode abrir a porta, senão eles saem. E a imaginação vai trabalhando.

Ex: "Papai, estão na sala mais de 100 homens procurando o senhor", disse a filhinha anunciando uma comissão que chegara. Tranqüilamente, o pai lhe pediu: "Vá contar quantos homens são, e venha me dizer". Volta à menina, meio sem graça: "São 8 homens, papai".

Excelente lição. Não se falou em mentira, não se repreendeu nem humilhou a criança, mas se lhe ensinou a dominar as impressões e submeter-se à realidade.

- Esta fase, forte dos 5 anos 6 anos, declina em seguida, extinguindo-se geralmente aos 8, conservando resquício, às vezes, até os 10 anos.

- O educador ensinará à criança a ver, a observar, a precisar conjunto e minúcias. Educar a atenção e a memória: há exercícios interessantes, fáceis e eficientes para isto. O desenho e os trabalhos manuais são também valiosos neste particular.

- Foerster ("Instrucción ética de la juventud") observa que o ensino da matemática se pode tornar excelente corretivo desta espécie de "mentira". As exigências "exatas" dos números irão dando à criança o senso de medida, avaliação e precisão que lhe falta. Mas, para isto é preciso que a escola tenha a preocupação de educar, e não apenas de dar os programas.



Vaidade

A) Há crianças (e adultos...) que gostam de chamar a atenção sobre si, pôr-se em evidência, fazer-se o centro de gravitação do mundo. Não podendo pela força dos fatos, recorrem à inventiva. Não se contentam com a mediocridade da vida: enfeitam-na. Não ouvem uma vantagem alheia, que não tenham outra maior a apresentar. Não é o caso da mentira de compensação, porque aqui já agem de modo consciente.

São gabolas, mas só contam vantagens onde pensam não poderem ser desmascaradas.

- O pequeno que se gabava de saber falar inglês.
- Outro que atira muito bem e feriu o ladrão a tiros; mas o pai lhe tomou o revólver...
- Outra prometia chegar qualquer dia à escola, de helicóptero, que o pai ia comprar.

B) Além das chamadas à realidade, a esses vaidosos devemos advertir do resultado contraproducente das suas invencionices, que mais os desacreditam que engrandecem. Podem cair no ridículo.

- Estimulá-los a procurar reais situações de prestígios, por meios lícitos: o estudo assegura notas altas, a bondade granjeia amigos, a destreza nos esportes desperta admirações, etc.

- Como se trata de verdadeiras mentiras, falar-lhes do aspecto moral: Deus quer que falemos a verdade. Recomendar o exame de consciência a respeito, e o cuidado de acusar-se desses pecados na Confissão. Mas proporcionar esses meios, de acordo com o desenvolvimento da criança.

Altruísmo

A) Raríssima entre pequeninos (que mentem antes para desculpar-se), encontra-se entre escolares, e mais entre adolescentes, a mentira generosa ou altruística, dita em defesa de colegas e amigos, para evitar-lhes desgostos e tirá-los de apuros. Numas vezes, apenas nega a culpa de amigo; noutras, mas raras, toma-a sobre si.

B) Louve o educador a solidariedade, principalmente nos momentos difíceis; mas saliente que um belo sentimento há de ser servido por uma atitude nobre, e não por um meio ilegítimo e vergonhoso, como é a mentira.

- Não é fácil, em casos de solidariedade de grupos, ficar com a verdade. Então importa proclamar a dignidade de quem não mentirá em caso algum, para não trair deliberadamente a própria consciência.

- Se o adolescente, ao mentir em favor de alguém, pensa em praticar um ato grandioso, que se desengane. Grandiosa é a fidelidade à verdade. Por alto que pareça o seu móvel, a mentira é incompatível com o sentimento de íntima honradez, que é a melhor base e o melhor prêmio do bom caráter.

Bem apresentada, esta doutrina sustenta o ânimo do jovem. Ou, então, ele não é generoso...

Maldade

A) Em certas mentiras o desejo de vingança se manifesta com clareza, embora seus motivos sejam, às vezes, obscuros. Outras vezes são claros, e basta termos olhos para vê-los. A criança escorraçada percebeu quanto a mentira irrita os pais; mente-lhes para aborrecê-los, vingando-se dos sofrimentos que lhe impõem, protestando contra o tratamento que deles recebe. Tanto é assim que mente sem lógica, afirmando agora o que antes negava, negando fatos notórios, prelibando a indignação que provoca.

- Eu posso não perceber, mas os outros da família facilmente me dirão por que Pedrinho me mente. É para vingar-se de minhas implicâncias e perseguições, das exigências que lhe faço e dos freqüentes ou injustos castigos que lhe imponho.

- A vingança toma, em certos casos, tonalidade curiosa: a criança mente apenas a determinada pessoa, ou sobre determinado assunto. A explicação, quanto aos assuntos, não é tão fácil: o mais das vezes só uma análise profunda a descobre.

- Quando a criança acusa inveridicamente alguém, pode fazê-lo também por vingança ou simplesmente por fraqueza de caráter, para se defender, mesmo à custa do próximo...

- Quando a criança acusa os professores, sejam os pais muito cautelosos em dar-lhes crédito. A facilidade com que é acreditada estimula essas mentiras de vingança.

Ex: Menina de 13 anos tirou sangue do nariz e sujou com ele a blusa, para acusar em casa a professora. Era de ver a satisfação com que mostrava a notícia que o pobre pai levou ao jornal e as palavras de censura com que o jornalista, leviano ou sensacionalista, se referia à mestra caluniada!

B) Mais do que alhures, falharão aqui as tentativas de cura superficiais, diretas ou violentas. Mais que nunca, devemos ir às causas e eliminá-las, para cessarem os efeitos. Afastada a causa da vingança, esta desaparece, levando consigo a mentira que lhe era o instrumento.

- A fraqueza de caráter demanda tratamento cuidadoso, de larga base e duração. Pede mais paciência que rigor. Muito mais assistência que castigos.

- Nos casos mais rebeldes os especialistas serão chamados para diagnósticos e orientação.

Doença

A) Normalmente, aos 7 anos começa a declinar a discriminação entre o real e o imaginário. Vamos, porém, que ela persista, sem respeito à idade; que a fantasia continue envolvendo toda a vida, submetendo ou misturando o objetivo ao sonhado. É provavelmente sintoma patológico.

- Quando, além da face citada, a memória, é tão falha que confunde os vários acontecimentos e suas circunstâncias, e a criança não é capaz de repetir de modo idêntico a mesma narrativa; ou quando, mais crescida, não oferece a devida resistência às sugestões, não se trata, infelizmente, de casos normais.

- Se a criança diz coisas abertamente inverídicas com desembaraço, e não percebe que fala inverdades, revela debilidade mental. Nesses casos pode acontecer (graças a Deus, raramente) a mitomania. Os casos de surtos de mentira, mais ou menos agressiva, aparentemente sem motivo, serão provável epilepsia que se manifesta.

- Certas mentiras que revelam dissociações esquizofrênicas nunca aparecem sem outros sintomas de igual natureza.

B) Em todos esses casos da histeria à esquizofrenia, o melhor é não protelar o exame médico. Não são para o tratamento do educador comum. Os pais bastam para a educação normal, como bastam para a saúde física normal. Quando os sintomas são mais graves, assim para os males do corpo como para os da mente, vai-se ao médico. E quanto mais cedo, melhor.

De modo geral

De muitos meios pode o educador lançar mão para corrigir a criança que falta à verdade. Vejamos os principais.

Ir às causas

Em qualquer circunstâncias, o principal cuidado é indagar as causas. Por que mente esta criança? Conhecida a causa, se não é apenas a idade da fantasia, cuidar de removê-la. E como freqüentemente ela está mais em nós que nas crianças, lembremo-nos de água de São Felipe de Néri: tomam-na os pais, saram os filhos... Isto é mais fácil de dizer que de fazer, pois supõe quase sempre a modificação do sistema de educação e do próprio ambiente doméstico ou social. Este último há de ser trocado, quando não podemos higienizá-lo.

Fazer amar a verdade

O fim da educação da sinceridade é infundir amor à verdade, horror à mentira e à deslealdade, quaisquer que elas sejam, ainda pelos motivos aparentemente mais belos. Dar ao educando a coragem de manifestar (prudente e discretamente) as suas convicções, e de assumir a responsabilidade de seus atos.

Isto supõe processos educacionais capazes de dar o gosto da verdade e o seu amor.

Só a alcançaremos atingindo a vontade do educando, movendo-o no desejado sentido. Enquanto não o conseguirmos, estaremos apenas bordejando sem esperança de realizar a verdadeira educação.

Confiar na criança

Um dos meios mais indicados para a cura da criança que mente (mentiras, não fabulação própria da idade) é confiar nela. "Fazer do ladrão fiel", diz o brocardo. A mentira revela quase sempre um erro de conduta; quem procede bem não precisa mentir. Por sentir-se insegura, recorre à mentira, na esperança de firmar-se. A atitude do educador influirá decisivamente sobre a criança faltosa:

- 1) com rigor e dureza, precipitá-la-á em novas e mais apuradas mentiras, a fim de escapar aos castigos;
- 2) com compreensão e bondade, desfará o medo, estabelecerá a confiança, abrirá caminho à verdade.

Mesmo apanhando-a em mentira, devemos dizer-lhe que confiamos nela e esperamos que nos corresponda. Não somente dizer, mas agir assim:

- dando-lhes incumbências de confiança: a princípio pequenas, mas crescentes à medida em que ela corresponder;
- vigiando-a discretamente, para que a espionagem não a irrite;
- pedindo-lhe contas das tarefas, mas de modo amplo e generoso, que não denuncie suspeita nossa;
- renovando-lhe a confiança, mesmo que ela às vezes recaia (por força do hábito ou da natural fraqueza);
- esquecendo (e calando para sempre) as faltas perdoadas.

Ainda quando um relato não nos satisfaz, devemos admitir que fale a verdade, até que o possamos esclarecer. Então, voltaremos ao assunto, com tranqüilidade e firmeza.

A experiência ensina que nas famílias em que as crianças convivem intimamente com os pais, em que estes "perdem tempo" com educação e se interessam pela vida dos filhos, informando-se normalmente das suas atividades quotidianas, a mentira é inexistente ou muito rara.

Estimular

Se os estímulos - prêmios, elogios, cumprimentos - impulsionam aos próprios adultos, quanto mais às crianças. A mentira lhe traz freqüentes vantagens na ordem prática: escapam a castigos, conseguem dinheiro para guloseimas, etc. Decididas a falar a verdade, é preciso não se sentirem fraudadas. O educador deve compensá-las com vantagens reais, tantas e mais do que as conseguidas pela mentira. Assim, elas verão que vale a pena falar a verdade.

A autocrítica

A consciência do homem normal é luz que não se apaga, é voz que não se cala, é verdade que não o engana. Eu minto aos outros; a mim mesmo, não.

O verdadeiro educador não pode esquecer a formação da consciência do educando. E deve interessá-lo profundamente e freqüentemente nesse trabalho fundamental de interrogar-se em face de Deus e de si mesmo. É pena que mesmo católicos só usem habitualmente do exame de consciência para a Confissão. Pagãos, como Sêneca, o queriam quotidiano. Eficaz sempre, ele o é, de modo especial, na correção do mentiroso.

Pergunta este a si mesmo: "Falei a verdade? Disse o que devia dizer? Corresponderam à verdade minhas palavras e atitudes? Fui honesto e leal nas minhas palavras e atitudes? Fui honesto e leal as minhas intenções? Sinto-me tranqüilo diante de Deus?" Respondendo a outrem, poderei enganá-lo; respondendo a mim mesmo, a consciência não permite enganos, ainda que eu os deseje. Levemos a criança a esse exame, certos de que grandes êxitos ele nos proporcionará.

Princípios para a vida

São os princípios que dirigem a vida moral. Inculcá-los é obrigação de todo educador. As bases religiosas, morais e sociais da sinceridade serão lançadas, com segurança, ao longo da educação, quer de modo direto (quando oportuno), quer como caindo por acaso.

As indicações do valor ético da franqueza e da lealdade, da confiança que merece o homem veraz, da coragem moral que a verdade exige, ou, por outro lado, a repulsa à mentira, a lástima de não podermos crer no mentiroso, mesmo quando diz a verdade, a pena de quem assim compromete a própria honra, etc., podem sair-nos nas conversas, quando as circunstâncias o comportem. Isto vale mais do que os "sermões", cujos efeitos são sempre menores do que a eloquência, quando não cansativos e contraproducentes.

E os castigos?

Ditoso educador, o que realizasse a missão sem recorrer a castigos. A maioria, porém, ainda não compreende que é possível corrigir sem punir. Sentem-se enfraquecidos, se não castigarem... Aplicando castigos (quanto mais severamente, melhor!) sentem-se realizados, mesmo que assim mais tenham feito pela perdição que pela emenda do filho! Triste, essa mentalidade.

A essência da educação da sinceridade está, como dissemos, em infundir na criança o amor a verdade. Castigos jamais o conseguirão. Os meios para consegui-los ficaram apontados. Concedo que sejam castigados os realmente mentirosos. E que o sejam mais pela mentira que pela falta conexa.

Ex: Marina quebrou a jarra de estimação, e negou-o. Seja corrigida porque mentiu: seria poupada, se o tivesse confessado. Afinal, um acidente acontece a todos nós.

Convenho que quem está habituado a castigos estranhará se não o receber pelas mentiras. Julgará que os pais não as reputam mal. Como, porém, os castigos, quanto mais severos mais aumentam e refinam as mentiras, aconselho aos que ainda não sabem desfazer-se deles que os apliquem poucos e suaves. É a questão da insegurança: quanto mais ameaçadas, mais mentem as pobres crianças.

As crianças que mentem precisam mais de amparo que de punições. Mentiriam menos, ou não mentiriam, se fossem mais felizes.

A reparação dos danos acusados pela mentira (quando previstos pelos mentirosos) não é castigo, é dever. Assim, quem calunia tem obrigação de retratar-se, para repor o bom nome da sua vítima.

O pecado da mentira

Claro que mentir é pecado, muitas vezes indicado na Bíblia. Contrário a Deus, suma verdade, que nos deu a palavra para a sinceridade: "Seja o teu sim, sim; e o teu não, não", disse Jesus. Anti-social, pois as relações humanas só oferecem segurança, se fundadas na verdade.

- No adulto, pode constituir pecado mortal, conforme a intenção e o dano previsto. Na Bíblia, as mentiras danosas foram castigadas com grande severidade. (Os dois velhos que caluniaram Susana foram condenados à morte: Daniel, cap. 13) Em crianças, a inconsideração escusa, em geral, de culpa graves, mesmo quando haja o desejo de vingança ou a preocupação clara de fazer mal a outrem.

- Na mentira em causa própria devemos distinguir:

- a fria e calculada, para auferir vantagens;

- a proferida por medo, esta de muito menor malícia. Quando Sara ouviu que ia ter um filho, riu, pois já não tinha idade. O Senhor a argüiu, e ela o negou: "Eu não ri". O Senhor se satisfez em apontar-lhe a mentira: "Tu riste, sim."(Gên. 18,10-15)

- Para a mentira generosa, a Bíblia chega a ser... generosa também. Quando o faraó ordenou às parteiras dos hebreus que matassem os filhos-homens das mulheres que assistissem, elas não o fizeram, alegando que as hebréias eram tão fortes que davam à luz sozinhas. A Bíblia realça o temor de Deus que as parteiras revelaram, e cala a mentira que pregaram. (Ex. 1,15-21).

- Não exageremos o pecado que possam cometer as crianças ao mentirem. Podemos infundir-lhes o arrependimento sobrenatural, pedir-lhes sinceridade por amor a Deus, ensinar-lhes que peçam auxílio divino para praticarem a sinceridade, a até falar-lhes do pecado, sem contudo sobrecarregar-lhes a consciência com uma culpabilidade acima de sua mente.

Na confissão, acusar-se-ão disto, como se acusam dos demais pecados.

11- O ORGULHOSO



Essa criança constantemente preocupada em mostrar as suas qualidades, inclinada a exagerar o seu valor e a fingi-lo quando não existe, a chamar atenções sobre si, sempre disposta a aparecer e ser notada, e que chega a tomar atitudes singulares no andar, na fala, nos gestos, é, sem dúvida alguma, uma criança orgulhosa.

Seu grande cuidado é impor-se à consideração alheia, salientar-se onde se encontre, estadear suas "altas qualidades", da inteligência privilegiada aos cabelos bem penteados, da bonita voz aos vestidos, dos "variados" conhecimentos às habilidades esportivas.

Seu orgulho pode tomar variadas formas, mas ao termo refere tudo a si, e a si o atribui consciente ou inconscientemente, merecida ou imerecidamente. Na sua sede e louvor, louva-se quando ninguém a louva; e até de defeitos se gaba, quando já não há qualidade e virtudes a realçar.

Outras vezes, conforme as circunstâncias, finge qualidades que não têm, jacta-se do que não fez, excede-se nas medidas e nos modos, sem perceber o descrédito a que se lança, e o ridículo que se avizinha.

Ainda bem quando, para engrandecer-se, não desmerece a outrem nem o despreza.

O paranóide

Não é o orgulho simples, a vaidade infantil (mais tangida por adultos), a bobice da menina que exhibe os cachos de cabelo ou do menino que mostra a força física. É o ensimesmado, permanentemente voltado para si, supervalorizando-se em tudo, egoísta profundo, centro do mundo, convencido de sua superioridade, que ele procura manter, exagerando seus merecimentos e diminuindo os alheios.

Presunçoso, sabe tudo, nada precisa que lhe ensinem, profere sentenças, reputa ignorantes os que não o aplaudem, quer sempre dar a última palavra nas discussões, porque não admite que contra ele possa alguém ter razão. Discute até com os professores, e, como não os pode calar, gritar-lhes ou ridicularizá-los (como faz aos colegas), explica depois aos companheiros que "o professor se enganou".

E para sempre ter ocasião de exhibir-se, cultiva a mania de oposição, atacando o que outros louvam, ou louvando o que atacam, sem qualquer preocupação de coerência.

Para sustentar a falsa posição em que se coloca, amplia insignificantes vantagens reais, deforma os fatos em seu favor, completa-os com a imaginação, ou simplesmente entra na fabulação em que figura como herói, predestinado, necessário.

Inadaptado, hipersensível, não estabelece duradoura harmonia senão com os que se lhe sujeitam e reconhecem sua superioridade. Brigão, desobediente, insubordinado em casa e na escola, faz praça de sua indisciplina, reputando fracos os que obedecem ("porque não têm força de vontade"). É freqüentemente também terror da vizinhança.

Insatisfeito quando não é o primeiro, taxa de injusta as notas escolares, acusa os mestres de parciais, reputa-se perseguido quando não vence, gosta de dominar nos jogos, sempre pronto a agravar as faltas alheias e desculpar as suas, embora mais graves e mais freqüentes.

O retrato é severo, mas fiel. Mercê de Deus, pouco freqüente com todos os característicos apontados. Mais contraditórios são os tipos atenuados, com alguns desses sinais, notando-se sempre a tendência à dominação, a mania de grandeza, a preocupação de transformar em escravos os que o rodeiam, e a facilidade de explodir à mínima contrariedade.

Trazendo do berço a constituição, manifesta-a desde pequenino, mas é na idade escolar e na adolescência que ela se pronuncia com mais clareza.

Fontes do orgulhoso

- Procede o orgulho do amor-próprio, que, sendo tão necessário e valioso em nossa vida, pode degenerar nesses excessos.
- Manifesta-se em pessoas medíocres e inteligentes; mas nestas revela falta de reflexão: pensando melhor no valor das coisas, mais se encontram razões para a humildade que para o orgulho.
- Bem analisado, o orgulhoso denuncia sentimento de inferioridade. De fato, quem tem real valor não precisa trombeta-lo: depressa ele será reconhecido; e quem tem valor, não há por que fingi-lo; se é grande não precisa exagerar; quem está certo de sua superioridade, até se vexe de alegá-la; e aquele que se gaba, é que não confia em si.
- Revela também o orgulhoso grande ignorância do real valor das coisas, prezando o que pouco ou nada vale e cedo fenece, o que lhe foi gratuitamente dado por Deus, e de que nenhum merecimento tem, ou aquilo que nada representa de valor humano.

Os motivos

Os mais freqüentes motivos do orgulho são:

- dotes físicos, que variam segundo a idade e o sexo;
- a inteligência, com a qual confundem também a memória e mesmo simples habilidades manuais;
- a riqueza, com as facilidades que proporciona à criança que a separam das menos afortunadas;
- a posição social, que enche de empáfia sobretudo os filhos dos figurões que perguntam aos "plebeus" se "sabem com quem estão falando";
- a família, cujo renome tradicional se cultiva através de sucessivos "varões assinalados";
- finalmente os êxitos pessoais, únicos que na verdade revelam às vezes algum esforço e valor.

O ambiente

A natureza da criança orgulhosa é freqüentemente ajudada pelo meio em que vive. Os pais - a mãe especialmente - não se cansam de louvar-lhe a beleza e a inteligência. Compreende-se e aplaude-se que sejam encantados com os filhos; mas também se exige que sejam discretos, para não prejudicá-los. Quando a criança é realmente encantadora, parece maiores perigos: ninguém resiste ao gosto de provar-lhe e elogiar-lhe as graças.

Que Deus as proteja!

Os pais fomentam

- Há pais que não sabem pôr termo à sua vaidade: vão das gracinhas dos pequeninos às exibições de inteligência dos escolares.

"Vá buscar o seu boletim para me mostrar".
"Diga as capitais dos estados do Brasil".
"Vamos fazer uma viagem de navio em redor da Terra".
"Quais são os presidentes da República, com as suas datas".

E as visitas se desfazem em louvores, mesmo avaliando a quanto custo foi aquilo estereotipado.

- Outros compram, a peso de elogios, a magra obediência dos filhos.

"Vá, meu bem; uma menina bonita como você não desobedece ao papai." Ou: "um menino inteligente como você"...

Subversão de valores

Parte frequentemente o orgulhoso de errada noção de valores. A mãe, excessivamente preocupada com vestes, o pai a gabar-se de que foi convidado para jantar com o ministro tal, dão aos filhos eficazes lições de ... vaidades. A pobre senhora que vive em cafés "soçaites", exibindo futilidades, fruindo os sucessos de que jornais e revistas estampam os clichês, só por milagre pode ver a filha em caminhos de modéstia e bom senso.

- Na excurria de concursos de beleza, rainhas de fancaria e desfiles de modas, vão as meninas perdendo a hierarquia dos valores e sendo arrastadas nas exhibições em que as mães, insensatas, as precipitam sem perceberem o mal que lhes fazem.

E fazem também a si, porque, mais tarde, serão elas mesmas as vítimas da desobediência, da arrogância, da falta de senso dessas filhas "educadas" assim. Em vão procurarão fazer valer a sua autoridade: ela está enfraquecida, senão anulada; e no espírito dos filhos não há condições para a desejada ressonância.

Orientar o orgulhoso

O intuito do educador não é destruir o orgulho: como todas as paixões, ele é uma força necessária, restando-nos moderá-lo e orientá-lo no sentido do bem. O brio, a estima de si, o cuidado do bom nome, ("Cuida de teu bom nome, pois esse bem te será mais estável que mil tesouros grandes e preciosos" - Ecl. 31,15) o apreço à dignidade pessoal, o sentimento de honra, as tradições de família encontram forte estímulo num comedido orgulho.

Este será para crianças e adolescentes fácil apoio, de que se libertarão aos poucos, na medida em que o espírito amadurecer e se firmar em valores mais altos e definitivos.

- Há mesmo um nobre orgulho a cultivar nas crianças, como o de uma família bem constituída e feliz, da felicidade da fé católica...

- Bem orientado, o orgulhoso será um líder - e a formação de líderes é premente necessidade da pátria. Pôr a serviço do próximo esses pequenos ambiciosos de glória será expediente valioso. As obras sociais de realização imediata, as organizações religiosas, a ajuda às missões, etc., ser-lhe-ão agradáveis. Os esportes são derivativo.

Hierarquizar os valores

Dar às crianças o justo valor das coisas é cuidado perene na educação: - beleza, força, habilidades são demasiado perecíveis; roupas e dinheiro nem sequer fazem parte de nossa pessoa; posição social e riqueza mais nos dão responsabilidade que honras: mais nos obrigam a ajudar o próximo; boa família aumenta-nos os compromissos, pois temos de mostrar-nos à altura dela.

"Somos filhos de santos e não devemos viver como pagãos que não conhecem a Deus".
(Tob. 8,5)

Não fomentar o orgulho

- Evitem os pais os elogios aos dotes físicos das crianças; e quando estranhos os fizerem, ponderem que mais valem as qualidades morais, pois as pessoas valem não pela beleza, pela força ou pela inteligência, mas por suas virtudes;
- elogiem o uso das faculdades, o esforço feito, mas o façam com discrição, sem lisonja, emulando para o dever, porque pequenos e discretos elogios são por vezes proveitosos ou mesmo necessários;
- ensinem a prelibar a alegria de consciência que fez o bem, cumprindo o dever, ajudando o próximo, praticando a virtude: não há elogios nem prêmios que valham essa íntima satisfação;
- mostrem-lhes sobretudo que nós valemos o que somos aos olhos de Deus, e não nos modificam os juízos humanos: "Pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano. Meu juiz é o Senhor". (I Cor 4,3-4)

Assim, aos poucos, irão corrigindo as crianças orgulhosas.

Falar ao bom-senso

É preciso chamar a atenção do orgulhoso:

- mostrar-lhe a sem-razão da vaidade, o ridículo a que conduz, a humilhação que pode produzir;
- ponderar que mais se preza a pessoa modesta e simples que a emproada e soberba;
- falar-lhes a sós, bondosamente, apontando-lhe os erros que comete, tratando-o com mansidão mas com firmeza, sem humilhá-lo porque então se revolta, mas sem escusá-lo (ele se defende muito bem).

A sanção natural

Quando a criança vaidosa se vir nalgum embaraço por suas gabolices ou exibições, convém deixar que amargue, sem socorrê-la por muito que isto custe: aí está uma punição forte e natural. Depois o educador lhe falará a respeito.

Recursos sobrenaturais

Nós, cristãos, temos os elementos sobrenaturais da educação, e não podemos esquecê-los:

- as numerosas lições de humildade que nos deu Cristo. (ver: Mt. 11,29; Mt. 18,4; Lc. 14,14; Mt. 8,8; Lc. 18,14 e Mt. 8,10)
- os perigos espirituais que nos acarreta o orgulho, porque "Deus resiste aos soberbos, e dá sua graça aos humildes". (Tg. 4,6), e a soberba é uma fonte de numerosos pecados;
- o cuidado de fazer todas as coisas para glória de Deus, e não para nossa glória, porque o Senhor é o princípio e o fim de todas as criaturas (reta intenção);
- o exame de consciência até diário (e não apenas para as Confissões), procurando não somente as faltas mas também suas causas, encerrando-o com a detestação e o propósito de evitá-los;
- a freqüente oração, para pedir a Deus a graça de resistir às tentações e de praticar uma sincera humildade;
- a prática dos Sacramentos da Penitência, que nos purifica, e da Eucaristia, que nos dá forças.

12- O PREGUIÇOSO



Agir é necessidade biológica da criança. Corpo e mente não se lhe desenvolvem sem movimento. Sua vitalidade é sinônimo de atividade, se é criança normal. Sendo exuberante chega a parecer-nos excessiva sua movimentação.

O trabalho é natural e agradável a todo homem sadio, especialmente à criança sadia. A ociosidade lhe é insuportável. Para a criança não há maior castigo que a imobilidade.

O trabalho é necessário em todos os domínios – físico, intelectual ou moral – sem falarmos da luta pela subsistência. A própria vida é incessante atividade: no corpo, a

respiração, a circulação do sangue e a digestão, sem as quais morreremos; na mente, sentir, comparar e julgar.

O que torna os homens infelizes é a fadiga excessiva, a ausência de êxito, a falta de correspondência entre o esforço e o indispensável à vida, a obrigação de realizar tarefas por que não sentimos gosto, a impossibilidade de realizar o que nos agrada, a associação da obra a idéias odiosas. Só por isto o vulgo execra o trabalho e faz do ócio um ideal... Mas o trabalho em si é fonte de alegria, pois realiza o homem, que, como diz Jó, “foi feito para trabalhar como a ave para voar” (5,7).

Haverá criança preguiçosa?

A criança “parada” dá logo idéia de doente. Ociosidade e infância normalmente se excluem. Tamanha é a necessidade de ação da criança que médicos e pedagogos perguntam se as haverá preguiçosas – ou se não serão doentes (físicas, mentais ou psicológicas) as assim chamadas.

É precipitação acusar de preguiça a que não foi devidamente examinada pelo médico e pelo psicólogo. Aliás, julgamos as crianças mais pelo que desejávamos que elas fossem do que pelo que realmente são. Assim, chamamos preguiçoso o menino que não quer fazer o que lhe impomos, medindo-o pelos nossos gostos, e não pelos seus. Se ele não trabalha:

- não faz o que lhe mandamos;
- “não cumpre os seus deveres”;
- “só quer brincar e comer” (sic);
- fica com o livro na mão, mas com o pensamento longe;
- só faz alguma coisa em nossa presença, mas folga quando damos as costas;
- fica remanchando;
- irrita-se tão logo se lhe fala em trabalhar;
- é de tal moleza que dorme em pé;
- brinca o dia todo e, mal pega no trabalho, se queixa de cansado ou de dor de cabeça;
- só trabalha quando lhe “dá na veneta”...

É ou não preguiçoso? Pode ser que seja, mas também pode ser que não seja... Mais facilmente o chamarei doente, pois são de doença todos os seus sintomas. Nada, contudo, direi com certeza antes que o médico e o pedagogo tenham procurado as causas de suas atitudes. Essa criança procederá por defeitos de saúde física, distúrbios psicopáticos, desajustamento social, muito mais freqüentemente do que por preguiça.

É o que iremos ver.

Saúde física

Sendo a preguiça antinatural, se a criança recusa trabalhar há de ser por causa muito séria.

- Aquela criança mole, que dorme em pé, é talvez hipotiroídiana. Esta insuficiência glandular explica também as dores de cabeça e o cansaço de que ela se queixa.

- Ainda mais sérios se tornam esses sintomas, quando provocados por mau funcionamento da supra-renal: as fadigas são mais profundas, e a criança, perdendo a vivacidade, se torna astenia.

- Pergunte ao médico que transtornos podem causar as vegetações adenóides, as amígdalas inflamadas, o desvio do septo, as deformações torácicas... Ouça o homem da ciência, e então zombará menos das dores de cabeça e do cansaço de que se queixa o “preguiçoso”.

- Toda mãe de família sabe de que é capaz o mau funcionamento do aparelho digestivo. Sendo habitual, causará enormes transtornos na sua vítima.

- Se, em lugar de médico e remédio, cuidados e carinhos, dermos a essas crianças castigos e xingações, só lhes faremos aumentar os males, agravando com desgosto e humilhações as suas deficiências.

- Pais que se negam a reconhecer as fáceis fadigas dos filhos são muitas vezes responsáveis por elas. Deixam-nos a brincar até 9 e 10 horas da noite, ou – muito pior – nos excitantes programas de rádio e TV até mais tarde ainda. As crianças não repousam suficientemente, entram em déficit nervoso, tornando-se forçosamente “preguiçosas”, isto é, incapazes para o trabalho, agitadas, irritadas, instáveis, sem ânimo para levar a termo as tarefas escolares. Em vez de descontentar-se com o filho, devem esses pais desgostar-se de si mesmos e procurar emendar-se.

Saúde mental

Numerosas perturbações psíquicas e psicológicas determinam também atitudes erroneamente denominadas de preguiça. Mais grave em si e por suas conseqüências, são essas perturbações mais perigosas que as somáticas, pois não ficam tão facilmente à vista e se ocultam à maioria dos pais.

Apontemos algumas delas.

Protesto

1) Sentindo-se maltratadas pelos pais (com razão? Tanto pior; sem razão? Antes assim, mas a causa existe subjetivamente), as crianças reagem de maneiras muito diversas.

Contra exigências demasiadas, abusos de autoridade, métodos errados de educação, imposições indébitas, repreensões injustas na essência ou na forma, elas manifestam o seu protesto, às vezes, sob a forma de “preguiça”.

- Um, extrovertidas, gritam as suas razões.

- Outras cruzam os braços silenciosamente e gozam os efeitos de sua greve.

- Às vezes, umas e outras agem inconscientemente, e, tanto não é preguiça que, com outras pessoas e noutro ambiente, trabalham bem.

Mas, na verdade, não fazem o que lhes mandamos; ou escolhem os trabalhos que lhe agradam e deixam os outros; ou não fazem como queremos. Acontece baixarem repetidamente o rendimento, que era antes satisfatório.

Essa inércia ou resistência passiva é tão natural que os simples animais a manifestam. Cansado ou maltratado, o cavalo estaca e ninguém o demove. Alguns insetos, sentindo-se bloqueados, fingem de mortos!

Incapaz de resistir de outra maneira, a criança, inconsciente ou voluntariamente, procede assim. É a defesa dos mais fracos. A sua atitude, conforme a força dos motivos, pode ser de mera defesa, de claro protesto ou de aberta vingança. Irritados ou desconhecedores desse sutil mecanismo interior, taxam-na muitos de preguiça. A criança sabe que é defesa, protesto ou vingança. Os psicólogos, conciliatórios, dizem: “preguiça” de defesa, ou de protesto, ou de vingança.

2) Em qualquer de seus graus e manifestações, o primeiro cuidado é discernir as causas.

- Não são os educadores daquelas crianças, os mais indicados para isto. O mais das vezes, é inconsciente o seu procedimento, para com o educando. Por temperamento, formação ou sistema, são duros, e não percebem seus excessos. A própria família pode apontar-lhes o que devem corrigir.

- Nem sempre será tão fácil o tratamento: não se atinou com as causas. Ou não se descobriu se o protesto é ou não inconsciente. Como proceder? Só o exame do caso pelo psicólogo o poderá dizer.

- Descobertas as causas do conflito interior da criança, resta removê-las, modificando o adulto culpado o seu procedimento, - o que basta para modificar a criança – ou retirando da mente desta a causa subjetiva, para que se restabeleça a harmonia e funcionem calmamente os instintos sociais.

Retardamento afetivo

1 – A psicologia profunda faz pasmar quem a desconhece, e chega a irritar os mais primários. Foi o que aconteceu a certo amigo meu, bom advogado, mas retrógrado em pedagogia. O filho, escolar relapso aos onze anos, guloso como um bebê de dois, amigo do sono, comodista a valer, com horror a tudo que o tire de seus hábitos, que vive a criticar o trabalho alheio, e nada, no entanto procura fazer, é, para ele, habituado a citar Lombroso nas tiradas oratórias do foro, o tipo do preguiçoso-nato...

Riu, sincero e descrente, quando eu lhe disse que considerava o menor um retardado afetivo. Expliquei-lhe que essa demasiada afeição à mesa era infantilismo, como também o eram o gosto ao sono, o medo a novidades (a insegurança pueril prefere o que é habitual) a tendência a criticar sem propor soluções (por incapacidade) e a ausência de ação retificadora – porque o infantilizado tem horror a dar de si (egotismo) e tudo quer receber dos outros.

Achou a explicação “muito engenhosa” e lhe admirou ver como era possível eu “passar a mão pela cabeça de um preguiçoso daquela marca”, e quantos outros desacertos!

- Já outros pequenos fingem de doentes para fugir ao trabalho. E sabem ser maneirosos e amáveis para despertar penas, receber carinhos e ser tratados como bebês.

2 – Verificada a diferença entre estes casos e o retardamento glandular ou mental, o educador procurará:

- levantar o nível afetivo de seu pupilo;
- remover o que lhe detém o desenvolvimento normal;
- encorajá-lo por tarefas gradativamente ascendentes;
- despertar-lhe o gosto do esforço, a satisfação do êxito do seu trabalho;
- estugar-lhe o passo para que vença o atraso e se ponha em tudo na linha da sua idade.

Desinteresse

1 – Sendo o trabalho atividade tão natural, impressionam desagradavelmente as pessoas que “não gostam de trabalhar”. Tão estranhas realmente, antes deveriam merecer-nos penas, como doentes, do que desprezo, como preguiçosos. De fato, essa inércia psíquica que não encontra prazer no trabalho, nem quando este alcança o seu fim, só pode ser mórbida, pois não é natural.

- Outro é o caso da chamada “preguiça” eletiva, que escolhe as atividades que lhe agradam, e das outras foge.

- Em ambos os casos, o adulto reagirá por amor de Deus, por cumprimento do dever, por brio ou necessidade; mas quem está ainda em formação, compreende-se que fuja do que lhe não lhe apraz.

2 – Ao educador, contudo, cabe curar o inerte e corrigir o outro. Não comece, porém, apelando para os altos motivos acima indicados, porque para os pequenos um motivo é tanto menos eficiente quanto mais elevado. Ele compreende melhor os mais imediatos, e se deixa mais facilmente atrair por eles.

- Não o podemos deixar só com o que lhe agrada, mas não devemos privá-lo de suas ocupações favoritas. A estas misturaremos gradativamente as outras, ao mesmo passo em que, por meios adequados, lhe infundiremos o gosto do trabalho e o amor ao dever. Obrigá-lo por força esgota a vigilância do educador (em cuja ausência o trabalho cessa), e não move a vontade nem a atenção. Impor-lhe o que lhe desagradava é fixar a idiosincrasia, antes agravando que corrigindo o mal.

Lentidão

1 – Se há crianças (e adultos...) que remancham propositadamente, há também as que são naturalmente lentas. Às vezes, em tudo; outras, só nas atividades físicas, pois são vivazes e rápidas nas mentais.

- Pais e mestres (mal aparelhados) se irritam com elas e lhe dificultam a vida com exigências, prazos marcados para o término das tarefas, comparações odiosas com irmãos ou colegas rápidos, complexando as que assim procedem sem culpa.

- Quando, além disto, os pais são vaidosos, ai dos filhos lentos! Enquanto uns medíocres de inteligência, mas vivazes, são elogiados como “brilhantes” e “de futuro”, outros, na verdade mais inteligentes, refletidos, e realmente de futuro (como os fatos mostrarão) são postergados ou mesmo injuriados. O menos que lhes chamam é de lesmas...

2 – Se a lentidão é propositada, enquadrar-se-á nas causas já expostas, e receberá o tratamento indicado. Se é natural, pouco conseguirão os pais que desejarem quantidade, mas conseguirão os pais que desejarem qualidade. Dou a dois datilógrafos o mesmo trabalho: o primeiro o faz em 40 minutos, cheio de imperfeições que obrigam a reescrevê-lo; o outro gasta uma hora, e o serviço é irrepreensível. Qual é o lento? Qual o preferível? Claro que o ideal será o rápido e perfeito; mas é também muito mais raro...

Mau exemplo

Muitas coisas, portanto, parecem, mas não são preguiça. Mas há crianças preguiçosas... por causa dos pais! A intenção não era esta, mas foi este o resultado.

É “por amor” para com o “filhinho do papai” que:

- lhe dão tudo à mão;
- mandam a empregada arrumar tudo quanto ele desarruma;
- criam-no sem o menor hábito de trabalho;
- deixam-no até os oito e dez anos sem saber atar os sapatos, ou pentear os cabelos, etc., etc., etc.
- e se admiram de que a “belezinha da mamãe” seja um dos “dez mais” preguiçosos do bairro ou da cidade.

Escusam-se certas mães que assim procedem, alegando que “felizmente estão em condições de pagar empregadas para o filho” – como vezes sem conta, com profundo desgosto, tenho ouvido. Quem assim “educa” não se deve espantar de que ao filho, crescido na ociosidade, repugne qualquer espécie de trabalho. Também ao novilho indômito repugna o jugo e a charrua, e ninguém o chamará de preguiçoso.

Se a atitude dos adultos que cercam a criança não é de dedicação, mas de fuga ao trabalho, se as suas máximas são de elogio ao “dolce farniente”, se o ideal é enriquecer para não trabalhar; se invejam os que nada fazem – por que estranham se os filhos pensam e... agem assim? “Filho de fato é gatinho”: filho de preguiçoso... É a hereditariedade... pelo exemplo!

E não se castiga?

Relembro a distinção entre castigo e correção. Ao educador (como ao educando) não é o castigo que interessa, é a correção. O que importa é conseguir que o menor alcance disposição para o trabalho. Não é por castigos que o conseguiremos.

Quem já não sente atrativo para o trabalho ainda menos o sentirá se associar sua idéia à de castigo. Quanto mais me impuserem tarefas desagradáveis, mais repugnâncias lhes votarei.

Há, no entanto, "castigos" que podem e devem ser impostos, em vista de seu caráter natural. Passeio, festa, certas guloseimas (refrigerantes, balas, etc.) são regalos que se negarão a quem não fez por merecê-los.

É tão arraigada na maioria dos pais a tendência a punir que repito: só os preguiçosos, e em último recurso, receberão esses castigos; os doentes precisam de remédios.

Atitudes gerais

O verdadeiro educador verá no trabalho o mais importante meio educativo natural. O educador cristão, que dá alto lugar aos meios sobrenaturais (oração, sacramentos, amor de Deus, estado de graça, cuidados de santificação), sabe que não há santidade sem sólidos fundamentos humanos, como não há construção duradoura sem alicerces seguros.

Do ponto de vista da higiene física e mental, o trabalho condiciona o desenvolvimento harmônico das faculdades e energias necessárias à vida, sem falar da situação econômica, à qual também é ele indispensável, trate-se de pobres ou de biliardários.

Que devem fazer os pais?

Nunca é cedo demais para começar. Muitos trabalhos pode a criança fazer desde pequenina:

- guardar os brinquedos e apanhá-los para jogar;
- deixar nos lugares próprios roupas e calçados que tirar;
- cuidar dos seus livros, etc.

A medida em que cresce, irá aprendendo a bastar-se, atendendo no que lhe é possível às próprias necessidades, como limpar os sapatos, etc. As meninas se encarregarão oportunamente de:

- fazer suas camas;
- arrumar suas roupas;
- varrer o quarto de dormir;
- ajudar na copa e cozinha;
- iniciar-se nas costuras domésticas;
- ajudar a cuidar dos irmãos menores, etc.

Os meninos vão a compras, ajudam no jardim, dedicam-se a trabalhos manuais.

Fazer amar o trabalho

Não com preleções, que a criança desadoram. Mas com meios eficientes, que não faltam.

- Os pequeninos podem associar o trabalho ao jogo, de maneira que farão o que devem, sem distinguir os limites entre a brincadeira e o dever. Assim este lhes irá deixando no espírito reflexos agradáveis.

- Proporcionar condições favoráveis: local apropriado à tarefa, duração compatível com as condições do sujeito, trabalhos agradáveis (aos quais se irão juntando pouco a pouco aos menos aceitos) e de acordo com o temperamento, as circunstâncias de saúde ou de educação.

Despertar interesse

Quando a criança não oferece boa disposição para o trabalho, é preciso despertá-la. Oferecer ocasião para vitórias fáceis, com resultados tangíveis: isto encoraja.

- estabelecer discretas emulações, descobrindo o que mais a estimule: há quem se anime por motivos ideais, quem pelo amor-próprio e quem por vantagens extrínsecas - cabendo ao educador descobrir o ponto sensível e aproveitá-lo pedagogicamente.
- Colocar os menos dispostos entre companheiros laboriosos é de bom efeito, desde que não se estabeleça comparação, que tornaria odiosa a companhia. A própria criança perceberá a diferença, e reagirá, por brio...
- Nada mais justo do que a recompensa ao esforço. Dêem-na, quando as crianças a merecerem. Não a prometam, ou só o façam em casos raros. Não transformem em "suborno" tão valiosa medida pedagógica. Que ela venha como espontaneamente: "Muito bem. Você fez um excelente esforço. Quero dar-lhe uma recompensa extraordinária" - e diga o que é, mas sublimemente o "extraordinário", mesmo sem chamar diretamente a atenção para isto.
- Outra maneira de estimular é apresentar o trabalho realizado aos amigos e visitas: um discreto louvor é ótimo reconfortante.

Pedir mais

Como a vida, a educação sobe ou declina. Iremos sempre pedindo mais esforços à criança: a idade aumenta, as possibilidades se desenvolvem, a capacidade se amplia - e é preciso que ela produza mais e melhor.

A suma preocupação do educador é formar o caráter: domínio de si, noção de responsabilidade, amor ao dever, busca da perfeição. O trabalho dos menores visa antes à formação moral que ao rendimento econômico.

- No começo, contentar-nos-emos com a limpeza, a constância, o respeito ao tempo previsto.
- Mas apelaremos para esforços gradualmente mais sérios, que produzam mais em qualidade e sobretudo em qualidade.

Motivar bem

Vários são os motivos pelos quais devemos trabalhar:

- Deus o quer;
- Cristo nos deu o exemplo;
- o que fizeram os Santos e os sábios;
- as exigências sociais, a necessidade, os reclamos da saúde física ou mental, etc.
- ou, pelo avesso, a vergonha da preguiça, a inutilidade do preguiçoso, as tristes conseqüências da ociosidade, e quantas outras misérias.

Anotamos que as crianças aceitam mais os motivos menos perfeitos: eles são mais tangíveis, mais próximos, mais compreensíveis. Os mais elevados servem a mentalidades mais altas. Entre uma preleção sobre o Filho de Deus simples operário em Nazaré, e o risco de perder o passeio - a criança "compreende" melhor o risco de perder o passeio...

Isto não significa que não motivemos elevadamente o trabalho. Devemos fazê-lo, sim, mas sem insistências demasiadas. Não faltarão oportunidades para dizermos de passagem uma palavra sobre o assunto:



- uma estampa de Jesus ou São José na oficina;
 - uma obra bem acabada;
 - a dedicação de um bombeiro, de um médico ou enfermeiro;
 - a descoberta de um sábio em favor da saúde ou do bem-estar dos homens;
 - a vitória de um homem que se fez por si;
- ou, também pelo avesso, a decadência de um negligente, a ruína do moço que dilapidou a rica herança, a diferença que entre dois irmãos se estabeleceu pelo amor ou negação do trabalho.

Não esqueçamos que a melhor motivação é o exemplo e o ambiente de trabalho que o próprio lar oferece.